



HISTÓRIAS DE FAMÍLIA



Força Italiana

POR DANIELA PENHA



1ª EDIÇÃO

2021

EXPEDIENTE

FICHA CATALOGRÁFICA

CÓDIGO DE BARRAS
DA CBL CÂMARA
BRASILEIRA DO LIVRO



SUMÁRIO

<i>Apresentação</i>	6
<i>Prefácio</i>	8
<i>Introdução</i>	10
<i>Nota da autora</i>	20
<i>Famílias</i>	
<i>Pisani</i>	23
<i>Del Lama</i>	35
<i>Mazzer e Perticarrari</i>	45
<i>Cammilleri</i>	55
<i>Spanó</i>	71
<i>Gallucci</i>	85
<i>Amêndola</i>	97
<i>Robazzi Bignelli</i>	109
<i>Pasqualin</i>	123
<i>Sartore</i>	135
<i>Fascino</i>	151
<i>Sposito</i>	161
<i>Spedicato</i>	175
<i>Ciciarelli</i>	185



APRESENTAÇÃO

Casa da Memória Italiana: história e cultura preservadas com união

MAURÍLIO BIAGI FILHO

 que era somente uma ideia e vontade de alguns se transformou, em pouco tempo, em um projeto de muitos e uma realidade bonita de ser constantemente revisitada.

E é isso que faremos nesse breve texto que acompanha este lindo livro, resultado da parceria firmada com a jornalista Daniela Penha, criadora do “História do Dia”, uma iniciativa louvável que expõe com muita sensibilidade trajetórias vitoriosas e empolgantes de pessoas da nossa cidade. Neste caso, o foco está nos descendentes italianos.

Criar o Instituto Casa da Memória Italiana, em janeiro de 2014, é importante confidenciar, não foi tarefa difícil. Isso porque, muito rapidamente, houve a aceitação da proposta por pessoas comprometidas em salvaguardar o patrimônio cultural de Ribeirão Preto. E esse projeto protege a arquitetura e tudo que de imaterial circunda esse imóvel localizado na Rua Tibiriçá, nº 776, em especial a imigração italiana.

Nominar cada um seria o adequado, a fim de que todos pudessem se sentir homenageados pelas horas dedicadas, o saber compartilhado e, o mais importante, o entusiasmo. Mas eles mesmos abdicam dessas congratulações, sabedores que são da gratidão que por eles sentimos, certos de que tudo se tornou possível exatamente pelo esforço individual de todos.

Entretanto, impossível não agradecer, em especial, a Edilah de Faria La-

cerda Biagi, minha mãe, e Weimar Marchesi de Amorim, que, ao meu lado, formam a diretoria mantenedora desse projeto. Ambas foram determinadas e decisivas no momento de adquirir e doar o patrimônio necessário para a consolidação da Casa da Memória Italiana. Não posso deixar de citar também a jornalista e idealista das causas culturais Adriana Silva, que acreditou desde o começo, vestiu a camisa e estimulou os planos de captação de forma muito eficiente, ajudando na viabilização projeto. E ainda o vice-cônsul da Itália na região, Vincenzo Antonio Spedicato, parceiro de primeira-hora e que atua junto comigo na vice-presidência da Casa.

Quatro anos depois da criação do Instituto, a casa foi reconhecida como espaço museológico, passo importante para os avanços que vieram em seguida.

Com atividade rotineira de cuidados com a memória; de preservação com registros audiovisuais, documentais e de objetos; atendimento educativo e iniciativas artísticas culturais, a Casa da Memória Italiana vem garantindo seu espaço entre os equipamentos de interesse histórico, cultural e arquitetônico de Ribeirão Preto e mesmo da Região.

Este livro é uma celebração. Ao manuseá-lo fica a certeza dos acertos e a necessidade da continuidade. Muito ainda há por ser feito, e todos sabem disso, mas com o mesmo entusiasmo do dia da criação do Instituto seguimos juntos, afinados, acalentados pelos resultados obtidos, convencidos de que o trabalho em equipe sustenta a empreitada ainda que longa e nem sempre leve.

Ribeirão Preto merece esse projeto. Esse projeto merece a atenção especial de todos de Ribeirão Preto. Afinal, sempre haverá um pouco da Itália nos nossos dias quentes de brasileiros ribeirão-pretanos.



PREFÁCIO

A história sobrevive

ADRIANA SILVA

Jornalista e escritora

Pisani, Del Lama, Spanó, Cammilleri, Peticarrari, Mazzer, Robazzi, Bignelli, Amêndola, Gallucci, Fascino, Sartore, Paschoalin, Sposito, Spedicato, Ciciarelli.

Em comum, todos eles têm descendência italiana. Fácil de perceber, simplesmente pela composição sonora dos sobrenomes. E não é só. Agora, outro elo une as pessoas dessas famílias. Algumas delas contaram suas histórias à jornalista Daniela Penha, que depois de banhadas da emoção própria da autora, foram organizadas nesse livro. Uma parceria entre duas iniciativas exitosas: a Casa da Memória Italiana e o projeto História do Dia.

Sensibilidade e força são as marcas evidentes desta obra. Uma narrativa após a outra e ninguém perde seu protagonismo. Os personagens desfilam entre os parágrafos, levados pelas palavras que se organizam entre vírgulas e pontos, tão bem colocadas que, em uma pequena distração do leitor, logo é possível ver a própria pessoa se apresentar. Mérito da escritora, que ao enfeitar o texto não deixa o contador da história sozinho. Diferente disso, parece ser levado pelas mãos, da primeira à última linha, quase em um bailado. A sensibilidade da escritora não oculta a força da história. O oposto é verdadeiro. A força da história deixa a autora mais sensível para narrar, sem intromissão, a sequência dos fatos.

Quando lidas uma após a outra, apesar de distintas, se unem pelos pontos comuns. Mas é nas diferenças que o conjunto demonstra a força da imigração. Primeiro, na história do Brasil, então, de Ribeirão Preto e região. Se quem veio partilha sua gratidão com quem aqui já estava, em especial pela recepção, esse último agradece o que para cá foi trazido. Além

da força, veio também um modo de vida, uma cultura que, muito rapidamente, se misturou. Tão intrínseca que, não sem riscos, é possível afirmar ter sido criada uma terceira cultura, chamada de ítalo-caipira, muito constante na culinária, no jeito de falar e na arte.

Passada, a história permanece.

Permanente, a história sobrevive.

Viva, a história, mesmo que passada, permanece.

Essa é a importância dessa obra. Tornar comum a todas as histórias de alguns. Nesse caso, alguns muitos. Italianos ou descendentes, brasileiros, ribeirão-pretanos.

Quando observada em detalhes, a história de Ribeirão Preto ganha relevância pela multiplicidade de culturas, somente possível a partir da chegada dos imigrantes de diversas nacionalidades, com ênfase para os italianos. Foram tantos que, por um tempo, eram mais do que todos. Eles fizeram-se presentes na música, no comércio, na arquitetura, na política. Nunca foram eles e nós. Pelo contrário, eles traziam na bagagem a força quantitativa que o nosso lugar precisava para avançar. E o avanço se deu, trazendo-nos até os dias de hoje.

A leitura desse livro nunca se dará, posso assegurar a cada um dos leitores, de maneira linear. Nenhuma das histórias narradas findam em si. Elas seguem sincronizadas com o tempo que passou, com as motivações que as fizeram possíveis, com outros pontos comuns entre os diferentes protagonistas. São histórias de pessoas, de famílias, imbricadas em histórias de povos e países.

Reconhecer a força dos imigrantes italianos é aplaudir quem deixou de ser um visitante para fazer-se um de nós. E nesse embalo ritmado, nós também somos eles. Quando vinculados com essa terra, somos todos brasileiros.



INTRODUÇÃO

Recordar: um ato de amor com o nosso passado

LIAMAR TUON

Historiadora

Quando fui convidada a escrever essa introdução, meu coração se encheu de alegria. Conheço há tempos o trabalho de Daniela Penha. Nossas vidas se cruzaram em alguns momentos. E fiquei eufórica! Logo depois, me ocorreu que isto seria um desafio e uma pergunta me atormentou por dias: como escrever a introdução de um livro de quem escreve com a alma como ninguém?

Dias se passaram, fui anotando ideias, revendo pesquisas, e o texto que segue é de uma acadêmica apaixonada pelo tema. Não só por ser pesquisadora, mas por também ser descendente de italianos e ter convivido com avós e tias que gostavam de contar histórias.

Nossa história, aqui escrita, poderia começar há mais de dois mil anos, mas vamos começar por meados do século XIX, quando o país que hoje conhecemos como Itália constituía-se de uma série de pequenos Estados dominados por outros reinos. Das contradições destas dominações estrangeiras, vários conflitos e guerras ocorreram, principalmente entre 1859 e 1861. Essas guerras e conflitos culminaram com a Unificação Italiana, dando-se, assim, o surgimento da Itália.

Esse período também se caracteriza por um processo de modernização capitalista, que modificou toda a sociedade e atingiu principalmente os pequenos proprietários rurais, os trabalhadores do campo e os pequenos artesãos. Empobrecidos, sem trabalho e até sem ter onde morar, pois foram expulsos do campo, os moradores da recém-unificada Itália não

tiveram outra escolha, a não ser migrar.

Do outro lado, no Brasil, em 1850, a Lei Eusébio de Queiroz proibia o tráfico de africanos para serem escravizados, justamente no momento de expansão do cultivo do café. Sem escravos para trabalhar nas novas áreas cafeeiras, os proprietários das fazendas de café optaram, em um primeiro momento, por trazer escravos de outras províncias. Essa solução, porém, mostrou-se pouco eficaz diante das necessidades dos fazendeiros, já que a suspensão do tráfico provocou um aumento absurdo nos preços dos escravos de outras províncias e, além disso, eles não existiam em número suficiente para as novas demandas.

A história da produção cafeeira no Brasil é bastante complexa. O café começou a ser produzido em maior escala no Rio de Janeiro, seguiu pelo Vale do Paraíba até a região de Campinas e, depois, para a região de Ribeirão Preto. A partir daí para Minas Gerais e Paraná, em um processo que durou décadas. Com a industrialização acelerada nas nações centrais, o hábito de tomar café ganhou o mundo e o Brasil tornou-se o grande produtor mundial de café no final do século XIX.

Os proprietários das fazendas de café dominavam a economia e a política. Muitos eram senadores, presidentes de província e, principalmente, os mandatários da política local. Além disso, a partir de 1860-1870, os políticos locais das novas áreas cafeeiras foram se distanciando da monarquia e encontrando no regime republicano uma forma de garantir seus interesses.

Se no Vale do Paraíba e mesmo na região de Campinas os mandatários locais eram conhecidos como Barões, título dado pelo Imperador, nas novas áreas produtoras os senhores de café seriam os coronéis.

Essa mudança ocorreu porque as novas áreas produtoras de café eram muito mais férteis e produtivas, gerando muito mais riqueza. Além disso, houve investimento no melhoramento de mudas, novas técnicas de plantio e novas máquinas para beneficiamento do café.

Era também o momento da modernização capitalista no Brasil. A produção passou a ser financiada por bancos e investidores, que além de produzirem café, investiram em ferrovias. No entanto, apesar das novas tecnologias, de terras férteis e do capital, o problema da mão de obra persistia.

A sociedade brasileira também estava mudando e, cada vez mais, a escravidão era vista como um mal. Muitos se organizavam para lutar pelo seu fim, inclusive intelectuais, jornalistas e até mesmo políticos. A resis-

tência dos escravizados era cada vez mais presente no cotidiano, com fugas e conflitos, principalmente nas fazendas. Diante disso, os produtores de café, diretamente ou através de seus representantes políticos, começaram a pressionar o Imperador para que subsidiasse a imigração.

No Vale do Paraíba, onde havia a maior concentração de escravizados, as terras foram se esgotando e os proprietários empobrecendo. Muito de seu capital fora investido na compra de escravizados e, então, eles eram contra o fim da escravidão. No Senado, os debates eram intensos e, se de um lado havia a pressão para investir em imigração, de outro os proprietários de escravos pressionavam para que houvesse indenização pelo investimento que haviam feito.

No Brasil, já havia algumas experiências com a colonização através da imigração. É o caso, por exemplo, de Nova Friburgo, no Rio de Janeiro, que entre 1819 e 1820 recebeu famílias suíças, e da colonização do sul do Brasil, que recebeu italianos, alemães, poloneses, ucranianos, entre outros. Os fazendeiros, entretanto, não queriam colonização; queriam mão de obra para suas fazendas de café.

Diante da urgência da situação, alguns resolveram por conta própria investir em imigração. Foi o caso do senador Vergueiro, que na década de 1840-1850 trouxe cerca de 180 famílias para trabalharem em suas terras na cidade de Limeira (SP). As condições de trabalho enfrentadas por esses imigrantes eram muito difíceis e culminaram em uma revolta, conhecida como a Revolta de Ibicaba, no ano de 1856.

E o problema da mão de obra para as lavouras de café persistia. A política na província de São Paulo era dominada pelos cafeicultores e seus aliados, que, em 1870, criaram o Partido Republicano Paulista (PRP). Assim, em 1881, a Província de São Paulo passou a pagar metade da passagem dos imigrantes e, a partir de 1884, passou a pagar a passagem integral. Para melhorar a situação, foi criada em 1886 a Sociedade Promotora da Imigração, encarregada de fazer a propaganda na Europa.

“Fazer a América”

Há inúmeros cartazes e folhetos com a propaganda da imigração realizada nesse período nos arquivos do Brasil e da Europa. Prometia-se de tudo, inclusive que bastava trabalhar alguns anos nas fazendas de café e logo se conseguiria adquirir terras. Ledo engano. A própria Lei de Terras,

de 1850, dificultou o acesso às propriedades rurais no Brasil. A necessidade de migrar era tão urgente que milhões deixaram a Itália e se dirigiram principalmente aos Estados Unidos, à Argentina e ao Brasil.

A miséria de um lado e a promessa de uma vida melhor de outro garantiram que muitos acreditassem que viriam “fazer a América”.

Nos primeiros tempos, após conseguirem a passagem, os imigrantes enfrentavam em veleiros a viagem, que poderia durar até setenta dias. Depois, em barcos a vapor, o trajeto durava entre 21 e 30 dias.

A passagem gratuita não garantia boas condições de acomodação. Os imigrantes não traziam quase nada: algumas roupas, panelas e lembranças. Acreditavam no futuro, mas tinham que deixar para trás a família, os amigos e seu lugar de origem, o que gerava muita insegurança.

A viagem podia ser muito penosa, principalmente porque as pessoas empobrecidas adoeciam facilmente diante das condições em que viajavam. Ao conversarmos com os descendentes desses imigrantes, não são raras as histórias de parentes que morreram durante a viagem ou de mulheres que deram à luz e seus filhos morreram. Nestas circunstâncias os corpos eram jogados ao mar, gerando muita dor e desespero. Além disso, em alguns momentos os imigrantes sofreram com epidemias que, quando não matavam, obrigavam os navios a ficarem em quarentena quando chegavam ao Brasil.

Ao chegarem no porto de Santos, os imigrantes eram levados para a Hospedaria dos Imigrantes, em São Paulo (1887), onde recebiam acolhimento e encaminhamento para o trabalho.

Vieram pessoas de todas as classes sociais, mas principalmente imigrantes para a lavoura, já acostumados com o trabalho rural. Vieram também artesãos, músicos, professores, operários, e até mesmo pessoas com algum recurso financeiro. O trabalho nas fazendas de café era muito sofrido, por isso, assim que saldavam suas dívidas, os imigrantes se dirigiam às cidades, considerados locais com mais oportunidades.

Nas fazendas de café, os imigrantes encontraram seu grande desafio de vida. O trabalho envolvia toda a família. Frequentemente ouvimos histórias de que até crianças de cinco ou seis anos eram levadas para pegar os grãos de café que caíam no chão do cafezal. O trabalho era duro, de sol a sol, e nem sempre a produção era suficiente para pagar as contas. Inúmeras cartas de imigrantes contaram a decepção, o medo e o futuro incerto. Por essas condições e a conjuntura internacional desfavorável da Primeira Guerra Mundial, ocorreram inúmeras greves entre os anos de 1913 a 1920.

Ribeirão Preto: morada de italianos

Neste contexto, a cidade de Ribeirão Preto, município criado na década de 1850, despontou como uma das maiores regiões produtoras de café do mundo. A Ferrovia Mogiana chegou à cidade em 1883. Trazia imigrantes e notícias, levava café ao Porto de Santos. Seus ramais e estações seguiam a produção de café nas fazendas.

Os primeiros a ocuparem a região foram os Caiapós. Depois deles, mineiros vieram, se dedicando à agricultura e pecuária. Só depois, já no século XIX, é que o café chegou à Ribeirão Preto.

A grande imigração para cidades de São Paulo aconteceu principalmente entre os anos de 1870 e 1920. Muitos municípios viram sua população crescer vertiginosamente neste período. Como Ribeirão Preto, que em 1873 contava com 5.552 habitantes, dos quais 857 eram escravizados.

Dados de estudiosos apontam que, entre os anos de 1890 e 1902, a população do município sofreu um aumento de 340%, passando de 12.033 para 52.910 habitantes, sendo que, destes, 27.765 eram italianos.

Estes dados demonstram que os imigrantes eram maioria na cidade, pois além de italianos vieram portugueses, espanhóis, alemães, japoneses, libaneses, entre outros. Embora a maioria residisse nas fazendas, o meio urbano passou a sofrer grande influência em vários aspectos.

Até 1901, a Praça XV de Novembro nem era calçada. O lazer e as sociabilidades eram mais presentes nas festas religiosas, em alguns circos que passavam pela cidade, nas sociedades fundadas pelos imigrantes e no Teatro Carlos Gomes, inaugurado em 1897. Sua construção só foi possível a partir da arrecadação de fundos entre os ricos fazendeiros de café da cidade. Seu projeto é do arquiteto Ramos de Azevedo e o construtor responsável foi Décio E. Fagnani.

Na virada para o século XX, a organização de Sociedades de Imigrantes representou uma importante forma de proteção, luta pelos direitos e sociabilidade. Em Ribeirão Preto podemos destacar a Sociedade Operária Unione Italiana (1895), que posteriormente se transformou em Sociedade de Socorros Mútuos de Ribeirão Preto, a Sociedade Espanhola de Socorros Mútuos (1904), a Sociedade Beneficência Portuguesa (1907), a Sociedade Dante Alighieri (1903) que se fundiu com a Società di Mutuo Soccorso e Beneficenza Patria e Lavoro (1910) e o Circolo Italiano (1919).

Algumas delas atuavam, sobretudo, como sociedades de socorros mútuos, em momentos de falecimento. Os sócios contribuíam e esse dinheiro era utilizado para auxiliar famílias em dificuldades, principalmente quando o pai falecia e a viúva tinha necessidades financeiras. Também auxiliavam os doentes e, quando possível, realizavam festas e desfiles comemorando as datas cívicas de suas nações de origem.

Estas sociedades foram muito importantes, especialmente para os imigrantes italianos, pois a unificação de seu país era recente e eles se consideravam genoveses, napolitanos, trentinos e não italianos. Foi aqui no Brasil, diante dos preconceitos e das dificuldades enfrentadas, que eles construíram sua identidade italiana.

As sociedades de imigrantes não tinham um papel político tradicionalmente atuante, mas entre seus membros encontravam-se pessoas que também atuavam na organização da classe trabalhadora.

A cidade contava ainda com outras sociedades como a Sociedade Recreativa de Ribeirão Preto (1908), a Sociedade José do Patrocínio, a Sociedade Amiga dos Pobres (1910), localizada na Vila Tibério para auxílio dos operários, e a Sociedade Legião Brasileira (1903), fundada pelo Padre Euclides.

Uma cidade em construção

Ribeirão Preto, no início do século XX, era uma cidade com muitos problemas, como eram as cidades naquele período. Águas paradas, sujeira nas ruas, pedintes, prostitutas e crianças abandonadas estavam entre as reclamações dos munícipes. Desde o século XIX, a cidade foi assolada por várias epidemias como sarampo, tifo, febre amarela, varíola e gripe espanhola.

Foi a partir do início do século que a cidade começou a se modernizar.

Com o calçamento da Praça XV de Novembro e a construção do coreto, muitos eventos políticos e culturais passaram a acontecer. A Prefeitura contratava bandas de música para se apresentarem. Algumas delas já participavam do cenário cultural da cidade desde o século XIX: Banda de Pedro Xavier de Paula (1887), Banda São Sebastião (1889), Trio Musical (1884), Banda de José Munhai (1894).

Por volta de 1910, quando a praça passou a ser um dos principais locais de sociabilidade, passaram também a tocar lá as bandas “Filhos de Eu-

terpe”, “Bersaglieri”, “Banda Progressista”, “Giácomo Puccini” e “Ítalo-brasileira”. Se observa uma mudança significativa na influência dos italianos. As bandas mais contratadas para tocar no coreto eram constituídas por músicos italianos ou, pelo menos, regidas por eles.

Neste período, influenciada pelas novidades do Rio de Janeiro e São Paulo, uma nova moda chegou à cidade: cafés e confeitarias como espaço de convivência. As pessoas passaram a frequentar estes locais para conversar, ler e experimentar iguarias. Eram espaços de sociabilidade, do qual as mulheres também podiam participar. Elas puderam começar a sair em público, sem necessariamente estarem acompanhadas de homens.

Vários cafés e confeitarias foram abertos no início do século XX, entre eles destacam-se a Confeitaria Autora (1910), Samaritana (1911), Floresta (1912), Smart (1913), Braga (1914), Central (1914), Brandão (1915), Victória (1915), Bohemia (1915), Castellões (1916), Quinze (1916) e Paulicéia (1919).

Embora o número de analfabetos fosse grande neste período, a cidade contava com duas livrarias: Selles e Veríssimo dos Santos. Também havia algumas bibliotecas, como a da Loja Maçônica Estrela D’Oeste, a biblioteca da Sociedade Legião Brasileira, atual Biblioteca Padre Euclides, e a Biblioteca do Ginásio do Estado.

Ribeirão também teve muitos jornais publicados, alguns com pouca duração por desagradarem os poderosos locais. Dentre estes destacamos o jornal “A Lucta” e “O Sorriso”, que tiveram seus proprietários assassinados. Existiram também os periódicos de maior duração, como “O Diário da Manhã (1899)” e “A Cidade (1905)”. Destacamos aqui que o jornal “A Cidade” representava a voz e o interesse dos cafeicultores.

Os imigrantes, principalmente os italianos, também tiveram seus jornais: espaço de denúncias e de contraponto sobre o que se dizia em relação às condições de trabalho.

Alguns desses jornais dedicaram-se a denunciar os maus-tratos e as dificuldades dos trabalhadores nas fazendas de café. Quase todos tiveram curta duração e seus proprietários foram presos e denunciados. Entre eles destacam-se: “L’Unione Italiana” (1896-1897), “Gazzeta della Domenica” (1896), “La Tribuna” (1897), “La Canaglia” (1900), “Il Diritto” (1904), “Il Corriere Italiano” (1904-1905), “L’Eco Italiano” (1905?), “Il Messaggero” (1906), “Lo Scudiscio e La Voce degli Italiani” (1914).

Os circos que passavam pela cidade todos os anos e os pequenos teatros e cinemas eram atividades de lazer. Além do já citado Teatro Carlos

Gomes, a cidade contava com outras casas de espetáculos que funcionavam como teatros e cinemas. Destacam-se: o Eldorado (1887) – depois denominado Eldorado Paulista (1916), o Paris Theatre, Paris Bijou depois Bijou Theatre (1909), Cinema Rio Branco (1912), Polytheama, Empreza Cinematográfica F. Serrador (1910), Cinema Odeon (1914), que a partir de 1915 passou a chamar Cinema Familiar, Cinema Barracão (1914), Cas-sino Antártica (1914), Central Cinema e o Cinema Ideal (1919), que fun-cionava no prédio da Sociedade Unione Italiana.

Em ocasiões especiais, como quando a Companhia Clara Della Guar-dia se apresentou na cidade, muitos italianos foram recebê-la.

Nas igrejas, nas construções das casas, na música, na alimentação, nas artes em geral, por todos os espaços geográficos da cidade os italianos dei-xaram suas marcas, pois constituíam a maioria da população.

Crises e recomeços

Em 1929, a crise da Bolsa de Valores de Nova Iorque provocou um efeito cascata mundial, que afetou profundamente os preços do café no mercado internacional. Desde 1928 iniciara-se a construção de um novo teatro na cidade de Ribeirão Preto, o Theatro Pedro II. Mais moderno e com capacidade para mais de 1,5 mil pessoas, era o novo símbolo do poder do café. Por causa da crise, sua construção só se concluiu dois anos depois e ele foi inaugurado em 1930.

Nas décadas seguintes, alguns permaneceram na produção de café e outros diversificaram a produção, dando lugar a outras culturas. Muitos imigrantes deixaram essas fazendas rumo à cidade, trabalhando nos mais diferentes setores da economia. Alguns enriqueceram e, por isso, conse-guiram “Fazer a América”. Outros muitos passaram a fazer parte da classe operária.

Nas décadas seguintes, o Brasil e Ribeirão Preto continuaram a rece-ber imigrantes de todas as nacionalidades. A vida dos imigrantes nunca foi fácil. Tiveram que superar muitos desafios para migrar, sobreviveram a epidemias e às perseguições durante a Segunda Guerra Mundial, em que o Brasil apoiou os Aliados contra a Itália, a Alemanha e o Japão.

Imigrantes e seus descendentes relatam situações de preconceito e perseguições sofridas nessa época. Nas histórias que seguem, esses relatos estão presentes.

Recentemente, a cidade de Ribeirão Preto ganhou a Casa da Memória Italiana. O imóvel, construído entre 1923 e 1925, foi residência do casal de imigrantes italianos Pedro Biagi e Eugenia Viel Biagi. Hoje, é um espaço de preservação e difusão da história italiana. Este livro faz parte do Projeto Força Italiana, no qual Daniela Penha conta as histórias narradas por seus protagonistas. Reescrevendo-as com a alma, suas histórias vão encher os corações de emoção como uma conversa com a memória de nossos antepassados.

Para os mais desavisados, pode parecer que hoje não há mais tanta influência dos italianos na sociedade ribeirão-pretana. No entanto, quando conversamos com seus descendentes percebemos que a vida deles está cheia de histórias incríveis, que merecem ser contadas e compartilhadas. Quando lidamos com a memória percebemos que ela é a retomada de um passado que faz cruzar sociedade, história e intimidade.

No tempo do capitalismo tudo é acelerado, superficial, líquido, como diria o filósofo polonês Zygmundi Bauman. O tempo da memória é aquele tempo que passa devagar, o tempo do café na cozinha acompanhado de uma boa conversa cheia de recordações. Recordar é ressignificar o passado e isto nos dá coragem para enfrentar os desafios do presente e do futuro.

Ler as histórias, contadas neste livro, é um encontro com nossa própria história. Em cada uma delas, o passado e o presente dialogam com a esperança de um futuro melhor.



NOTA DA AUTORA

Força Italiana: um presente que recebi

A força italiana mora em Ribeirão Preto. Comecei o projeto com essa certeza, claro. Não sabia, porém, o tamanho das forças que iria encontrar nas histórias dos imigrantes e de seus descendentes.

É uma força que, passadas as décadas desde a chegada do primeiro italiano da família por aqui, continua a pulsar nos costumes, nas crenças, na cultura das gerações. Uma força que transforma, sem deixar de reverenciar a história. Impulsiona e agrega, reunindo famílias à mesa para rememorar as raízes. Está presente, e nasce no passado.

Percebi que a força italiana pulsa no empreendedorismo; na construção ontem do que é Ribeirão Preto hoje; na garra de gente que fez patrimônio começando no quintal de casa, no carrinho de sorvete pelas ruas, na sala pequena com apenas um funcionário.

A força italiana está no comércio, na cultura, na arquitetura, na economia, nas engrenagens que fizeram e ainda fazem a cidade girar. Fez parte, é parte.

Potente que é, essa força não se concentra só aí – e já seria muita coisa! Ela se espalha pelas mesas, sempre fartas e rodeadas de gente. Está no jeito acolhedor de receber. Na emoção que salta, sem rodeios, e vira choro, e vira riso, e vira festa.

Os costumes falam nas histórias italianas. Falam porque se repetem e traçam um perfil dessa cultura, vista de dentro das casas, nas memórias de filhos e netos. “A casa da minha avó era cheia de gente”, me conta um. “O fogão estava sempre com panelas. Quem entrava, tinha que comer alguma coisa”, diz outro. “O Natal era uma festa da família! Todo mundo vinha. Era aquela mesa enorme!”, mais uma lembrança.

Memórias de famílias diferentes, que se entrelaçam e revelam dessa gente a marca que tanto me comoveu: eis um povo que vive com alma, por inteiro. Ama com intensidade (e, se preciso, briga e luta com ela também).

Participar desse projeto é um presente que recebi da Casa da Memória Italiana. Nunca fiz tantas entrevistas com a barriga cheia: de amor e de quitutes. Em cada casa que entrei, fui recebida com bolos, pães, doces e muita alegria. Uma alegria que me contagiou. As famílias agradeciam por poder contar, compartilhar e, principalmente, eternizar as histórias de tanta força que guardam pelas gerações.

Eu ali, gravador e caneta nas mãos: instrumento para esse eternizar, tão pequena diante do tamanho dessa história e com uma vontade tão imensa de fazer eternas as memórias.

Eu, neta de uma descendente de italianos, Sílvia Sinhorini, brava e muito amor (como pôde unir as duas coisas com tanta simbiose?). Bisneta de um Antônio Sinhorini, que estava sempre a assoviar canções de outrora. Que presente revisitar, por meio de tantas histórias outras, a raiz que é também minha.

A força italiana é isso que me faz, agora, marejar os olhos enquanto escrevo e sentir saudade de um tempo e de uma luta que não vivi de corpo presente, mas constitui toda a minha história e meu DNA. A força italiana é parte de nós! Quem bom poder preservá-la!

Sobre a autora

Daniela Penha nasceu em São José do Rio Preto, tem 31 anos e há sete escolheu Ribeirão Preto para viver. É jornalista, formada pela Unesp (Bauru) e nas redações dos jornais Bom Dia (Bauru), Diário da Região (São José do Rio Preto) e A Cidade (Ribeirão Preto), tendo atuado por sete anos na imprensa diária.

É a idealizadora do projeto História do Dia (www.historiadodia.com.br), onde conta trajetórias de vida de pessoas de todo tipo com o lema: todo mundo tem uma história para contar! Autora dos livros “Memórias do Aímorés – Sete retratos da internação compulsória”, publicado pela Biblioteca Virtual de Saúde do Estado de São Paulo, “História do Dia – Um olhar sobre o cotidiano pela trajetória de 50 pessoas” e “História do Dia – Um novo olhar sobre o cotidiano pela trajetória de 50 pessoas” da editora Outras Palavras.

Atualmente, integra o Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Alfabetização, Leitura e Letramento, na USP Ribeirão Preto.

PISANI



*Sorvete da família Pisani
começou no quintal de casa
e está na terceira geração*





sorvete da família Pisani surgiu por um sonho – literalmente. Bernardino decidira fazer sorvete. A notícia foi recebida com espanto pela esposa. Trabalhando sempre na lavoura, nunca na vida ele fizera algo do tipo. Mas Bernardino não costumava mudar de ideia. Comprou alguns livrinhos, tentou, tentou e nada. Se sentava no chão da casa simples onde a família vivia, em Ribeirão Preto, e teimava para transformar líquido em *buon gelato*.

Uma manhã, acordou contente. “Lisa, hoje eu vou fazer sorvete! Eu sonhei como tenho que fazer!”. Comprou uma balancinha, foi medindo os ingredientes e começou, em 1921, a fabricar o sorvete que ficou famoso por toda Ribeirão Preto.

- Nunca conseguimos fazer o sorvete de leite igual ao meu pai. Ele era mestre! Era coisa de outro planeta. Tanto que o outro planeta é que ensinou meu pai a fazer sorvete!

Essa é a história que Orlando Pisani, filho do italiano, passou a infância a ouvir e a vida toda a replicar.

- Meu pai não mentia, era um homem muito sério. Foi assim! Você acredita?

Toda a produção era feita manualmente. A refrigeração era com gelo e sal.

- Batia com a mão até virar sorvete.

Bernardino Pisani saía com um carrinho simples vendendo sorvetes pelas ruas da cidade, junto com seu irmão, Carmo. Eles colocavam os baldes de sorvete de massa dentro do carrinho e vendiam por colherada. Foi assim por quase vinte anos, até conseguirem juntar renda para abrirem uma sorveteria na rua Saldanha Marinho, centro de Ribeirão, na década de 40.

Com sorvete, Bernardino criou Orlando e seus outros seis filhos. O ofício que nasceu pela insistência já está na terceira geração da família de descendência italiana.

Orlando se formou professor, mas passou a vida toda fabricando e vendendo sorvetes. Como o pai, inventava suas receitas, inovava para cativar a clientela.

Empreendedor por natureza, ampliou os negócios. Além da sorvete-

ria, que manteve no centro de Ribeirão Preto e depois no Campos Elíseos por 45 anos, abriu também uma padaria ao lado, que continua em funcionamento até hoje, sob direção de outros donos.

O filho de Orlando, Renato Pisani, fez faculdade de Engenharia Química na Escola Politécnica da USP, em São Paulo. Quando estava terminando o curso, anunciou para a família que não continuaria trabalhando em grandes empresas – onde fazia estágios e tinha possibilidade de inserção na área.

Decidiu que iria trabalhar com os pais na administração da padaria e da sorveteria. Kursou também química, na USP de Ribeirão Preto, e usa todo esse conhecimento nas receitas e administração dos negócios, transformados com o tempo.

Hoje, a sorveteria que começou com a venda de sorvetes na rua é indústria. A padaria se desdobrou em fábrica de pães. Renato é quem administra os legados, que levam o nome da família. Mais do que os almoços de domingo, feitos com macarronada e polenta, herdou a força da família italiana.

O pai, Orlando, enfrenta as dificuldades de locomoção que vieram de seus 84 anos, mas quase todos os dias vai à fábrica para ver como andam as coisas. Na maior parte das vezes, não consegue entrar, barrado pelas escadas, mas fica sentadinho no carro, observando o resultado de uma história centenária.

- Onde eu trabalhei tive sucesso. Tudo o que eu fiz na minha vida foi pelo trabalho. O mestre foi meu pai. Foi insistência dele. Acho que era o sangue de família.

Partindo da Itália

Em busca de trabalho, a família Pisani deixou a Itália, comuna de Benevento, região de Campania, por volta de 1900. Na foto de despedida, o mesmo semblante fechado para quem ficaria e quem estava a partir.

Bernardino era criança, assim como a irmãzinha que veio com o pai e a mãe. Ele tinha oito anos. Ela faleceu logo quando a família chegou para as lavouras de café. Por aqui, seus pais tiveram mais um casal de filhos.

Orlando não sabe ao certo quando os pais deixaram a fazenda e partiram para a cidade. Quando nasceu, em 1935, a família vivia na área urbana e seu pai já vendia os sorvetes desde 1921, conforme a história que lhe contaram ainda pequeno.

Nas lembranças da infância, os dias de chuva têm mais destaque. Bernardino produzia manualmente e não tinha freezer para guardar os sorvetes. Quando chovia, voltava para casa com o carrinho cheio, para a alegria dos filhos, que podiam tomar quanto quisessem, evitando o estrago. No início, o sabor de leite era único no carrinho. Depois, veio o de limão e outros.

Por volta de 1942, os irmãos Bernardino e Carmo, já conhecidos pelas vendas com os carrinhos nas ruas da cidade, abriram a primeira sorveteria da família, na rua Saldanha Marinho, número 98.

A família de Bernardino vivia no mesmo prédio do negócio, que fazia fundo com a rua Visconde do Rio Branco, numeral 239. Orlando cresceu, então, dentro da sorveteria.

- Três coisas eram importantes em Ribeirão nessa época: o chopp do Pinguim, o salgado do Carioca e o sorvete do Bernardino.

São as palavras orgulhosas do filho.

Sorvete ou futebol?

Orlando e os irmãos puderam estudar, com o sustento que vinha do sorvete. Ele diz que chegou a atuar como professor, por poucos meses apenas. Sua grande paixão não estava na sala de aula e nem dentro da sorveteria.

- Minha frustração foi não ter continuado com o futebol.

Começou a jogar na infância. O dia em que se consagrou como jogador pulsa forte na memória. Jogava pelo time da escola, durante um campeonato municipal. A partida, realizada no espaço onde hoje é a Cava do Bosque, foi para os pênaltis.

Explica que, na época, por volta de 1950, aos 14 anos, um único jogador era escolhido para tentar os gols. Ele e outro forte candidato disputaram, então.

- Eu fiz 18 gols e ele 17! Pensa: 18 gols!

Passou a jogar para times de bairros e no final da década de 50 conta que estava fazendo testes para o Comercial, quando veio a decisão.

Seu irmão, Antônio, o convidou para montarem uma sorveteria.

- O sorvete não foi muito paixão. Foi uma ocasião.

O irmão deu o ultimato: o jogo ou os negócios. A responsabilidade falou mais alto. Em 1961, abriram a sorveteria Bernardino, na rua Amador Bueno, 373, em homenagem ao pai, e trabalharam juntos por 10 anos.

Em 1964, ele se casou com Lucilla Schiavotello, também descendente de italianos, a mulher e companheira de negócios, que sempre esteve ao lado no trabalho.

Passou alguns anos fora dos campos de futebol, mas não tantos. Não conseguiu ficar longe de sua paixão. Passou a jogar de maneira amadora, uma vez por semana. Diz que ficou conhecido na rotatória da Amin Calil, onde jogou por mais de dez anos. Ali, era chamado de “Batalha”. Na sorveteria, a seriedade era retomada. Voltava a ser o “seu Orlando”.

Só parou quando a idade falou mais alto, já depois dos 60 anos.

Criatividade e qualidade

Na sorveteria Bernardino, empreendimento de Orlando e Antônio, era o irmão quem produzia o sorvete. Orlando cuidava da administração. Mas, um dia, o irmão ficou doente.

O pai, então, foi chamado para ajudar na produção. Orlando conta que, na época, Bernardino já enfrentava um câncer que lhe trouxe dificuldades para falar. Mas conseguiu orientar o filho. Quando Orlando fez seu primeiro sorvete de creme, o incentivo de seu “mestre” foi fundamental para continuar.

- Não saía o som. Mas ele me chamou, pegou assim no braço: ‘Filho, você nasceu sorveteiro’.

O irmão retornou e a rotina permaneceu a mesma até 1970, quando Orlando decidiu deixar a sociedade e abrir sua própria sorveteria. O pai faleceu logo após, em 1972, por volta dos 80 anos.

Antônio ficou com o nome Bernardino e Orlando, então, batizou a sua sorveteria inicialmente de “Cremoso” e depois de “Pisani”. Conta que o estabelecimento do irmão, já falecido, acabou fechando.

Coube à sorveteria Pisani, então, seguir com o legado da família.

Orlando abriu sua primeira sorveteria, a “Cremoso”, na rua Anita Garibaldi, Campos Elíseos, onde ficou por cerca de nove anos. Em 1979, se mudou para o Centro de Ribeirão, na rua Visconde de Inhaúma, em frente à Catedral, com o nome de “Pisani”.

Precisou se mudar com os dois filhos e a esposa para o mesmo prédio. O dono não aceitou alugar só o salão para sorveteria, mas o espaço todo, que tinha a casa ao fundo. Para conseguirem arcar com as despesas, tiveram que viver no local.

- Eu morava dentro da sorveteria!

Renato vai explicando de onde vem sua paixão. Para ele, o sorvete foi, sim, encantamento. Conta dos almoços de domingo interrompidos porque era preciso atender ao cliente que chegava na sorveteria.

- Eu não sei como é minha vida sem o sorvete, porque sempre foi assim. Orlando e sua família ficaram no mesmo ponto do Centro por 23 anos.

- Ali eu criei meus filhos!

A esposa cuidava de toda administração da casa e dos negócios.

- Ela fazia banco, contador, contas, caixa. E eu fabricava. A minha mulher me guiou na vida. Me incentivava, me apoiava.

Trabalhavam sem folga, de domingo a domingo.

Manteve a tradição e continuou vendendo com os carrinhos de sorvete. Também seguiu prezando pela qualidade dos ingredientes que, repete várias vezes, garantem a gostosura do sorvete.

- Eu procurei seguir a linha do meu pai. Sorvete de fruta era feito com a fruta, não essência. Eu usava limão galego, menina! Minha mulher ralava o coco. Não por interesse, mas porque eu gostava do que fazia. Eu tinha amor, sabe?

A inspiração para novas receitas nascia em uma viagem a outra cidade, provando o sorvete de pistache. Ou, então, lendo uma revista que ensinava a fazer bolo floresta negra e adaptando a ideia.

- Eu fiz uma quantidade pequena para ver como ia ser. Virou um sucesso! Ia cereja, chocolates em pedaços... vendia era muito! Fiz também queijadinha. Tinha que me modernizar!

Além dos ingredientes naturais, revela os outros segredos do *buon gelato*, herança de família:

- Meu pai dizia: a alma do sorvete é a temperatura. É o que dá a estabi-

lidade. Tem que ter qualidade no fabricar e no armazenar. Por isso, o equipamento é muito importante: a alma de tudo para conservar o sorvete. Eu nunca deixei essa prática para trás.

Por volta de 1984, decidiu transformar a área onde vivia com a família em padaria. Fez parceria com um padeiro e colocou o negócio para funcionar.

- Ele nunca tinha feito pão na vida! Mas era empreendedor. Ele empreendia e minha mãe trabalhava. Tocavam os dois negócios.

Quem fala é o filho, Renato, com todo o orgulho pelos pais embutido nas palavras.

Com a sorveteria – e muito trabalho – Orlando e Lucilla criaram os filhos, construíram uma boa casa para a família e, depois da aposentadoria, puderam viajar, como Orlando diz, todo contente.

- Vendendo sorvetes eu fiz duas viagens para a Europa! Tô te falando que eu vendi muito sorvete! Fui tocando a vida! Mas compreí esse patrimônio trabalhando, com muito esforço.

Modernidade com tradição

Renato Pisani, que cresceu vivendo o sorvete, até tentou outros caminhos. A faculdade oferecia muitas possibilidades.

- Metade dos meus amigos estão fora do país. É uma decisão difícil. Mas eu não seria feliz tendo que fazer o que eu acho que está errado. Aqui eu tento fazer o que está certo. É a liberdade de decidir. Quem é empreendedor, não quer se submeter.

O pai, Orlando, confessa que não gostou nada quando Renato avisou que estava voltando de São Paulo para trabalhar com a sorveteria e a padaria da família. Havia feito planos para o filho, na área de Engenharia Química. Não contava, porém, com os planos que Renato já fizera, bem antes, dentro de si.

- Se me faz feliz? Muito! Eu não teria outro caminho!

Renato voltou de São Paulo em 1993, aos 23 anos, já pensando em transformar o negócio da família em indústria. Em 1997, abriu, junto com os pais, a fábrica Pisani, na Vila Mariana, bairro pouco urbanizado na época.

Começaram com um prédio pequeno, que foi se multiplicando o tempo e hoje ocupa toda uma esquina.

Em 2002, decidiram fechar a sorveteria da Catedral e vender a padaria. Renato explica que a concorrência grande na região Central, atrelada ao alto aluguel do espaço, apertou as contas.

Não ficaram sem um local de vendas, entretanto. Já haviam colocado para funcionar um ponto na Praça Santo Antônio, número 78, Campos Elíseos. Quando abriram, por volta de 2000, tiveram cautela, para sentir o movimento. À medida em que a procura por sorvetes foi crescendo, reformaram o espaço e ficaram ali por cerca de 15 anos.

- Ficou uma graça a sorveteria ali!

Pai e filho falam com inconformismo dos motivos que os fizeram fechar o espaço, em 2015: o desmazelo do poder público com a praça, que se tornou insegura e inóspita. O local se tornou ponto de venda de drogas.

- Eu só fechei pela praça. Fiquei muito doente. Se tornou um ambiente muito ruim.

Nas palavras de Orlando. Só em 2015 é que ele e Lucilla se aposentaram de vez. Com algumas reticências, como já dito. Ele continua frequentando a fábrica quase diariamente, ainda que seja para tomar um sorvetinho, contrariando as recomendações médicas para o controle da diabetes.

- Meu Deus do céu! Como eu gosto! Hoje mesmo eu tomei na fábrica...

Mais um gosto compartilhado com o filho, Renato.

- Quando você passa ao lado da máquina, dá vontade de tomar! Eu tomaria todo dia!

É Renato, 49 anos, quem administra as fábricas de pão e sorvete. O irmão, advogado, é seu sócio, mas ele fica na linha de frente. Além do trabalho como empresário, dá aulas de química. A rotina, então, começa às 6h, sem hora para acabar.

Linha do tempo

1900

Em busca de trabalho, a família Pisani deixa a Itália

1921

Bernardino começa a produzir sorvetes para vender nas ruas

*1942**

por volta de - Irmãos Carmo e Bernardino abrem a primeira sorveteria, na rua Saldanha Marinho

1961

Irmãos Orlando e Antônio abrem sorveteria Bernardino, na rua Amador Bueno

1970

Orlando deixa a sociedade e abre a sorveteria Cremoso, que depois se transforma em Pisani, na rua Visconde de Inhaúma

Em tempos de crise, a luta para prosseguir é intensa. O movimento caiu, a concorrência na área de sorvetes é grande. Procura, então, estar atento às tendências.

O açaí veio para ficar? Ele passou a produzir. Dia desses, um buffet ligou pedindo sorvete de paçoca. Não estava no cardápio da fábrica. Para não perder a venda, criou um sabor novo e agradou. Não sobrou para ninguém!

- Você tem que acompanhar o mercado. Se a gente não se adapta rápido, é eliminado. Tudo é um jogo de estratégia: se você for pequeno com postura de grande, vai quebrar. E o contrário também.

Também tem como prioridade o bom relacionamento com os funcionários.

- Como eu sou professor, acredito que a educação transforma as pessoas.

Hoje, produz em média quatro mil litros de sorvete por mês. Para a estabilidade – e capacidade – da fábrica diz que precisaria produzir, pelo menos, o dobro. Segue, então, batalhando. Os pães ajudam na balança, produzindo para escolas, cantinas, prefeituras.

Ainda com a modernidade na produção, diz que procura manter a qualidade da família. Usa frutas nos sorvetes que pedem e, alguns sabores – como o de paçoca – são produzidos de maneira artesanal. Ainda faz as receitas do avô. O sorvete de leite, por exemplo, é requisitado por buffets e restaurantes.

Com o empreendedorismo de origem italiana correndo nas veias, passou também a produzir leite e pretende abrir seu próprio laticínio. Percebe que o mercado pede, cada vez mais, a volta ao artesanal. O sorvete feito de leite, ingredientes naturais e amor.

1984
Ampliam os negócios, abrindo uma padaria ao lado da sorveteria

1997
A fábrica de sorvetes e pães Pisani passa a funcionar

2000
Abrem unidade da Sorveteria Pisani na Praça Santo Antônio

2002
Fecham a sorveteria do Centro e vendem a padaria

2015
Fecham a unidade da praça Santo Antônio e passam a focar na fábrica

Amor, garante, nunca faltou em nenhuma produção.

- É o nome da família. Quando eu assumi, meu pai disse que o compromisso era de que eu não poderia avacalhar com o sorvete que é o nome da família. Que deveria manter a qualidade.

Por isso, faz questão de ter o mentor sempre por perto. Passa quase todos os dias para buscar o pai antes de ir para a fábrica. Ficam juntos pela manhã e Orlando volta para casa à tarde. Tem um importante compromisso.

A esposa Lucilla está com a saúde debilitada pelo Alzheimer. Já não o reconhece e quase não fala. Dorme em uma clínica, porque precisa de cuidados constantes.

Todos os dias, entretanto, a cuidadora a leva para casa da família. Passa a tarde ao lado do marido, janta com ele e só retorna na hora de dormir. No outro dia, a rotina recomeça.

No negócio que começou por um sonho e cresceu em família, amor nunca faltou. Em nenhuma produção.



*Carteirinha de Orlando no Comercial:
trajetória no futebol*



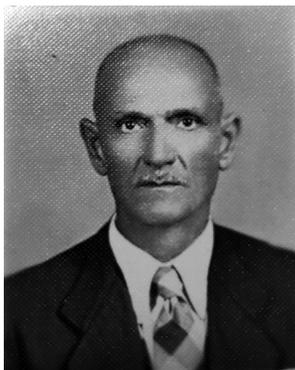
*Casamento de Orlando Pisani e Lucilla
Schiavotello em 1964*



Interior da Sorveteira Pisani, que foi aberta em 1979 no Centro de Ribeirão Preto



Fachada da Sorveteria Pisani, localizada na esquina da rua Visconde de Inhaúma com a Florêncio de Abreu, Centro de Ribeirão Preto



*Retrato 3x4 de
Bernardino Pisani*



*Renato Pisani com os pais Orlando e Lucilla: três
gerações de sorvete*

Foto de abertura do capítulo:
Família Pisani reunida na Itália antes da partida para o Brasil

DEL LAMA



Geraldo e José Luiz: dois retratos da grande família Del Lama.



Geraldo inicia a entrevista com um sonoro “Buongiorno!”. Ao longo de toda conversa, escolhe palavras e jargões italianos para enfeitar as frases. Aprendizado da intensa convivência com o avô e das vezes em que esteve na Itália buscando refazer a trajetória da família. Foi ele quem resgatou o brasão dos Del Lama, em uma das vezes em que esteve na província de Arezzo, região da Toscana, em busca de informações sobre a família.

Voltou orgulhoso, com o símbolo e a história que hoje estampam quadros e até copos nas casas de seus primos, todos entusiastas da história da família.

- Eu fui para saber nossa descendência, de onde realmente começamos. É obrigação de toda família saber de onde saiu e contar sua história.

Estimam que, no Brasil, a família passa de 500 integrantes.

José Luiz Del Lama, primo de Geraldo, mostra, todo orgulhoso, o livro que comprou na Itália. Em suas buscas na internet, descobriu que havia um integrante da família que fora amigo do pintor Sandro Botticelli. Quando esteve em Firenze, comprou o livro e conseguiu comprovar a relação. Lá está o registro de um Del Lama, em 1476, amigo do grande pintor, confirmando que a origem da família perpassa os séculos.

- Del Lama é uma família só. Se é Del Lama, é parente.

São as palavras de Geraldo. Ele e José Luiz são dois retratos entre os tantos possíveis de uma grande família italiana que escolheu o Brasil como pátria. Porta vozes de uma história de muitos capítulos, condensados em suas vivências e memórias.

Os registros guardados por eles são muitos. Documentos, reportagens, dados. Têm anotados os nomes dos navios que trouxeram seus antepassados nas duas vezes em que aportaram no Brasil e se esforçam para conseguir traçar a árvore genealógica mais detalhada da família.

Chegadas e partidas

A família Del Lama chegou ao Brasil pela primeira vez de Vapor Arno, em novembro de 1897, porto de Santos. Seguiram para a região de Bonfim Paulista, chamada Colônia Preta. O avô, Eugênio, sua esposa, Filomena Colcelli, seus três filhos nascidos na Itália e mais três irmãos solteiros.

Em terras brasileiras nasceram outros cinco filhos. Filomena morreu após o nascimento da caçula, Teresa, em 1908, aos 38 anos. Eugênio se casou de novo com Anna Manchope. No final de 1908, decidiram voltar para a Itália. As condições por aqui não eram as esperadas.

Embarcaram o casal, oito filhos, dois irmãos já casados, com suas esposas, e um solteiro.

Quando estavam em solo italiano, porém, começaram os rumores de que a Primeira Guerra Mundial iria estourar. Com medo de seus três filhos nascidos na Itália serem recrutados, Eugênio decidiu voltar de novo para o Brasil.

- Por amor aos filhos, meu avô fugiu. O governo iria pegar os três filhos dele para a guerra.

São as palavras de Geraldo. Em 1911, a família retornou, de Vapor Bologna. Dessa vez, para ficar.

- Eles não trouxeram nada. Só a roupa do corpo. Tudo o que a família Del Lama tem foi tirado no braço. O italiano trabalhou muito aqui no Brasil.

Geraldo vai compartilhando suas memórias: sabe que a família viveu em fazendas na região de Ribeirão Preto, trabalhando nas lavouras de café, até por volta de 1920.

Seu avô conseguiu juntar uma renda e comprou um grande imóvel na rua Minas com a Pompeu de Camargo, nos Campos Elíseos.

Foi ali que os filhos abriram seus negócios. A marcenaria do Egyno, onde Antônio, pai de José Luiz, aprendeu o ofício que levaria pela vida toda. A mercearia do Zeffiro. A casa de muitos deles, que viviam juntos.

- Sempre fomos muitos unidos.

Geraldo faz questão de dizer.

Quando o avô faleceu, em 1948, aos 83 anos, fizeram a partilha do

imóvel e cada filho comprou uma nova casa. A maioria permaneceu nos Campos Elíseos, mantendo a calorosa união italiana.

Jardinagem como herança

Cada um dos oito filhos de Eugênio criou em Ribeirão Preto um novo núcleo familiar, que foi se multiplicando em outros e outros.

Pasquale Del Lama teve oito filhos, mas “vingou só quatro”, nas palavras de Geraldo, seu caçula. Ao longo da história, são muitas as crianças que se foram por um mal-estar ou um dedo espetado no prego: coisas simples para os dias de hoje. Os primos relatam que não havia saúde e assistência.

- A Marina morreu com quatro anos, por uma febre. O João morreu pequeno também. Minha mãe dizia que quando um filho era muito inteligente, Deus levava. Mas não era nada disso...

Pasquale criou a família com muito trabalho. Primeiro na lavoura, depois descascando milho e, em 1932, conquistou uma vaga na Prefeitura de Ribeirão Preto. Tomava conta das praças públicas no Centro da cidade. Primeiro trabalhou na praça da Catedral e, a partir de 1945, foi para a Sete de Setembro, onde ficou por quase vinte anos.

- A árvore consagrada mais bonita de Ribeirão Preto foi ele quem plantou. É uma Sapucaia, na praça Sete de Setembro, rua Florêncio de Abreu.

Geraldo tem orgulho no discurso. Seu pai não pôde estudar e assinava com a digital, mas partiu com legado.

- Uma coisa nossa família nos deixou: honestidade. A gente aprendeu isso. Souberam nos dar educação moral e cívica. E nós temos muito orgulho.

Os filhos começaram a trabalhar cedo para ajudar em casa. Nas memórias de Geraldo, a história de seu nascimento, em 1944, é vívida. O pai fez uma cirurgia no estômago e, por tanto trabalhar, os pontos se romperam. Seu irmão, que tinha 10 anos na época, precisou manter as contas da casa sozinho.

- Naquele tempo, se não trabalhasse, não recebia nada. Meu irmão sustentou a família com uma tesourinha, cortando grama.

Muito pequeno, Geraldo já acompanhava o pai na praça.

- Eu cresci ali. Comecei com oito anos a ajudar. Meu pai levava a gente junto. Apreendi a profissão.

Com 10 anos, ele já fazia bicos na jardinagem, engraxava sapatos, ganhava “o dinheirinho”, como diz. Diferente dos amigos, que precisavam entregar tudo para a família, podia ficar com parte do que recebia.

- No final de semana, eu ia no Theatro Pedro II com o meu dinheiro.

O pai deixou o cargo de cuidador das praças em 1962. Não chegou a se aposentar. Teve um enfarto e faleceu, aos 57 anos. Geraldo, então, assumiu seu posto. Já somava experiência, com muito trabalho.

- Só praças, eu fiz 28 em Ribeirão!

Se casou em 1969, com uma esposa portuguesa. Assim como seu pai, ele criou os três filhos com a jardinagem: um é arquiteto, o outro trabalha na área industrial e uma é enfermeira. O mais velho dos cinco netos tem 22 anos e o mais novinho arranca suspiros do avô, que anda com suas fotos na carteira.

Geraldo se aposentou em 1995, aos 51 anos, mas continuou trabalhando. Hoje, aos 75 anos, tem a memória repleta de detalhes. Reconstrói a história da família, com datas e dados nítidos como se fora ontem.

José Luiz

Antônio Del Lama, pai de José Luiz, era filho de Zeffiro, que era o primogênito de Eugênio. Apesar de terem uma geração de diferença, a proximidade de idades entre José Luiz e Geraldo está no fato de que José Luiz, 73 anos, é o primeiro filho de Antônio e Geraldo, 75, é o caçula de Pasquale.

A marcenaria que aprendeu com o tio Egyno, na rua Minas, foi o ofício de Antônio pela vida toda. Abriu seu próprio negócio na rua Capitão Salomão e criou seus 14 filhos com o trabalho. Teve também uma forte atuação religiosa, ordenado diácono em 1978.

Exerceu as funções diaconais por 39 anos na igreja Santo Antônio de Pádua, na Capela Nossa Senhora das Graças, que ajudou a construir, e no atendimento às famílias que perderam seus entes nos velórios do Cemitério da Saudade.

- Ele era muito querido e preocupado com as pessoas. Rezava missa, batizava. Dedicou a vida para a família, a igreja e o trabalho dele.

Criou os filhos com rigidez e rigor.

- Eu, como mais velho, tinha que dar o exemplo.

Nas palavras de José Luiz.

Um dos irmãos, Maurício, nasceu com uma lesão cerebral e precisou dos cuidados dos pais a vida toda.

- Eles tiveram todo amor e cuidado. Tanto que depois que meu irmão faleceu, aos 63 anos, minha mãe foi embora, partiu também. Ela sentiu que sua missão estava cumprida.

Sua mãe faleceu aos 87 anos, em 2013, e seu pai aos 94, em 2016. Entre os 14 filhos, deixaram profissionais de diversas áreas: geólogos, químicos, funcionários públicos, empresários.

José Luiz fez o científico na escola e queria estudar Engenharia Mecânica, em São Carlos. A rigidez do pai atrapalhou.

- Ele me falou que eu não tinha condições de morar sozinho. E, então, eu fui para São Paulo, sem fazer a faculdade, para mostrar que eu podia.

Ficou quase três anos provando sua independência antes de decidir voltar para Ribeirão.

- A gente era tão ingênuo que era motivo de chacota. Em 1964 eu estava em São Paulo. Vi os tanques na rua e achei que teria desfile. Não sabia de nada! Era sempre em casa.

Se casou em 19 de julho de 1969, dia em que o homem pisou na lua, e brinca:

- Não se sabia o que destacar!

Teve três filhas e oito netos.

Trabalhou por anos como funcionário da loja Sanitária Paulista, de materiais para construção. Quando os donos decidiram vender, pediu uma oportunidade e comprou os fundos do espaço. Em sociedade com o irmão, Marcelo Del Lama, abriu em 1978 a loja que se tornaria a Del Lama Acabamentos, uma das principais do ramo em Ribeirão.

- Abrimos com meu FGTS e o do meu irmão.

Começaram na avenida da Saudade, número 600. Ganharam visibilidade montando showroom dos espaços, uma novidade na época.

- A pessoa gostava tanto que queria do jeito que estava!

Em junho de 1990, enfrentando o Plano Collor, mudaram a loja para o espaço atual, com mais de 900 m² de showroom. O negócio soma, então, 41 anos de história, com uma das filhas de José Luiz participando da administração.

Lembranças compartilhadas

Os grandes almoços de domingo, a criação rígida, a braveza dos pais são algumas das lembranças compartilhadas pelos primos Geraldo e José Luiz.

Antônio criava frangos no fundo da marcenaria para não faltar a mesa farta para os filhos. Aos domingos, matava a ave para comer com polenta e macarrão, regado ao vinho e musicado com discos de cantores napolitanos na vitrola.

- Esses almoços são lembrados até hoje!

Os horários das refeições, durante a semana, tinham que ser cumpridos com exatidão.

- Minha mãe fazia o prato de cada um, individual. Era para comer tudo. Nem mais, nem menos.

São as lembranças de José Luiz, que se complementam com as de Geraldo.

- Na minha casa, até podia repetir. Mas não a mistura. A mistura era uma vez só.

Na casa de José Luiz, todos se reuniam para ajudar a fazer linguiças com carne de porco. Um porco inteiro!

- Pendurava a linguiça para defumar e ai de quem fosse pegar um pedaço!

Geraldo relembra as broncas.

- Na escola, o professor batia. E se reclamasse em casa que tinha apanhado, apanhava de novo do pai.

Com toda rigidez, e com trajetórias tão diferentes, os pais deixaram para os filhos o amor à família, que vem com a valorização da história.

- Eu tenho muito orgulho da retidão dos mais velhos.

Nas palavras de Geraldo.

Eles contam que o primeiro contato com a Itália, e a família que vive por lá, foi feito por intermédio de um primo Del Lama.

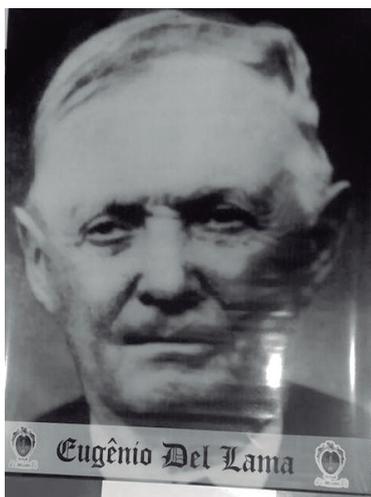
Ele mora perto do cemitério feito em homenagem aos pracinhas brasileiros, em Pistoia. O funcionário que toma conta do lugar é brasileiro. O primo lhe contou que queria reencontrar a família que partira para cá tantos anos antes.

O brasileiro se comoveu com a história e encontrou os Del Lama de Ribeirão. Traduzia para o italiano as cartas da família brasileira, até que a comunicação pudesse ser presencial, com as viagens daqui para lá e de lá

para cá que, agora, são constantes.

- Eu fui atrás da nossa história como que pagando um tributo ao que eles viveram aqui. Foi um início muito difícil. É nossa família!

São as palavras de José Luiz, compartilhadas por Geraldo e por toda a grande família de origem italiana e coração brasileiro.



*Eugênio Del Lama,
que trouxe a família da Itália
para o Brasil*



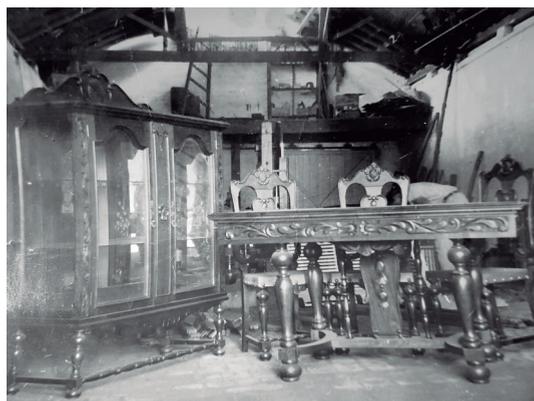
*Inauguração da loja de Antônio, com a presença
de importantes figuras da cidade*



*Fachada da loja de móveis de Antônio na
rua Capitão Salomão*



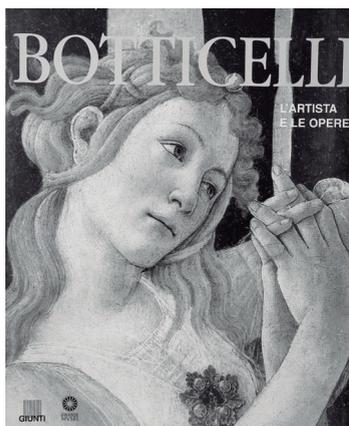
*Interior da loja de Antônio na
rua Capitão Salomão*



*Marcenaria de Antônio nos fundos da casa
onde vivia com a família*



Armazém Del Lama, propriedade de Sabatino Del Lama, um dos filhos que vieram da Itália



Livro onde consta a participação de um Del Lama no contexto das artes em 1476

Foto de abertura do capítulo:
Primos José Luiz e Geraldo Del Lama

MAZZER E PERTIGARRARI



*Música de Alexandre
tem raízes fincadas na
história italiana*



Ma música de Alexandre, vibram os acordes de uma história italiana. Seu canto, suas notas no piano têm raízes nas famílias que saíram da Itália buscando escrever trajetória de prosperidade no Brasil. Peticarrari, a do pai. Mazzer, a da mãe. Alexandre Mazzer Peticarrari tem legado em dobro!

A mesma varanda da casa onde ele, ainda menino, tocava seu pianinho na foto que hoje é recordação foi palco também para as canções de seu tio -avô, Salvino Peticarrari, com seu acordeão. A família vivia na mesma quadra. Nas lembranças de Alexandre, vibram os acordes do tio, que também teve a música como herança.

Salvino aprendera com o pai, João Peticarrari, bisavô de Alexandre. Conhecido como Pendurado, João tocava acordeão em bandas nos bailes de Sertãozinho, região de Ribeirão Preto, onde a família se fixou. Para cada filha que nascia, compunha uma canção e reunia os amigos músicos para gravar. Raízes de uma história musical que contagiou a família.

Entre os muitos tios das grandes famílias que se formaram em solo brasileiro, são vários os que encontraram encantamento em um instrumento, no canto, no teatro: nas artes! Alexandre diz, com o peito estufado de orgulho, que se alegra em estar entre eles:

- Eu acredito que meus antepassados estão felizes em ouvir o neto fazendo isso.

A música italiana causava emoção inata no jovem que começou a tocar de menino, elegendando os instrumentos musicais como brinquedos favoritos.

Como explicar o que mora do lado de dentro?

- Eu ouvia a música italiana e me identificava. Sentia que aquilo tinha a ver comigo. Se eu ouvisse em algum lugar, parava para admirar.

Quando foi convidado para assumir a coordenação do coro Mário Lazzaro - I Cantanti della Cantina Piatto, que depois se transformou no grupo Memorie d'Itália, aceitou cheio de vontade, pronto para o desafio. Já havia se encantado pela ópera italiana na faculdade.

- O cantor que se propõe a cantar música italiana tem que conhecer a história desse canto. Essa língua que fala dentro de mim, de um repertório que não é da minha época, mas me emociona quando ouço e quando executo.

Hoje, o grupo, que integra a Casa da Memória Italiana de Ribeirão Preto e utiliza esse espaço para seus encontros e ensaios, soma quase 10 anos de histórias, com cerca de 30 participantes e apresentações que ficam na memória da cidade – e na de Alexandre.

- O concerto de Natal é um momento de grande realização. Ouvir a música italiana cantada daqui, da janela da Casa, como muitos italianos fizeram é uma emoção imensa.

Aos 34 anos, Alexandre já tem partituras de histórias com a música que nasce no passado. Mas pretende continuar escrevendo mais e mais capítulos, para um futuro musical.

As chegadas

Para rememorar sua história, Alexandre iniciou uma busca pela trajetória que vem de outrora. No dia da entrevista, contou que estava realizando uma expedição pelos registros das famílias – e que não pretendia deixar essa vontade adormecer.

- Eu estou descobrindo coisas dos meus antepassados na minha rotina e até no meu comportamento. Sinto que hoje vivo muito em virtude daquilo que minha família me proporcionou com as experiências que ela teve. Esses laços têm me motivado a seguir.

Na história que resgatou, há muita força. Tataravós, bisavós, avós que trabalharam para conquistar um espaço em terra estrangeira.

- O que eles tinham era a língua, a paixão pelo país que deixaram e a família que trouxeram.

Antônio Peticarrari, seu trisavô, deixou a Itália, comuna de San Severino Marche, por volta de 1890 para trabalhar na lavoura em Sertãozinho. Se fixou em uma fazenda que, pelas pesquisas da família, ficava próxima do que hoje é a região central da cidade.

João Pendurado, um de seus filhos, além de ficar conhecido pelo acordeão em toda cidade, também trabalhava como alfaiate. Antônio Peticarrari Neto, filho de João e avô de Alexandre, também ficou conhecido, mas o ofício era a mecânica.

A “camionete do vô Tonico”, como os netos chamavam seu Ford 59, foi restaurada pelos familiares e Alexandre diz que está com a família ainda hoje.

Antônio Peticarrari Neto se casou com Iracema Tognon e teve três filhos. Ela faleceu aos 38 anos, por problemas de coração. Os filhos cresceram sem a mãe e começaram a trabalhar cedo. Alexandre conta que seu pai, Wilson Roberto Peticarrari, começou a trabalhar aos 12 anos. O principal ofício foi a pintura de caminhões e máquinas agrícolas.

- Eu sinto que eu estou revivendo o passado dos meus antepassados. Isso traz para nós uma identidade. Na vida moderna, a gente se distancia da nossa identidade, da nossa origem.

Os encontros

Os Mazzer chegaram ao Brasil em 1887, de vapor Bourgoigne, porto de Santos. Partiram de Treviso, no Vêneto. Angelo Mazzer e Regina Prizzon, com 41 e 42 anos, deixaram a Itália com seus nove filhos e escolheram Sertãozinho para viver.

Trabalhavam na Fazenda da família Dumont, onde cresceu Antônio Mazzer, um dos filhos, bisavô de Alexandre. Ele tinha dois apelidos: “galletto” e “barbatoni”, que o bisneto acredita ter vindo de seu farto bigode.

Amadio, filho de Antônio e avô de Alexandre, também trabalhou na lavoura por um tempo, depois foi mascate, vendendo legumes em uma carriola. Domingo era dia de missa. Quando ele voltava para casa, era esperado por uma fila de clientes querendo cortar os cabelos: outro ofício.

Se casou com Aurora Magro e tiveram seis filhos, entre eles Sílvia Regina Mazzer Peticarrari, mãe de Alexandre, sua grande inspiração.

Quando criança, Sílvia teve paralisia e passou 10 anos sem conseguir andar, realizando cirurgias para se recuperar. Conseguiu retomar os movimentos e seguiu com a vida. Alexandre se lembra de quando ela vendia potes de cozinha de casa em casa, seguindo o exemplo da avó.

- Minha mãe é um exemplo de superação por tudo que ela passou. O enfrentamento da vida, a coragem: ela ousou.

As histórias das duas famílias se cruzaram pela primeira vez em 28 novembro de 1959, nesses acasos da vida que não se sabe dizer quanto têm de acaso e quanto têm de destino. Sílvia nasceu no dia 14 daquele mês. Em seu registro de nascimento, está a assinatura de Antônio Peticarrari, pai de Wilson, como testemunha.

A história colhida por Alexandre é a de que era comum pedir que quem estivesse passando por ali testemunhasse no registro. Estava passando o homem que se tornaria sogro de Sílvia 27 anos depois. Acaso?

Sílvia e Vilson se conheceram em 1979, na praça central de Sertãozinho, ponto de encontro da juventude. Todos andavam em círculo, homens para um lado, mulheres para o outro. Os olhares se cruzaram e o namoro se alongou por sete anos, antes do casamento.

A história do registro é questão de honra para o casal.

- Meu pai faz questão de dizer!

O que tem, então, no canto de Alexandre? Toda força – e o amor – italiano de suas famílias.

Música nas veias

Alexandre é o filho mais velho de Sílvia e Vilson, que têm também uma filha de 18 anos, Ana Flávia. Ele cresceu em cenário feito de festa, música, alegria.

- Todos ouviam muita música, rádio, fita cassete. Passei a infância tocando pianinho, gaita de brinquedo.

O despertar musical, de fato, se deu na igreja. De família muito religiosa, Alexandre ia às missas semanalmente, com a avó, e se encantava com o coro, acompanhado por um órgão, instrumento parecido com um piano.

- A paixão nasceu ali!

Quis fazer aulas de piano logo, logo. Os pais apertaram as contas, lhe compraram um teclado e fizeram a matrícula.

- Eu ia às aulas como se fosse o maior prêmio da minha vida! Nunca mais parei de tocar!

Com 10 anos, já tocava no coro da igreja, seu primeiro palco. Aos 14, quando quebrou o fêmur, subia as escadarias da paróquia de andador para não deixar o grupo sem som.

Chegou até a entrar no seminário, onde ficou por dois anos e quatro meses, antes de perceber que queria seguir carreira na música, em 2004.

Em 2005, aos 21 anos, começou a faculdade de música na Unaerp e logo passou a participar do coral da universidade. Foi se encontrando, en-

tre as notas e os palcos. No currículo, estão óperas e grandes apresentações como tenor e pianista.

Em 2007, recebeu um convite para trabalhar como professor na Adevirp (Associação dos Deficientes Visuais de Ribeirão Preto), onde atua ainda hoje. Há três anos, também integra o projeto USP Música Criança e a Academia Livre de Música e Artes (Alma) em São Joaquim da Barra, levando musicalidade para a criança.

- Foi um processo de conhecimento. Busquei cursos, capacitações. Eu tinha a música, só precisava fazer a troca.

Em 2015, assumiu o coro que se tornou o Memorie d'Itália, onde também permanece ainda hoje, sem vontade de sair. O coro Mário Lázaro, ele conta, começou cantando em um restaurante italiano, a cantina Piatto. O grupo foi fundado e regido por Mário, chamado de Lazineho, por cerca de quatro anos. Quando o maestro não pôde prosseguir mais, Alexandre assumiu.

No repertório, clássicos da música italiana: "O sole mio", "Parlami D'amore, Mariù", "Nel blu dipinto di blu", "Maria, Marie". Canções que carregam história em cada acorde.

- Meu bisavô Barbatoni, austero que era, gostava de cantar música italiana. Eles se reuniam no cafezal e ficavam cantando. É um repertório que fala da história das minhas famílias: que tocava na vitrola da minha avó, que inspirava meu avô.

A música italiana, de técnica centenária e maestra em notas e afinação, cativa o cantante brasileiro.

- O canto nasceu do lirismo, dessa forma recitada do romance, da poesia. E o italiano transforma isso em música como ninguém.

Além da técnica, onde não há partituras, só subjetividade, a música de Alexandre é vida.

- Eu nunca me separei da música. Ou a música nunca se separou de mim. Eu me completo ouvindo, tocando. O contato com aquele que toca comigo, que escuta, que aprecia me move a fazer mais e mais. A querer tocar o coração das pessoas, tirar o sorriso de alguém, transmitir uma história.

História feita de muitas e muitas notas, com início do outro lado do oceano.

- Eu vejo muitas pessoas que não sabem a história da família. Os italianos são privilegiados, porque o que eles são, a origem, se perpetua. Parafraseando um autor, Eugenio Marino: o italiano é o povo que, como nenhum

outro, soube cantar sua diáspora. Transformou em música o seu ir embora.
“Con te partirò, su navi per mari”: que a canção nunca se acabe!

TALÃO N. 116 PÁGINA Nº 16

REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

REGISTRO CIVIL

Distrito, Município e Comarca de Sertãozinho - Estado de São Paulo

NASCIMENTO N. 23373

José Ferraz de Toledo Oficial Nilza de Oliveira Toledo Oficial Interim José Gallo Esc. Públ.

CERTIFICO que a fl. 24907/158 de Registro de Nascimentos, foi lavrado hoje, ao assento de Sílvia Regina Mazzer nascida a 14 de novembro de 1959, às 11 horas e minutos, no Campo Água Terma, Rod. de Sertãozinho, do Estado de São Paulo, filia de Amadeo Mazzer, natural de Sertãozinho - SP e de Dona Luiza Maria Mazzer, natural de Sertãozinho - SP casados em Sertãozinho - SP São avós paternos: Antônio Mazzer e Dona Rosa Mazzetti e avós maternos: Francisco Magro e Dona Onice Leumann

Foi declarante o pai e serviram de testemunhas Luiza Valdomira Leclerc Antônio Roberto Magro

Observações: Sexo feminino

O referido é verdade e dou fé Sertãozinho 14 de novembro de 1959.

Registro de nascimento de Sílvia Regina Mazzer, onde consta o nome de Antônio Perticarrari como testemunha



Antônio Mazzer, conhecido como “Barbatoni” e “Galletto”



*Antônio Peticarrari Neto
e Iracema Tognon*



*Festividade da família. À direita, João Peticarrari ao lado da esposa
Catarina Montini Peticarrari*



Festa de casamento de Ofélia Peticarrari, filha de João, com Osvaldo Longhi. À esquerda estão João Peticarrari e a esposa Catarina Montini Peticarrari



Primeiras atuações de Alexandre no teclado



Alexandre no teclado tocando com os tios e primos da família Peticarrari

Foto de abertura do capítulo:

Alexandre ao pianinho na varanda onde tocara também o tio Salvino

CAMMILLERI



Francesco Cammilleri deixou pedacinho da Sicília como legado para Ribeirão



Mo retrato de despedida, a grande família estava reunida em Licata, Itália. Vinte e três pessoas e um cachorro no adeus fotografado de Francesco, em 18 de agosto de 1954.

Depois, já sozinho no navio, ele fez mais um registro da partida que não teve volta. Deixou a Itália, aos 30 anos, para esquecer a tristeza da guerra e reconstruir sua história. Trouxe sua pátria bem dentro de si, porém.

Registrou em fotografia cada momento da trajetória. Era uma forma de mostrar para a família, que ficara lá na Itália, que sua empreitada estava dando certo. Hoje, é memória documentada, saudade amenizada.

Construiu no Brasil um pedacinho da Itália. Escolheu Ribeirão Preto para abrir sua “Bella Sicília”, em memória à região de onde saiu. O coração, desde o dia em que subiu naquele navio, se tornou dividido. Francesco Cammilleri foi um italiano que escolheu amar o Brasil e construir aqui sua família. Mas o fez lembrando, todos os dias, suas raízes.

A Bella Sicília é uma das mais tradicionais cantinas de Ribeirão Preto. Há 60 anos, desde que abriu as portas, o negócio é administrado de maneira familiar. Francesco, a esposa Sílvia, o cunhado Carlos Alberto Papa, e os filhos, Francisco Carlos e Salvador Bruno, fizeram do espaço um aconchego. Nas paredes, estão as fotos, registros, lembranças da trajetória familiar.

- Meu pai foi um homem de muitas homenagens!

Diz o filho Francisco, enquanto mostra as honrarias recebidas pelo pai. Título de comendador, carta do Senado Italiano, diploma de pioneiro no comércio do Centro de Ribeirão são só algumas das muitas.

Na trilha sonora, canções italianas. Na massa, a tradição que perpassa as gerações da família. O cardápio é feito de receitas das “nonnas”, das “mammias” e dos filhos também, que hoje estão à frente do negócio.

- Isso que é o mais importante, né? O amor da família. Imagine que minha mãe fazia macarrão todo dia? Ela tinha até o rolo de abrir que trouxe da Itália. Depois, sossegou. Pegava pronto na Bella Sicília.

Nas palavras de Sílvia Papa Cammilleri.

Francesco foi pioneiro na gastronomia ribeirão-pretana. Trouxe pi-

zza brotinho, massas para comer na hora ou levar para casa e o frango assado, com filas na porta do primeiro espaço que abriu, na rua Barão do Amazonas esquina com a General Osório, região privilegiada do Centro de Ribeirão, em frente ao Cine Centenário, em 1959.

- Ele era uma enciclopédia. Muito esperto e inteligente. Lembrou que tinha visto a máquina de frango assado em São Paulo, pesquisou onde vendia e mandou trazer. Quando chegou, aquela máquina bem na esquina, pensei: ‘Meu Deus do céu, quem vai cuidar disso aí?’

O cunhado e companheiro de jornada Carlos Alberto Papa relembra de cada conquista em detalhes. Logo, todos estavam adaptados à máquina e ao movimento, cada vez maior. Carlos conta que eles chegavam a vender 60 frangos em uma manhã de domingo.

- A gente colocava 30 frangos de cada lado da máquina. Às 12h já não tinha mais.

Francesco fazia questão de estar sempre presente, com a “mão na massa”, em literalidade. Só poucos anos atrás ele topou fechar às segundas-feiras. E há cerca de quatro anos passaram a fechar no dia de Natal e Ano Novo, como conta Carlos.

Até então, trabalhavam de segunda a segunda.

- Ele não queria desgostar o freguês. Tinha que se desdobrar.

Já com mais de 90 anos e a saúde um pouco debilitada, continuava indo diariamente à cantina. Se sentava no caixa e recebia a clientela, sempre com sorriso no rosto.

Também fazia questão de temperar o tomate seco com as próprias mãos. Os filhos ajudavam a chegar até a cozinha, as funcionárias auxiliavam, mas o tempero era dele. “Esse tomate é feito com a minha mão. Tudo que é feito com a mão, com amor...”, disse em entrevista ao site História do Dia em junho de 2017, três meses antes de falecer.

Seu último domingo foi na Bella Sicília. Teve uma queda da cadeira onde sempre ficava. Faleceu alguns dias depois, em 9 de setembro de 2017, aos 93 anos. Os filhos, a esposa e o cunhado continuam mantendo tudo como sempre foi. E como pretendem que continue a ser.

Enganam a saudade com as muitas lembranças que o pai deixou.

- Meu pai chegou ao Brasil sozinho. Não falava português, não tinha família aqui, dinheiro ou referências. Foi tudo conquista dele.

A partida

Na Sicília, Francesco trabalhava como aprendiz de confeitiro e sorveteiro. Aprendeu a arte da culinária fazendo muitos *torrones*, *cannolis* e *spumoni* em confeitarias de Licata.

O pai, Salvatore Cammilleri, serviu na Primeira Guerra Mundial e Francesco na Segunda. Foi motorista de tanque. O assunto era quase proibido. Não gostava de falar nem de lembrar dos horrores vividos, da escassez, do tiro que lhe deixou dois meses internado.

A única parte que lhe servia à memória era aquela em que conhecera os pracinhas brasileiros, incentivo para vir ao Brasil.

Um dos amigos forjou um emprego, exigência para que se aportasse em solo brasileiro.

Francesco saiu da Itália em 18 de agosto de 1954 e chegou ao porto de Santos na manhã do dia 7 de setembro, com um trabalho que não existiu por pouquíssimo tempo.

Foi recebido pelo amigo Nicola Rosselo, que saíra de Licata um ano antes e era barbeiro em São Paulo. A pensão modesta onde se alojou, na capital paulista, ficava na rua Voluntários da Pátria. Sem conhecer a grande cidade e sem falar português, saiu caminhando, tomou um bonde, desceu em frente à igreja de São Bento.

La anotando os nomes, placas e direções para não se perder na volta. Andou cerca de 100 metros e viu que havia um restaurante de italianos. O dono estava em frente e Francesco foi logo perguntando se precisavam de alguém para trabalhar. Em seu primeiro dia no Brasil foi contratado pelo famoso restaurante Fasano.

Depois de três dias, começou a dobrar os turnos, atuando também em outra casa de massas e rotisserie. E não parou: foi somando experiências no currículo.

Na capital, ele começou a empreender. Montou uma sorveteria e depois, em sociedade com três amigos, a cantina “Nel Blu Dipinto di Blu”, no Largo do Arouche. Uma noite, foram surpreendidos com a visita de Domenico Modugno, intérprete da canção que dava nome ao estabelecimento: “Volare, cantare, ô, ô”. Mais uma foto nos registros de Francesco.

A sociedade existiu por dois anos e, depois, ele resolveu que queria ter

um negócio só seu. Saiu a viajar pelo interior procurando um lugar onde quisesse ficar. Passou por Marília, Assis e escolheu Ribeirão Preto, no final da década de 50.

Ribeirão acolhedora

A história que passou de pai para filhos conta que, para o primeiro ponto que alugou, na rua Barão do Amazonas, Francesco teve ajuda de Santo Antônio.

Andando pela cidade, enxergou a oportunidade da placa de “aluga-se” no espaço em frente ao movimentado Cine Centenário e procurou os proprietários com uma oferta.

O dono do ponto, porém, exigia fiador. E Francesco não tinha como conseguir. Ofereceu um calção feito de suas economias, mas o homem não se sentia seguro para aceitar, já que toda sua documentação era italiana.

É aí que entra o santo. Francesco era muito devoto e andava sempre com um santinho de Antônio na carteira. Quando saiu da Itália, sua mãe, Anna, lhe entregara a imagem como amuleto de proteção.

Quando já estava para ir embora, o Santo Antônio da carteira caiu no chão. A esposa do proprietário, que também era muito devota, pegou o santinho e anunciou: “Se é devoto de Santo Antônio, pode alugar!”. Começava, assim, com intercessão divina, a Bella Sicília, inaugurada em 2 de novembro de 1959.

- Ele queria um feriado para inaugurar. O mais próximo era o Dia dos Mortos. Assim foi! O tempo passa muito corrido...

Nas lembranças de Carlos.

Logo na primeira semana, o negócio já cresceu. Alugou também a esquina e, além de sorvete, passou a servir chopp e pizza brotinho. No começo, Francesco chegava a dormir ao lado das máquinas de sorvete para não perder a hora de desligá-las.

Depois, vieram as massas. Ele importou maquinário da Itália, contam os familiares. O primeiro prato de massa que saiu, Carlos relembra, foi para o Dr. Domingos Spinelli, irmão de dona Tanina, a proprietária do prédio, devota de Santo Antônio. Foi Domingos também quem sugeriu o nome Bella Sicília, durante um almoço entre amigos. Sugestão aceita!

- A gente não aguentava de tanto fazer massa fresca para levar. Por que não faz o prato pronto? A gente nem tinha onde servir. Foi num prato de papelão. O seu Domingos comeu e já pediu outro.

São as palavras de Carlos.

Em 1970, a Bella Sicília conquistou seu primeiro prédio próprio, na mesma rua General Osório, em frente ao Palácio Rio Branco, funcionando como rotisserie e não mais como restaurante.

Em 1975, o espaço já não comportava o movimento. Francesco construiu, então, um edifício na rua São Sebastião, com a rotisserie no andar inferior e apartamentos no superior. Batizou o prédio de Salvatore Cammilleri, em homenagem a seu pai. Ali, o serviço de restaurante foi reativado. Em 1995, mais uma ampliação se fez necessária, como explica Sílvia:

- O movimento era muito grande!

Inauguraram, então, um prédio novo na avenida Independência, onde permanecem ainda hoje.

Família Papa

Sílvia e Francesco se conheceram logo que ele chegou em Ribeirão. Uniram as raízes italianas na construção da família brasileira.

O avô de Sílvia, Theodoro Papa, deixou Rizziconi, na região da Calábria, com o filho mais velho antes de 1900 e se fixou em Araraquara, trabalhando como engenheiro agrônomo. Seu trabalho teve boa repercussão e logo recebeu um convite para trabalhar no horto de Ribeirão Preto. Sílvia conta que o avô foi responsável por plantar as palmeiras imperiais

Linha do tempo

1954
Francesco
deixa a Itália
rumo ao
Brasil

1954
Chega ao
Brasil, no
porto de
Santos

1959
Decide deixar
São Paulo e
se muda para
Ribeirão Preto

1959
Francesco
inaugura a
primeira unidade
da Bella Sicília
na rua Barão
do Amazonas
esquina com a
General Osório

1960
Sílvia Papa e
Francesco se
casam

que enfeitaram a avenida Francisco Junqueira. Um legado para a cidade.

Com a vida se ajeitando no Brasil, ele pediu, então, que o filho mais velho retornasse à Itália, vendesse tudo o que a família tinha e voltasse com sua mãe e seus quatro irmãos, que haviam ficado por lá.

O filho atendeu ao pedido, mas chegando na Itália foi recrutado e não pôde retornar. A mãe, Júlia Rosa Morgante, partiu com quatro filhos, deixando o mais velho, que morreu na guerra.

- Foi muito triste. Não sei como minha *nonna* sobreviveu.

Entre os filhos que vieram, estava o pai de Sílvia, Bruno Papa, que tinha 14 anos quando chegou. Pouco tempo depois, mais uma tristeza na família. O avô de Sílvia faleceu aos 52 anos. Tomou um choque enquanto fazia um reparo em uma fazenda.

Coube à sua avó criar os filhos sozinha.

- Como tudo se ajeita no mundo, eles foram se virando...

Os filhos foram crescendo e encontrando seus caminhos. Uma de suas tias foi pioneira no negócio de decorações em Ribeirão. Aos 18 anos, quando a mulher era predestinada ao casamento, ela abriu uma loja, “Madame Rachel”, onde vendia flores feitas de pano e outros artigos para festas.

Bruno Papa, pai de Sílvia, foi sapateiro e também teve forte atuação no consulado Italiano e na Sociedade Dante Alighieri. Foi um dos primeiros contatos que Francesco fez em Ribeirão Preto, quando chegou.

Aos 26 anos, Bruno voltou para a Itália e conheceu a mãe de Sílvia, Maria Morganti. Se casaram e vieram para o Brasil, já grávidos do filho mais velho. Além de Sílvia, o casal teve outros três filhos. Entre esses, Carlos, que se tornou parceiro de Francesco.

1970

A Bella Sicília conquista seu primeiro prédio próprio, na rua General Osório

1975

Francesco e Sílvia constroem um edifício próprio, na rua São Sebastião, e instalam a rotisserie no andar inferior e apartamentos no superior

1995

A Bella Sicília se muda para o prédio na avenida Independência, onde permanece ainda hoje

2017

Francesco falece, aos 93 anos, deixando a administração da Bella Sicília para seus filhos, esposa e cunhado

2019

A Bella Sicília comemora 60 anos de história, como parte da história de Ribeirão

Encontro colorido

O encontro de Sílvia e Francesco é feito de muitas cores, literalmente.

A tia de Sílvia, Madame Rachel, quis conhecer a tal sorveteria nova no Centro de Ribeirão. Levou o neto e, quando chegou, viu que Francesco estava pintando as paredes com imagens da Itália. Conversou com ele e sugeriu: “Você não está pintando o principal, que é o carroto siciliano!”

O carroto é uma espécie de carroça, colorida, muito bem adornada, que ainda hoje transporta as pessoas e encanta os turistas na Sicília. A tia de Sílvia disse que tinha uma miniatura de carroto em casa e que poderia emprestá-la como modelo para a pintura.

Coube a Sílvia levar o objeto. Se encantaram ali. Ele ficou de devolver, começaram um namoro e se casaram em julho de 1960, seis meses após o primeiro encontro.

O carroto continua na Bella Sicília, como materialização da bonita história. Francesco passou mais de 50 anos se referindo à companheira como “*Fiori della mia vita!*”: flor da minha vida.

- A gente nem entendia como éramos tão companheiros... foi uma vida toda, sem brigas. Sempre nos demos bem.

Sílvia, que hoje está com 85 anos, participou de todo o crescimento da Bella Sicília. Exerceu a profissão de professora por poucos meses. Escolheu estar ao lado do marido, trabalhando na cantina. Os pais dela também ajudaram. As receitas, então, foram sendo trazidas de uma família, da outra, das duas juntas.

- Minha mãe fazia um macarrão de berinjela, com molho vermelho, farinha de pão, ovos cozidos e queijo ralado.

É uma das receitas do cardápio! A rotina foi de muito, muito trabalho.

- A gente trabalhava muito, sem parar. Natal e Ano Novo eram as épocas de mais trabalho, com os assados, as massas.

Carlos Papa também entrou para ajudar nesse começo. E ficou.

- Eu estava estudando contabilidade. Pensei em começar com meu irmão, que tinha um escritório grande.

Quando ainda estava terminando o curso, ia para a Bella Sicília ajudar. E foi se encantando.

- Eu não via a hora de ir para lá tirar sorvete. Pensei: ‘Acho que vou ficar aqui.’

Carlos aprendeu todas as etapas de uma cantina com Francesco. O convite para ficar de vez veio quando ele desligou uma das máquinas de sorvete, sem que o “chefe” precisasse pedir. Francesco saiu para ir ao banco e esqueceu a máquina batendo. Quando voltou, já estava tudo pronto. O cunhado, então, foi ficando. E aprendendo. E colocando a “mão na massa”.

- Significou muito para mim. Meu pai era muito rústico, era uma época de dureza mesmo. Eu aprendi tudo com o Francesco. A gente tem que relembrar também que ele não fazia questão de nada. Eu sei fazer a massa, desmontar a máquina!

Já faz 20 anos que está aposentado, mas escolheu continuar, driblando com disposição os 77 anos.

- Se eu não venho e quebra uma máquina? Eu tô presente. Acho que contamina o sangue da gente. Eu não sei o que fazer se não vier para cá.

No livro que conta a biografia de Francesco, organizado pela família, Carlos escreveu um poema ao cunhado como prefácio:

“Chico

Que cunhado e família maravilhosa

Que encontrei aqui na terra

Onde trabalho e muito amor aqui se encerra

Dentro desta Bella Sicília famosa”

Família que escolheu se unir e seguir unida.

Bella famiglia.

Francesco e Sílvia tiveram três filhos: Francisco, Salvador e Ana Maria, que é psicóloga. São os dois que administram a cantina e não sabem dizer quando começaram.

- A gente foi crescendo aqui.

Nas lembranças de Francisco está a espera pelo carregamento de farinha. Na época, a compra era feita em toneladas, caminhão fechado. As dezenas de sacos empilhados se transformavam em aventura para os meninos.

- A gente não via a hora de subir na pilha e pular lá embaixo.

O ambiente familiar contagiou a clientela. Os filhos contam que viram passar pela cantina gerações de famílias, que continuam até hoje frequentando a casa.

- Os clientes que iam todo domingo ligavam para avisar se não pudessem ir. Eles sentavam todo domingo na mesma mesa. Faziam parte.

Para Francisco, a grande satisfação está em ver a massa transformada.

- A beleza de ver os pratos saindo do forno... os comentários de satisfação dos clientes... a alegria do ambiente, que é protegido por Deus.

A família, com sua fé, não tem dúvidas de que Francesco cumpriu sua missão.

- Ele passou por nós, saindo de um lugar tão distante... não é por acaso. Era para ser.

Desde que o pai partiu, em setembro de 2017, os filhos se dedicam a manter o espaço como sempre foi. A massa tradicional, as lembranças, o clima de grande cozinha de *mamma*.

- A gente não tem outra opção. Não pensamos em outra vida fora daqui.

Aos domingos, a família se reúne por ali e confraternizam, em meio ao grande movimento de clientes, que também são amigos.

Quem frequenta a casa há mais tempo se lembra do barulhão que fazia quando uma bandeja caía no chão. Era de propósito. Francesco “animava” o clima dessa forma bem italiana, quando a casa estava muito quieta.

- Meu pai deixou para a gente a propriedade, o nome, a vida. Fica a saudade e a lacuna aberta. A gente sente falta não só do pai, mas do amigo, do patrão. É um legado.

História eternizada em lembranças. Um pedacinho da Itália de presente para Ribeirão.



Salvatore Cammilleri, pai de Francesco, que serviu na Primeira Guerra Mundial



Francesco no navio Castel Bianco na viagem para o Brasil



*A primeira unidade da Bella Sicília,
na rua General Osório*



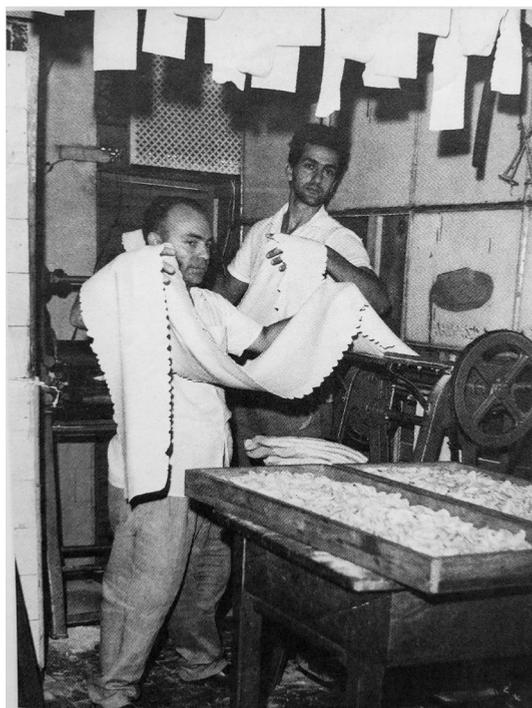
Visita do cantor Domenico Modugno à cantina de Francesco, “Nel Blu Dipinto di Blu”



O avô de Sílvia, Theodoro Papa, que era engenheiro agrônomo



Francesco, Sílvia e os três filhos na primeira viagem que realizaram para a Itália



Francesco e o cunhado Carlos Papa com a “mão na massa”



Francesco na Bella Sicília em entrevista ao História do Dia em junho de 2017



Francesco, Sílvia e os filhos Francisco e Salvador em entrevista ao História do Dia em junho de 2017



Carlos Papa com as máquinas que ainda hoje são usadas para produzir as massas na Bella Sicília

Foto de abertura do capítulo:
A despedida de Francesco com a família reunida em Licata, em 1954

SPANÓ



*Fábrica de ladrilhos
da família Spanó foi
pioneira em Ribeirão Preto*



Balões para Santo Antônio em dia de festa. Projetor transformando a sala da casa em cinema aos domingos. A parreira de uvas enfeitando o terraço.

Fins de tarde com pizzas saindo do forno e uma lista de receitas afetivas na farta cozinha: *minestrone* (sopa), *gnocchi* (nhoque), polenta.

No Natal, panetones e uma grande árvore enfeitada com velas coloridas. A grande família precisava de uma mesa comprida para acomodar os encontros semanais, regados a alto falatório, risadas e um tanto de choro e briga também: italianada típica!

- Lá era um pedacinho da Itália!

As lembranças dos primos Spanó são feitas de nostalgia. Quem conviveu na casa de Antônio Spanó e Laura Martin Spanó, os avós, guardou nem que seja uma memória que hoje é saudade.

Elza, 67 anos, que morou na grande casa italiana até se casar, rodeada pela avó, primos e tios, consegue sentir até o cheiro dos pratos deliciosos saindo no forno. Conta que, dia desses, pegou o caminho de casa, dirigindo o carro. Quando se deu conta, estava indo para a Vila Tibério, em direção à residência de outrora. Força da memória?

- Lá em casa era um calor humano... quanta saudade..

A família Spanó foi proprietária de uma das maiores fábricas de ladrilhos hidráulicos de Ribeirão Preto, em funcionamento por quase um século de história. Trouxe a tecnologia, até então inédita na cidade. Escola Otoniel Mota, Casa de Portinari, Igreja da Vila Tibério, Catedral de Ribeirão: são alguns poucos exemplos dos muitos lugares revestidos com os ladrilhos coloridos e pioneiros fabricados na Indústria e Comércio Antônio Spanó e Filhos.

Alguns também tiveram loja de armas e ficaram conhecidos no ramo.

São muitos integrantes na numerosa família, espalhada pelo Brasil e na Itália. Criaram até um grupo no Facebook, que já soma mais de 60 participantes. Os primos Elza e Sérgio, 81 anos, são porta-vozes das memórias e contam também com a colaboração da prima Anália, 70 anos. Entre as lembranças dos três, uma história feita de tradições, festas, alegrias, tristezas e muito trabalho.

Chegadas e encontros

Ferdinando Spanó e sua esposa Maria Papaccinoli deixaram Nápoles em 27 de agosto de 1897, no navio Minas. Chegaram ao porto de Santos em 18 de setembro daquele ano, acompanhados dos filhos Francesco, 12 anos, Caterina, 9, Maria Luisa, 7, Luigi, 2, e Antônio, 18, que viria a se tornar o *nonno* de Elza e outros 27 netos.

A família de Laura tem origem na França. A história que perpassou as gerações fala de uma condessa, sua avó, que fugiu para se casar com o homem por quem se apaixonara, sendo amaldiçoada por sua mãe. Foram viver na Itália, região de Veneza, de onde Laura partiu.

Seu pai, Geremia Martin, veio primeiro, em junho de 1887. Em 2 de maio de 1892, Laura, aos nove anos, sua mãe Itália Lisotto, sua irmã e sua tia desembarcaram em Santos, de vapor Città de Genova, segundo consta na certidão de desembarque.

Partiram com destino a Ribeirão Preto, assim como a família de Antônio.

- Aqui era a capital do café. Eles contavam que era uma cidade muito famosa.

Quem lembra é Sérgio. Ele e Elza rememoram o que ouviram sobre o encontro dos avós. Laura e Antônio se conheceram na praça XV, com a prática antiga e casamenteira: os homens ficavam parados e as mulheres dando voltas. Quantos casais nasceram desse flerte!

Se casaram em 1902, ele aos 22 anos de idade e ela aos 18. Os filhos foram chegando em escadinha: 15 no total.

Os netos contam que a família de Antônio começou a trabalhar com reformas e construções logo quando chegou da Itália. Na certidão de desembarque consta que o pai dele, Ferdinando, tinha a profissão de ferreiro.

Os netos não conseguem saber a data exata, mas um recorte de jornal mostra que no final da década de 1890 a prensa onde eram feitos os ladrilhos hidráulicos já estava funcionando. A grande fábrica ficava na rua Gonçalves Dias, Vila Tibério. A casa da família, onde moram as melhores recordações, estava localizada em frente e, ao lado, a loja onde eram realizadas as vendas.

- Eu fazia muitos azulejos! Era minha distração!

Conta Elza, com o complemento de Sérgio:

- Eu cresci e trabalhei lá, no balcão da loja, vendendo os produtos.

Estimam que a fábrica chegou a ter 30 funcionários, além da família, que trabalhava ali em peso. A técnica de fabricação era diferente do que se fazia até então, com azulejos produzidos com calor.

Os primos explicam que os ladrilhos hidráulicos eram feitos na prensa, com fôrmas desenhadas que eram cobertas com tinta e, depois, cimento. Após passar pela prensa, os caixotes de ladrilhos iam para a água e, ao final, ficavam empilhados secando.

- As fôrmas ficavam girando e a gente pondo as cores: vermelho, azul.

Elza é quem conta. O tio Dino, um dos filhos de Laura e Antônio, era quem desenhava os moldes, usando os papéis que embalavam suas caixas de cigarro.

A família não consegue precisar quantos lugares receberam as peças feitas na fábrica. Além dos ladrilhos, também eram produzidos bancos de cimento, vasos.

Outro dia, passeando em Frutal, a esposa de Sergio deu de cara com um deles. Literalmente. Ela levou um tombo e quando o marido foi ajudá-la, viu o escrito no cimento do banco: “Oferta de Antônio Spanó e Filhos”.

A fábrica existiu até meados de 1978. Primeiro, teve a força de Antônio e Laura à frente. Quando ele morreu, ela tocou o negócio com toda sua fibra. Depois, passou para o comando de um dos filhos, Ângelo, até encerrar as atividades. O prédio foi demolido e, hoje, no grande terreno, funciona um estacionamento.

Linhas do tempo

1890

A fábrica de ladrilhos Spanó começa a funcionar

1892

Laura Martin, sua mãe, sua irmã e sua tia chegam ao Brasil, para encontrar o pai, que já estava aqui desde 1887. Se fixam em Ribeirão Preto

1897

Ferdinando Spanó, sua esposa Maria Papaccinoli e os cinco filhos deixam Nápoles rumo ao Brasil. Se fixam em Ribeirão Preto

A casa também foi demolida, por decisão do familiar a quem lhe coube e tristeza dos demais. Elza conta que todos os cômodos eram decorados ao estilo italiano. Muitos adornos e peças de decoração vinham da Itália. Seu avô, ela diz, arrematou móveis de Madame Duprat, em um leilão realizado em São Paulo.

- Minhas amigas entravam lá e suspiravam, de tão linda que era a casa.

Hoje, é só memória. Até mesmo as fotos são escassas. Elza comemorou um de seus aniversários com uma festa no terraço, de onde se via toda a cidade. Um dos tios fez fotos, mas o filme queimou. Resta contar com a força da memória.

- A gente chora de ver... não tem mais nada lá.

A força de Laura

Elza e Sérgio nunca viram a avó Laura sorrir. Nas fotos, o semblante triste e sério chama o olhar. Dor de mãe nunca passa: a história vem mostrar.

Laura perdeu um dos filhos, Francisco, aos 22 anos. Ele trabalhava na casa de armas do tio de mesmo nome. Uma manhã, o filho acordou sem vontade de trabalhar. A mãe insistiu para que ele fosse.

A loja ficava pertinho. A história que se conta é que a mãe fazia compras no mercado quando ouviu o tiro que matou seu filho. O tio estava limpando uma arma, que disparou. As sacolas ficaram ao chão.

- A partir daquele dia ela nunca mais sorriu. Estava sempre de preto, de luto.

Todo domingo, ia a pé até o Cemitério da Saudade, no bairro Campos

1902
Antônio e Laura
se casam

1950
Antônio falece, aos
71 anos, e Laura
assume o controle
da fábrica, aos
69 anos

1962
Laura falece,
aos 81 anos.
A administração
da fábrica fica
para os filhos.

1978
A fábrica encerra
suas atividades

Elíseos. Os netos acreditam que a tristeza que tomou o semblante vem de uma culpa que não foi embora do coração.

- A vida toda ela se sentiu culpada por ter insistido para que ele fosse trabalhar.

Laura, mesmo com tanto, não deixou a luta. O marido morreu em 1950, aos 71 anos. Foi ela quem assumiu o controle da fábrica, aos 69 anos. Faleceu em 1962, aos 81 anos.

- Ela era linha dura. Não admitia brincadeira. Depois que ela se foi, a fábrica não era mais a mesma coisa.

Mulher de garra, foi inspiração para as netas e netos, como diz Elza.

- Muitas coisas eu herdei da minha avó...

Tradições e costumes

Todo dia 13 de dezembro, a fábrica Spanó fechava as portas por devoção. É Dia de Santa Luzia e Antônio não trabalhava.

Para Santo Antônio, seu xará, celebrado em 13 de junho, a família fazia uma festa de fechar o quarteirão. Soltavam balões, enfeitavam a rua, não faltava fartura, proporcionada por Antônio e Laura, como intenção ao santo.

Coube à Anália, uma das netas, filha de Valentino, seguir com a tradição do terço. É a puxadora oficial da reza na família. Sérgio, que também leva o Antônio no nome, era requisitado pelo avô. O *nonno* o chamava no quarto e entregava os fogos que iluminavam a festança.

Na grande família, aliás, não faltam Antônio e Lauras, em diversas combinações, como homenagens aos nonnos nos nomes de netos, bisnetos, tataranetos, e por aí vai.

Antônio Sérgio, que pôde conviver com o avô até os 12 anos, tem boas recordações. Antônio ia às mercearias e comprava legumes e frutas já passados. Ficava com pena dos donos, que perderiam a mercadoria. Quando viajam para São Paulo a passeio, o avô fazia questão de abastecer um pouquinho em cada posto.

- Ele colocava R\$ 5 em Cravinhos, mais um pouco depois. Dizia:

‘Quem vai parar nesse posto aqui?’

No porto de Santos e no Mercado Central de São Paulo, comprava tudo de barril: azeitona, salame, vinhos. Família grande exigia fartura.

- Na casa deles tinha café e comida 24 horas por dia. Todo mundo que chegava almoçava ou jantava. Ninguém saía sem comer.

Entre os filhos, já se sabia das famas. Laura era mais brava, Antônio mais tranquilo. Tanto que um dos filhos, pai de Anália, se livrou dos tapas porque cativou o pai com sua história.

Saiu para ir à escola, não voltou na hora de sempre e, quando chegou em casa, estava todo sujo. A mãe já iria partir para o chinelo! Mas o pai achou graça da história: o menino e seus amigos haviam ido a pé até o aeroporto ver o primeiro avião que pousou em Ribeirão.

No outro dia, o pai decretou: “Pode faltar da escola! Chame seus amigos! Vamos todos ao aeroporto juntos!”. E lá se foram!

Outra lembrança forte que os netos têm do *nonno* está no baralho. Ele adorava, mas na época era proibido. Quem passa pela rodovia entre Ribeirão Preto e Jardinópolis, às margens do Rio Pardo, avista a ilhota em meio à água. Foi Antônio quem construiu. Ia com os amigos para a ilha e a polícia não tinha como os capturar. Além do mais, eram duas rotas de fuga. Se as viaturas chegassem por Jardinópolis, eles fugiam por Ribeirão. E vice-versa.

- Eles eram muito inteligentes! Gostavam de inovar!

Conta Sérgio.

A criatividade era parte da família. Falam do tio que fabricava espelhos diferentes e caleidoscópios e do tio Júlio, que era chamado de “da Vinci” pelas suas invenções: patins, bicicletas para três pedalam, perna de pau. Teve também o teco-teco que um deles comprou para sair sobrevoando por Ribeirão!

- Eles eram autodidatas!

Heranças de afeto

Entre os 15 filhos, a maioria sabia tocar um instrumento. As funções eram divididas: um no piano, outra na sanfona. Os que preferiam, podiam seguir para outras áreas. Mas todos tinham uma função. Ida, mãe de Elza, gostava da cozinha. Tortas, cuscuz, panetones: suas receitas são saudade.

Elza herdou o bom tempero. Todo dia 29, faz o nhoque da fortuna, para se comer com uma nota debaixo do prato – com chuva, sol, calor ou frio.

Como nasceu em um dia 29, em seus aniversários também não faltava a tradição. Ela é aquela que tem sempre uma *lasagne* ou uma sopa italiana esperando os amigos no fogão.

- A culinária eu herdei da minha mãe e da minha avó.

Sua mãe foi a única filha que continuou morando com os pais depois do casamento. Elza, então, cresceu com a avó. O avô já havia falecido quando ela nasceu, em 1952.

- Eu vivi em uma casa cheia de gente! Acordava com música italiana!

Só deixou a grande casa da família quando se casou, em 1972, aos 20 anos. Teve dois filhos e quatro netos. É advogada, atuando na área há mais de quatro décadas.

Sua mãe permaneceu na residência por mais alguns anos. Quando faleceu, em 1981, já vivia em outra casa, contrariada.

- O sonho dela era transformar ali em uma vila, com várias casas para todos os irmãos ficarem perto. Aninhar todo mundo...

Sergio também passou um período morando com a *nonna*. Brigou com o pai e correu para a grande casa.

- Os quartos dos filhos ficavam sempre ali. Se alguém precisasse, estava lá.

Conta que sua mãe, Catarina, foi uma das primeiras mulheres de Ribeirão Preto a tirar carteira de motorista. A avó permitiu, para que ela pudesse levá-la na feira aos domingos.

Catarina foi dona de casa e seu pai, Luiz Gonzaga Pereira Seixas, funcionário público da prefeitura. Sérgio fez faculdade de farmácia, trabalhou no Instituto Adolfo Lutz e fez carreira como professor da Universidade Federal de São Carlos.

Os primos, além das boas lembranças, compartilham o amor pela Itália, que é raiz. Conhecem diversos países, mas têm um preferido, como Sérgio diz.

- Lá a gente se sente em casa. Parece que a vivência italiana volta, como era.

Quando estão em terras italianas, procuram conhecer os lugares onde seus familiares viveram. Em Nápoles, Elza foi à casa onde seu avô viveu, em frente à igreja de Nossa Senhora de Campiglione. Já encontraram familiares espalhados por todo lado. Até em Nova York tem Spanó.

- Eu sei que é uma família que deixou saudade.

Ele diz.

Vão amenizando a falta com as lembranças.

- Eu pensei até em fazer um livro: 100 anos de confusão! São só coisas boas! Uma família alegre e batalhadora!

Se é dia de Santo Antônio, Anália reza o terço. Em 29 de cada mês, Elza faz o nhoque da fortuna. Sérgio vai guardando as fotos. De memória em memória, a história da família Spanó se mantém viva.



Laura e Antônio Spanó reunidos com os filhos e filhas



*Casamento dos pais de Sérgio,
Catarina e Luiz Gonzaga*



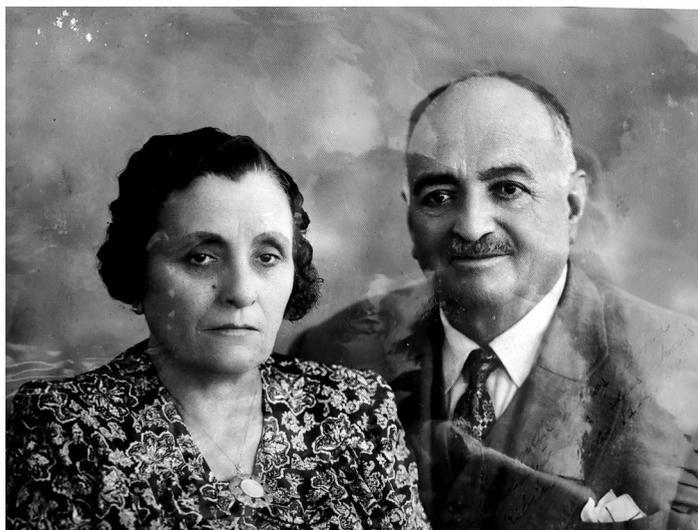
*Laura Martin Spanó, matriarca
da família*



Casamento de Celeste e Valentin, pais da Anália



Elza Spanó na infância



Laura e Antônio Spanó: companheiros de trajetória



Maria e Ferdinando Spanó: pais de Antônio que deixaram a Itália rumo ao Brasil



A matriarca Laura rodeada de suas filhas: Ida Maria, Santa, Helena e Catarina



Na casa da grande família italiana, as festas eram rotina



Prensas onde eram fabricados os ladrilhos hidráulicos

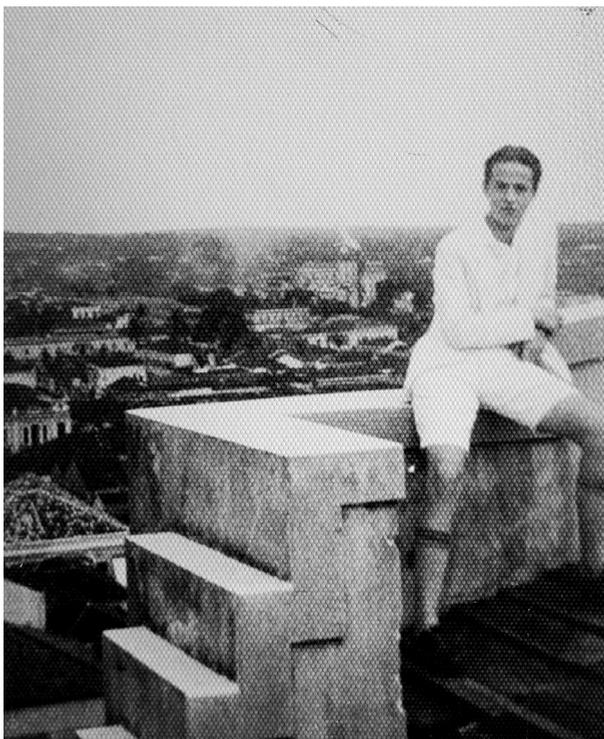


Os primos Elza, Anália e Antônio Sérgio Spanó

Foto de abertura do capítulo:

Laura e Antônio Spanó reunidos com filhos e filhas, genros e noras, netos e netas

GALLUCCI



*Família Gallucci foi primeira
proprietária do Grande Hotel
no Edifício Diederichsen*



torre do Grande Hotel Gallucci, no Edifício Diederichsen, foi a casa do italiano Bruno Gallucci por cerca de 14 anos. Ele, seu pai e sua mãe foram os primeiros a ocuparem o empreendimento, em 1937.

Transformaram a torre em um espaçoso apartamento, que tinha como quintal os dois terraços do edifício. As lembranças do sofisticado restaurante, da vista para a praça XV, dos quartos muito bem mobiliados e de um centro da cidade borbulhante são tão nítidas que mascaram os 96 anos de Bruno: é como se fosse ontem em suas memórias.

Seu pai, Giuliano Gallucci, italiano que deixou a Calábria muito jovem em busca de uma vida melhor, foi o primeiro proprietário do Grande Hotel, que levava seu nome e se tornou conhecido em todo estado de São Paulo, hospedando do presidente Getúlio Vargas a grandes artistas da época. O Diederichsen, morada do negócio, foi o primeiro edifício vertical multifuncional no interior do Brasil.

Bruno, com 14 anos e recém-chegado da Itália, acompanhava tudo, atento. Recordava a imagem de Getúlio no elevador, indo para o jantar. E conta, orgulhoso, que os cardápios do restaurante do hotel tinham tradução em seis línguas.

- Para o meu pai foi um triunfo. Estava sempre cheio!

Os anos de Diederichsen deixaram saudade em sua trajetória. Tanto que quis reviver um pouco dessa época, décadas depois. Um resgate no tempo, que já não era o mesmo – nem de longe!

Viveu o Edifício Diederichsen no auge de sua inauguração e, depois, por volta de 2005, voltou a vivenciá-lo, de outro lugar. Alugou um apartamento do grande prédio, já machucado pelos anos, e morou mais de uma década por ali.

Só saiu em 2018, quando a administradora do local pediu os apartamentos para reformá-los e transformá-los em um centro cultural. Relutou bastante antes da partida e ainda fala com pesar do grande edifício, desocupado e sem funcionalidade.

Hoje, Bruno compartilha suas memórias como registro de um marco na trajetória de Ribeirão Preto. Além da história de sua família, dividida entre a Itália e o Brasil, ele é parte das lembranças de uma pulsante cidade na década de 30.

- Tem um provérbio francês que diz: tudo passa, tudo se apaga e tudo se substitui. É assim. Você só pode ter em seu coração a lembrança da juventude, a saudade de alguns momentos.

Aventuras reais

Bruno Gallucci é um leitor apaixonado desde criança. Os livros, ele diz, sempre foram seus companheiros. Pensou até em ser jornalista, encantado pelas palavras. Conta que desistiu porque suas ideias políticas não batiam com a dos editores. A fama de briguento da infância reverberou ali. Não conseguia escrever sem acreditar no que dizia.

Quando menino, logo ao aprender a ler e escrever, começou a esboçar um livro de aventuras que se passava nas selvas indianas, invocava deusas e doses altas de imaginação.

Contando a história de seu pai, Giuliano, ele utiliza os recursos desse romance no enredo, que prende quem escuta.

Giuliano nasceu na Calábria, sul da Itália, em uma família de 15 filhos. Perdeu o pai bem menino e “cresceu já no meio de gente grande”, nas palavras de Bruno. Aos 12 anos, por volta de 1894, decidiu atravessar continentes com um cunhado, que estava vindo para o Brasil. A viagem foi tão turbulenta quanto aventureira. Bruno conta em detalhes o que a memória atrelada à imaginação é capaz de criar.

O navio se chocou com a costa da África. Alguns morreram, Giuliano e outros tripulantes sobreviveram. Nas costas dos Marrocos, os sobreviventes foram sequestrados por beduínos.

- Amarraram eles, tiraram-lhes as roupas e começaram uma caravana no meio do deserto!

Foram salvos por espanhóis e puderam retomar a viagem. No meio do Atlântico, as máquinas do novo navio pararam e foi preciso esperar ainda um terceiro vapor, que chegou ao Rio de Janeiro, por volta de 1895.

Bruno acredita que a jornada pelo Atlântico durou quase um ano. Em terra firme, Giuliano, com quase 13, continuou inseguro. O tal cunhado avisou: ‘Agora, você se vira!’. Foram juntos até São Paulo e o menino, então, seguiu sozinho. Foi parar em Campinas, onde enfrentou uma epidemia de febre amarela.

Partiu, então, para Minas, onde conquistou um amigo italiano e conseguiu emprego na construção da estrada de ferro, na cidade de Santos Dumont, antiga Palmira, cuidando de um armazém em meio à mata.

- Ele se criou lá!

Quando o trabalho acabou, mais de um ano depois, foi acolhido por uma família de italianos, proprietários de um hotel na mesma cidade. A dona do hotel, que tinha filhos na mesma idade, o convidou para ficar. Aceitou, com uma condição: “Eu vim para o Brasil para trabalhar. Se é para trabalhar, eu fico”. Começou, assim, a trabalhar no ramo. E nunca mais parou.

- Ele teve uma história linda. Como um menino que nasceu bem longe do mar, aos 12 anos teve a ideia de imigrar? Chegou numa terra nova sujeito a todas as maldades, ninguém protegia ele, só a mão de Deus. Como ele resistiu a tanta coisa?

Após um tempo, Giuliano se mudou para Barbacena, depois Belo Horizonte e, já adulto, foi para São Paulo. Trabalhou no Hotel D’Oeste, tradicional na capital, e foi ascendendo no ramo. Em Santos, teve um hotel em sociedade com um amigo e, depois, comprou todo o empreendimento, que ficava na praça XV, e recebia gente o dia inteiro, dos navios que nunca paravam de chegar.

Idas e vindas

Por volta de 1913, Giuliano voltou para a Itália visitar a família e desembarcou em Nápoles. Se hospedou em um hotel na rua principal da cidade. Da sacada, avistou do outro lado da rua uma “bella donna”, Germana Brocchi. O pai dela tinha uma clínica ortopédica ali e a família vivia no mesmo imóvel.

Giuliano não titubeou. Atravessou a rua, pediu para falar com o pai da moça e se “apresentou para o namoro”, como conta Bruno.

Se casaram em 1913, ele aos 31 anos e ela aos 21. Voltaram juntos para o Brasil, fugindo da Primeira Guerra Mundial, que se estendeu de 1914 até 1918. Montaram um Hotel em São Paulo, que venderam em 1923, quando a família pediu que retornassem para Nápoles. Giuliano continuou com negócios em terras brasileiras, entretanto.

Bruno nasceu na cidade italiana neste mesmo ano e lá viveu até 1935,

convivendo com os avós, os tios e tias. O pai viajava para o Brasil quase todos os anos, para administrar os negócios que ficaram por aqui.

- A situação da Europa na guerra começou a se complicar. E meu pai quis trazer a família para o Brasil. Meu pai nos salvou.

Diferente de Giuliano, anos antes, puderam vir em um bom navio, 12 dias de viagem na primeira classe.

Em São Paulo, o aviso do pai: 'Aprenda e faça sua vida aqui'. Foi o que Bruno fez.

Depois de dois anos na capital, foram morar em Ribeirão Preto, na torre do Diederichsen.

Para o hotel, Bruno conta que seu pai comprou móveis e utensílios em São Paulo, em um armazém de italianos, porque queria peças importadas na mobília.

Ocuparam os dois últimos andares do grande edifício multifuncional, que tinha salas comerciais, apartamentos domiciliares e o hotel.

A numeração dos quartos, ele relembra, ia até o número 34, com hospedagens mais simples e outras muito rebuscadas.

O primeiro cozinheiro do restaurante sofisticado era espanhol. Entre fotos e documentos guardados, os primeiros cardápios bilíngues escritos à mão por sua mãe, Germana. E os próximos, já feitos com a máquina de escrever.

Para eventos especiais, confeccionavam pequenos menus, adornados com as cores da bandeira do país do visitante ilustre. Na recepção do imperador da Etiópia, por exemplo, fios em amarelo, verde, vermelho e branco.

- Nós recebíamos vários estrangeiros!

Bruno se lembra do Centro suntuoso de Ribeirão Preto, feito pelos palácios do Dr. Camilo de Matos, pela grande casa da Sinhá Junqueira, pelo palacete de Innechi, Pinguim, cafeteria Única e, em frente, o Diário da Manhã. Alguns desses estabelecimentos seguem ainda hoje, como marco na história. Outros, se foram com o tempo.

Carreira e casamento

Bruno fez grandes amigos, brasileiros e italianos. Conheceu Edgardo Colombini, italiano que ajudou a construir as sete capelas, do Mosteiro

de São Bento, e também adornos da igreja de Santo Antônio, nos Campos Elíseos. Com o médico Nicola Giarduli, que dá nome à rua de Ribeirão, tem história de gratidão.

- Minha mãe teve uma hemorragia e ele a salvou.

Bruno também teve muitos contatos com a comunidade católica da cidade. Frequentava a igreja de Santo Antônio, onde fez grande amizade com os abades.

- Devo à minha mãe e minha tia, esposa de meu tio, na Itália. Ela acordava rezando e me ensinou o respeito à religião. Apreendi muitas orações.

Conta que chegou a cogitar seguir pelo caminho do sacerdócio. Relembra, entre risos, a expulsão da Sociedade Mariana, acusado de namorar as meninas na porta da escola. Acabou seguindo outros rumos.

Depois que seu pai vendeu o hotel, em meados da década de 50, a família passou dois anos vivendo no Rio de Janeiro e depois foram morar na Itália, onde estiveram por mais dois anos. Bruno conta que o pai quis a venda porque estava cansado. Além disso, os entrevistos vividos em Ribeirão no período da guerra fizeram com que a família sentisse vontade de partir.

Voltaram da Itália no final de 1955 e foram viver em São Paulo. Bruno estava com 32 anos.

- Aí eu comecei minha vida. Meu pai disse: 'Eu trabalhei até agora; é hora de você trabalhar'.

Começou como bancário, profissão que desempenhou por 23 anos, até se aposentar. Depois da aposentadoria, foi empresário no ramo de sons com o filho, realizando comícios políticos.

- Naquela época, as eleições se resolviam com as campanhas.

Quando voltou da Itália, estava noivo de uma italiana. Com alguns meses de distância, porém, percebeu que o namoro entre continentes poderia não ter sucesso e desfez o noivado.

Foi morar na rua Frei Caneca e conheceu sua esposa, Noemi Hilda, que vivia no mesmo prédio. Trocaram sorrisos e ele tomou coragem para pedi-la em namoro "com boas intenções", como relembra. Namoraram por dois anos e em 1958 se casaram, ele aos 35 anos e ela aos 37. Tiveram dois filhos e passaram a vida toda juntos, até o falecimento dela, em 1988, aos 66 anos, por um câncer.

Bruno viveu um tempo em São Paulo, depois se mudou para o Guarujá e decidiu voltar a Ribeirão para estar mais perto da filha, Adele, que morava na cidade.

Marcas da guerra

As guerras marcaram a trajetória de Bruno.

- Uma guerra sangrenta e inútil. Matou milhares de pessoas e o mundo está em paz? Não está.

Sua “primeira inspiração”, como diz, foi ser almirante, lá na infância, vivendo na Itália. Uma vizinha tinha um irmão que trabalhava na Marinha Italiana e o menino se entusiasmou.

- Eu queria ser militar e servir à pátria. As forças da vida, do futuro, foram completamente diferentes. Meu ideal de menino era esse.

Em Ribeirão, no auge da Segunda Guerra, precisou se isolar. Brasil e Itália foram rivais e sua família sentiu o peso de estar em um país estrangeiro.

- Os países estavam em guerra. Eles brigavam e nós pagávamos.

Não gosta de falar no assunto. Diz que prefere focar nas coisas boas da história.

A filha, Adele, resgata alguns registros, entretanto.

- É para mostrar o quanto foi difícil para eles. O quanto sofreram.

O pai de Bruno foi desligado da Recreativa, em 1942, com uma carta em que a sociedade avisa sobre a “decisão do conselho regional de desportos”, apesar de “sempre considerá-lo distinto e digno de toda consideração”.

Ele foi obrigado a registrar tudo o que tivesse de aparelho fotográfico junto ao Estado, conforme os documentos guardados pela família.

Giuliano também foi acusado de ter desrespeitado o Brasil, jogando no lixo uma foto de Getúlio Vargas, presidente na época. Foi processado pelo fato, em 1941. Para sua defesa, notáveis da sociedade, como o próprio Antônio Diederichsen, prestaram depoimentos. Foi absolvido, mas a história ainda é marca na memória da família, como conta Adele:

- Foi muito difícil o que eles tiveram que enfrentar.

Bruno, porém, garante que não guarda mágoas.

- Sou brasileiro e italiano. Não há diferença entre os sentimentos que tenho. Na Itália eu nasci, mas meu pai se fez no Brasil.

Nos cardápios do Grande Hotel, o pai exaltava a pátria que o recebeu. Sempre colocava fotos de lugares importantes do Brasil e também de Ribeirão Preto.

Nem mesmo na literatura Bruno escolheu entre um lugar ou outro. Estudou um período no Dante Alighieri, onde conheceu e se encantou pela literatura italiana, mas tem seu encantamento pelos autores brasileiros. Coração dividido também nas letras.

- Não tem como falar. Gosto de autores daqui e da Itália também.

Ao longo da trajetória de leitor foram tantos exemplares lidos – e adquiridos – que constituiu uma biblioteca. Doou livros à Casa da Memória Italiana, compartilhando conhecimento. A leitura continua sua atividade preferida, esbanjando boa memória aos 96 anos:

- Para a raiva de quem me quer mal.

E um tanto de humor também.

- Enquanto estamos vivos, somos feitos para nos movimentarmos.

Hoje, vive em uma casa de repouso para idosos, lendo e relendo livros, relembando a história.

- Não lembrar é uma injustiça, porque Deus nos dá uma vida.

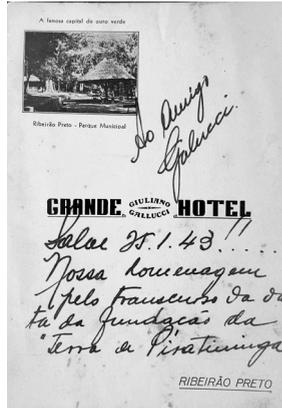
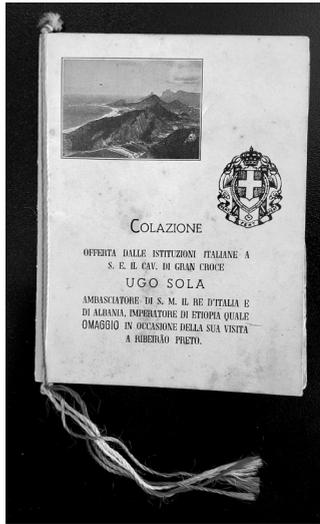
Os sonhos da juventude ficaram para trás. Mas consegue olhar para a trajetória com saudade.

- Não consegui realizar meus ideais, mas meu trabalho foi bem-sucedido, na família melhor ainda. E agora as lembranças são todas boas...

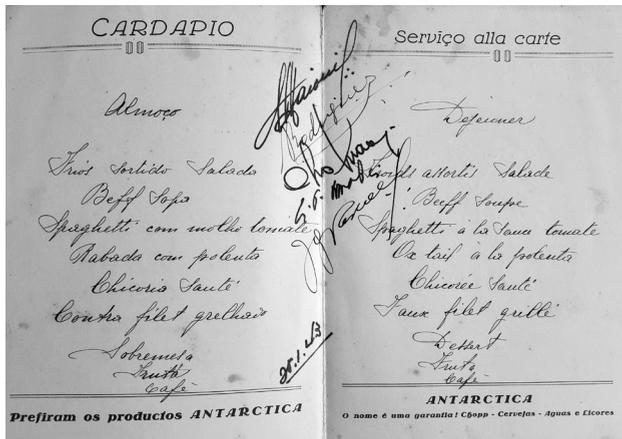
É memória que pulsa. História rememorada em palavras.



Cardápios bilingues utilizados no restaurante do Grande Hotel



Cardápios confeccionados para eventos e receptivos de convidados ilustres



Primeiros cardápios do hotel eram escritos à mão



Cartão postal do Grande Hotel

SUPERINTENDÊNCIA DE SEGURANÇA POLÍTICA E SOCIAL
ESTADO DE SÃO PAULO

Registro de Instrumentos de Ótica e de Fotografia

N.º 2018 (2)

TÉRMO DE REGISTRO

Aos 10 de NOVEMBRO de 1943, na delegacia de policia de RUISELAO PRETO, de acordo com a Portaria do Sr. Coordenador da Mobilização Econômica, n.º 94, de 25-VI-1943, item 6, foi feito o seguinte registro:

Instrumento:

Espécie: MAQUINA FOTOGRAFICA PEQUENA
 Marca: ZEISS IONON FILM Num. A.6
 Outros característicos: _____
 Estado de conservação: PERFECTO
 Acessórios: COLHA DE ACONDICIONAMENTO

Proprietário:

Nome: BRUNO GALLUCCI
 Nacionalidade: ITALIANA Profissão: ESTUDANTE
 Residência: GRANDE HOTEL FLIA ALVARES CABRAL, QUARTEL
 Reg. de estrangeiro: CERT. REC. 20.46 N.º 139 DE 12/12/1941, EXPEDIDO POR ESTA DELEGACIA REGIONAL DE POLICIA
 Observações: _____

O proprietário obriga-se a zelar pela boa guarda e conservação do instrumento ora registrado e a não aliená-lo sem prévia autorização da Superintendência de Segurança Política e Social.

Assinaturas
 Autoridade: Mário Gomes de Almeida
 Proprietário: Bruno Gallucci
 Funcionário: Admiral de Azevedo

NOTA — Este termo será feito em três cópias iguais, uma das quais será remetida à Sup. de Sec. Política e Social — São Paulo, independentemente de custo, entregue ao interessado ou, finalmente, arquivada na Delegacia. — O preenchimento poderá ser feito a máquina ou à mão, e as cópias poderão ser feitas a papel carbono. — São obrigatória a data registro os naturais da Alemanha, Itália e Japão exceto os naturalizados. — Os instrumentos sujeitos a registro são os seguintes: binóculos, máquinas de fotografar ou filmar, instrumentos de espionagem, telescópios e aparelhos óticos semelhantes para observações terrestres, marítimas e aéreas.

Documentos que mostram o registro das câmeras fotográficas da família Gallucci durante a guerra



Foto de família: Giuliano, Germana, Bruno, Noemi e seus filhos



Restaurante e aposentos do Grande Hotel



Retrato 3x4 de Bruno Gallucci



Vista do hotel para a região central de Ribeirão Preto



*Mãe de Bruno Gallucci,
Germana Brocchi Gallucci*



Bruno Gallucci, aos 96 anos

Foto de abertura do capítulo:
Bruno Gallucci no terraço do Grande Hotel com Ribeirão ao fundo

AMÊNDOLA



FOTO: THOR CRESPI AMENDOLA

*Memórias de Érica Amêndola
contam a história do movimento
cultural em Ribeirão*





e eu não aprendesse pelos livros,
aprenderia por osmose.

As lembranças de Érica Amêndola são feitas de arte desde muito cedo.

Filha de artista, cresceu rodeada pelos grandes nomes que fizeram de Ribeirão Preto um polo cultural na década de 50. Francisco Amêndola, descendente de italianos, apaixonado pela cultura da Itália, deixou legado como pintor, ilustrador, publicitário, fotógrafo: incentivador das artes.

- Ribeirão não foi chamada de capital da cultura à toa. Grandes artistas vieram conhecer o que se fazia aqui.

A casa onde Érica vivia com o pai, a mãe e o irmão era quase “hospedaria”, em suas palavras. A mãe, Irene Crespi Amêndola, que também é descendente de italianos, cozinhava em panelas enormes, já esperando as visitas diárias.

Viviam ao final da rua Altino Arantes, região onde hoje é o Boulevard e que na época terminava no horizonte, sinalizando que a cidade chegara ao fim.

De frente, ficava a casa de Bassano Vaccarini, pintor e escultor italiano que chegou ao Brasil após a Segunda Guerra e, no final da década de 50, foi convidado pelo então prefeito de Ribeirão Preto, Costábile Romano, a restaurar prédios da cidade.

Os artistas de fora vinham participar das festas calorosas que atravessavam a madrugada e tinham a casa dos Amêndola como um dos palcos.

Érica se lembra de acordar uma noite rodeada de sombrinhas, luzes, câmeras e olhares. Seu pai e os amigos, em um algum momento da festa, decidiram fotografar o sono da menina, dormindo abraçada com uma boneca.

Com outros artistas, Francisco Amêndola fundou o “Atelier 1104”, na rua Álvares Cabral, região central de Ribeirão. Mais um reduto para as aulas que aconteciam durante o dia e as festas que despontavam na noite. Preenchiam a madrugada com performances, música, teatro e um tanto de bebedeira.

- Ali nasceu o movimento cultural de Ribeirão Preto!

Pequenina, Érica era convidada a tomar sangria e procurava entender o serrote que Jaime Zeiger, que construiu o Teatro de Arena de Ribeirão, tocava como se fosse instrumento.

- Ele fazia concertos com o serrote!

Antes de chegar a Ribeirão, Francisco Amêndola já escrevera história em Araraquara, que se tornou conhecida – e criticada – Brasil afora pelo modernismo de sua Escola de Belas Artes, onde foi aluno de Mário Ybarra de Almeida e, depois, do italiano Domenico Lazzarini, que trouxe ao Brasil o vanguardismo da arte europeia.

Em terras ribeirão-pretanas, nasce Érica, a segunda filha. Cresce embebida pelo espírito libertador de seu pai e pelo companheirismo resistente de sua mãe. Irene Crespi também herdou a força italiana da família que partiu em busca da promessa de vida plena. Era a “crítica cultural” do marido, opinando sobre suas telas e acompanhando a efervescência da boemia artística.

- Eu fiz teatro, desenho, estudei música. Era outra preocupação na formação dos filhos. Ter crescido em uma família com essa energia me ajudou muito a ter um olhar amplo para as pessoas, as coisas, as diferenças.

Érica é memória e ato. Lembrança e legado.

Encontro de famílias

A herança italiana veio em dose dupla.

- Eu sou muito italiana, porque vem de mãe e de pai. Estive em Roma e me senti em casa. Tem muito drama, os almoços, os encontros, a livre expressão. Somos um povo muito cheio de expressão. Não temos timidez.

Os bisavós vieram da Itália muito jovens, na mesma embarcação, com o mesmo destino. Ele, chamado de Crespi Velho, era tenor em Milão e deixou tudo para tentar a vida no Brasil. A bisavó, Madalena, era da Toscana.

Foram viver em Ibitinga, onde se conheceram, casaram e tiveram três filhos. Carlos Crespi, avô de Érica, foi um grande empreendedor. Teve um armazém de secos e molhados, atendendo fazendeiros e colonos daquela região.

- Ele era muito generoso e conhecido.

No governo Getúlio Vargas, em meio à Segunda Guerra Mundial, perdeu tudo, com a perseguição pela sua nacionalidade. Havia a determinação de que os italianos colaborassem financeiramente com o Brasil.

Passou, então, a trabalhar em uma transportadora, dirigindo caminhão.

Em meados de 65, sofreu um acidente na estrada e acabou falecendo. Coube à esposa, Luiza Mancini, terminar de criar os três filhos.

Irene, mãe de Érica, era a mais velha. Conheceu Francisco Amêndola na praça de Ibitinga. Para ficarem juntos, enfrentaram as barreiras familiares.

Os Amêndola

Os Amêndola tinham posses e influência na região.

Dessa história, a família sabe que os irmãos Amêndola vieram da região da Calábria por volta de 1865. Desembarcaram três irmãos, entre eles Paschoal Amêndola, bisavô de Érica. Ao chegarem ao Brasil, o trio se dividiu nas cidades de Ituverava, Paulo de Faria e Ibitinga, onde se fixou Paschoal, trabalhando como carpinteiro. Depois, os três acabaram por perder o contato.

Paschoal se casou com Tereza Bonifácio da Silva e tiveram José Patrício, pai de Francisco. A família vivia em uma fazenda às margens do rio Tietê, em tempos de malária. Tereza faleceu muito cedo pela doença, deixando o filho, José Patrício, ainda criança.

Em 1986, Francisco Amêndola foi entrevistado por Ignácio de Loyola Brandão, com quem compartilhava o amor pelas artes e os dias efervescentes em Araraquara. Com sua poesia em prosa, Loyola transformou em palavras um pouco da alma de Amêndola. E conseguiu resgatar partes de sua história.

Francisco contou, então, que seu avô italiano, Paschoal, era um “caçador de dotes” e encontrou o que buscava com a avó, herdeira de muitas terras por ali. Dos cinco filhos que tiveram, apenas seu pai, José Patrício, sobreviveu da malária. “Minha avó morreu quando meu pai tinha oito anos. Meu avô, também vítima de maleita (malária), ficou inválido e meu velho cresceu de machado em punho, abrindo mato para a plantação de milho, café, arroz, mandioca e abóbora. Meu pai era um desbravador. Plantou mais de um milhão de pés de café”, diz na entrevista.

José Patrício cresceu em meio à abundância da fazenda. Se tornou um líder político, fundou o banco da cidade e ajudou a crescer a região, fundando também o vilarejo de Cambaratiba.

Fazendeiro, plantava café na Fazenda São José Figueira, onde Francisco nasceu, em 1924. Em 1929, com a crise do café, seu pai perdeu posses, mas conseguiu manter as terras, criando gado e plantando algodão, tomate, batata.

Amor e resistência.

Francisco e Irene se conheceram por volta de 1948. Ela com 18 anos e ele aos 24. Ela vinda de uma família de italianos que perderam tudo, filha de colonos, com estudo básico - o único que lhe foi possível na época. Ele filho de um fazendeiro de posses e influência, formado no Ateneu Paulista, em Campinas, e no Colégio Estadual, em Araraquara.

Apaixonados, seguiram juntos, em meio às críticas familiares.

Em uma época de conservadorismo e namoros feitos apenas de olhares, Irene pousou nua para Amêndola antes do casamento.

Ela também foi sua musa na tela “A menina da bicicleta”, exposta na 1ª Bienal de Artes de São Paulo, em 1951. Érica conta que o pai gostava de pintar nas madrugadas. E a mãe era chamada para ver o resultado das pinturas.

Se casaram na década de 50 e foram viver em Araraquara, onde nasceu o primeiro filho, Thor, em 1952. E onde a arte de Francisco se fez conhecida.

Inspiração e vanguarda

A história que Érica ouvia de seu pai é que o desenho chegou em sua trajetória ainda menino. Na fazenda, ele já desenhava. E depois continuou a desenhar o algodão e o café que fizeram parte de sua trajetória.

Francisco fez o primário em Ibitinga e, em 1938, foi estudar em Campinas, no Ateneu. Em 1941, foi para Araraquara, onde ficou até 1944. Quando seu pai morreu, foi chamado a voltar para Ibitinga, na administração da fazenda.

Logo, as terras foram vendidas, já que em 1950 ele se formava na Escola de Belas Artes de Araraquara.

Veio para Ribeirão Preto em 1959, com Irene e Thor, como professor da

Escola de Artes Plásticas de Ribeirão Preto, criada pelos artistas na década de 50 e depois incorporada pela Unaerp (Universidade de Ribeirão Preto).

Francisco se tornou um dos responsáveis pela movimentação cultural que fez Ribeirão conhecida – e desejada – por artistas de todo lado.

Em plena ditadura, continuou defendendo a liberdade de pensar.

- Ele se dizia um livre pensador. Era simpatizante das ideias do comunismo, das questões humanitárias, chegou a esconder camaradas, mas foi perseguido tanto pela direita quanto pela esquerda, porque dizia que tinha o direito de ler Marx e José Ortega e pensar livremente.

Apaixonado pela Itália, Francisco falava italiano fluentemente, tanto que Érica aprendeu a compreender a língua com fluidez. Ele estudava a cultura de suas raízes e nutria um encantamento pelo cinema italiano. Em 1974, expôs na terra de seus avós, junto a outros três artistas: os “*Quattro dal Brasile*”. Em Ribeirão, foi homenageado pela conquista em solenidade com o prefeito Welson Gasparini.

A trajetória de seu pai é extensa, intensa. Amêndola ganhou prêmios, participou de quatro bienais, fez a arte na qual acreditava.

Pedro Manuel Gismondi, conceituado artista italiano que conviveu com Amêndola em Ribeirão Preto, procurou definir a pintura de Francisco, feita de vida: “Existe toda uma ambientação bucólica, poética, ligada à situação vivencial e existencial de Amêndola. A vivência está no campo, nas árvores, na bicicleta, na mocinha, em seu penteado e saia esquematizados e sugeridos, em resumo, na temática tão espontaneamente circunstancial, vivida pelo artista e não extraída dos livros, ou da imitação dos mestres”, conforme depoimento exposto no site de Amêndola, criado pela família. Na entrevista com Loyola (<https://franciscoamendolagaleria.wordpress.com/>) seu espírito criativo e livre é traduzido em palavras.

Quanta história escreveu Francisco!

O legado de Érica

A herança de Érica é imensurável. Além das centenas de obras que seu pai deixou, coisa que se conta, a influência de uma vida em meio às artes: o que não se pode contar.

No dia em que nasceu, 9 de agosto de 1960, seu pai estava em uma fes-

ta de Vaccarini, com um teor ético considerável e só soube horas depois da chegada da filha. Érica não fala com pesar. A família acolheu o artista “pleno”, que vivia a boemia da cultura.

- Ele era de um astral, uma alegria...

Entre os nomes que se lembra, nas memórias de sua infância e adolescência, outras grandes histórias, algumas italianas: Pedro Manuel Gismondi, Odilla Mestriner, Leonel Berti, Miyasaka, o vizinho Vaccarini e outros tantos.

Pôde se nutrir em tantas fontes!

Érica estudou na Escola Estadual Otoniel Mota. Escolheu cursar Jornalismo pelo encantamento em “ouvir as pessoas”, como diz. Se formou na Unaerp, na década de 80. Trabalhou em São Paulo, em editoras e jornais. Entre idas e vindas, atuou por 12 anos na EPTV, além de outras emissoras.

Hoje, tem um blog onde mantém o Canal Decote, faz assessoria de imprensa e participa de programas de rádio na Adevirp (Associação dos Deficientes Visuais de Ribeirão Preto). Seu irmão, Thor, herdou a fotografia do pai.

Francisco faleceu em 2007, aos 83 anos. Teve um AVC 11 anos antes e parou de pintar.

- O braço esquerdo ficou comprometido e ele não gostou do resultado das pinturas.

Continuou dando aulas e formando artistas, expondo, pensando e compartilhando seus pensamentos, bem críticos à arte que era produzida. Érica criou um blog, onde cuida da memória do pai. Pretende intensificar o trabalho, ampliar a digitalização do acervo.

- Ele produziu muito. Tem obras espalhadas para todo lado. É uma história muito bonita. Fez parte de Ribeirão Preto.

Vai, ela também, escrevendo a própria trajetória. Tem duas filhas. Uma fez gastronomia e a outra é bailarina e trabalha com artes visuais. Vão escrevendo seus capítulos, sem deixar o que as constitui.

- De alguma maneira, estamos continuando.

Brasileira, fala com orgulho da mistura, da soma, da paleta de cores renovada.

- Nós formamos uma geração nova de italianos. Viemos para cá com a promessa de enriquecer e fomos parar no cafezal. É a história do Brasil. Aprendemos a ser resistentes.

No texto de Loyola, lá de 1986, ela é citada como “uma menina bonita,

de olhos vivos”. “Era Érica. Foi um momento bonito para mim. Eu que tinha feito tantas entrevistas com Amêndola para o jornal de Araraquara, agora era entrevistado pela filha dele”, refez, com a filha, o laço criado com o pai.

A filha do artista, que também faz sua arte. A jornalista. A herança, que é italiana, mas também é brasileira. A força pulsando nas memórias que Érica guarda e, com tanta generosidade, se propõe a compartilhar.



*Francisco Amêndola
quando criança*



Solenidade em 1974, realizada pelo prefeito Welson Gasparini pela exposição “Quattro dal Brasile” realizada na Itália por artistas de Ribeirão Preto, entre eles Francisco Amêndola.



Fotos de Francisco Amêndola em diferentes momentos de sua trajetória



Francisco ao lado do artista Mário Ybarra de Almeida, professor e diretor da Escola de Belas Artes de Araraquara



Turma de formandos de Francisco na Escola de Belas Artes de Araraquara, na década de 50



Tela "A menina da bicicleta", inspirada na esposa de Francisco, Irene, e exposta na 1ª Bienal de Artes de São Paulo, em 1951



*Retrato de José Patrício Amêndola, pai
de Francisco Amêndola*

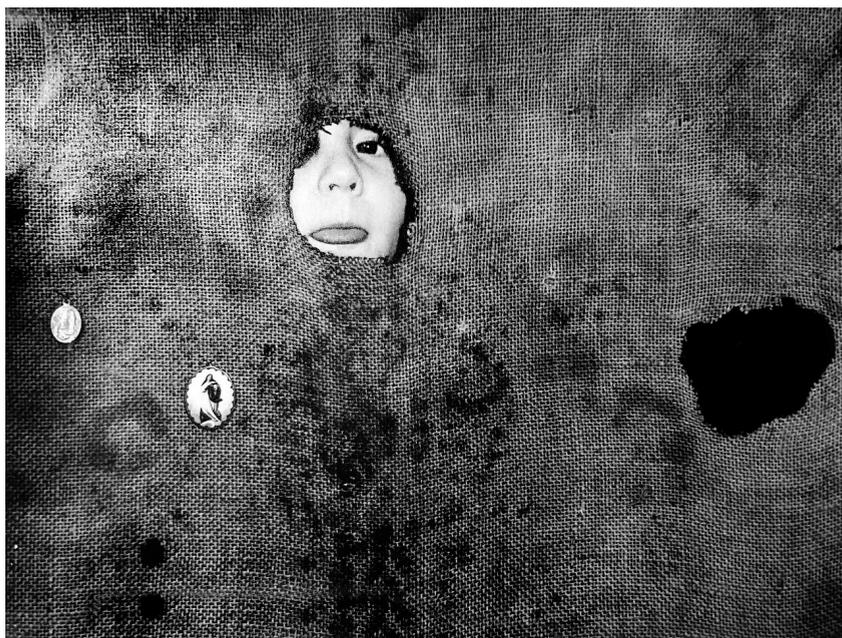


Foto de Érica ainda criança produzida pelo pai, Francisco Amêndola



Érica Amêndola e o pai Francisco Amêndola

Foto de abertura do capítulo:

Érica Amêndola, o irmão Thor Amêndola e a mãe Irene Crespi Amêndola

ROBAZZI BIGNELLI



*Ana Lúcia Robazzi Bignelli
é a guardiã das memórias de suas
famílias italianas*

Ma primeira vez em que se sentou em frente ao computador para buscar registros de suas famílias, Ana passou uma madrugada inteira acordada, atônita. A empolgação assustou o sono. Conseguiu descobrir informações sobre os avós, tios que haviam se perdido: suas raízes.

Decidiu, naquele momento, que sua busca seria um objetivo de vida.

- É muito triste uma família sem memória. A história para mim é a essência de tudo. Você não pode se desligar totalmente do seu passado. É importante saber o que meus antepassados fizeram.

Ana Lúcia Robazzi Bignelli, 59 anos, carrega os sobrenomes de duas grandes famílias italianas. Além dessas, porém, há outras várias entrelaçadas no passado. Bisavós, avós, tias, tios. Ricci, Bertochi, Bonim, Bergamin, Michelin. Pesquisando, confirmou que todas as suas raízes estiveram fincadas na Itália. Fez contato com a administração de Génova, cidade do noroeste da Itália, e conseguiu certidões de nascimento e batismo do avô. Foi achando outros elos.

- Eu cheguei à conclusão de que realmente tenho muitas características italianas. Quando eu descii em Nápoles, comecei a chorar e a cantar. Parecia que eu estava voltando para a minha terra.

Sua procura não ficou só atrás das telas. Além do acervo de fotos e informações que foi reunindo através de plataformas on-line, sites que montam árvores genealógicas, bancos de dados nacionais e internacionais, ela fez questão de ir pessoalmente à Itália, conhecer o Vesúvio de Nápoles que estampava um quadro na sala da avó, o rio Sile, a poesia de Treviso.

Ficou quinze dias, com vontade de mais.

Além dos registros de seus familiares, de uma amizade com um historiador, do reencontro com as raízes, ela ainda pôde treinar seu italiano durante a viagem. Há 13 anos, Ana estuda o idioma de sua família, também como forma de estar em contato com o que pulsa em suas memórias. Explica que, quando chegaram ao Brasil, seus bisavós e avós não falavam em italiano, por medo de perseguição política. Quando se deu conta dessa história, decidiu resgatar o tempo – e a herança – perdido.

- O que me maravilha na minha família é a força, o poder de adaptação. Eu sinto que tenho isso em mim. Consegui passar por muitas coisas e me reerguer. Isso está na gente.

Faz um alerta, entretanto: há ainda muitas informações que precisa descobrir nessa busca que nunca acaba. O que traz nesse relato é um fragmento entre toda memória que quer resgatar e registrar.

- Não tem como parar. É muita história!

Os Robazzi

A história brasileira dessa família italiana começa no nome. Quando saíram da Itália, os bisavós maternos de Ana carregavam o sobrenome Robazza. Em terras brasileiras, porém, quando iam registrar os filhos, eram chamados: “São os Robazzi”, como plural. Os cartorários passaram a utilizar a variação como sobrenome - e ficou.

- Meus sobrinhos que tiraram cidadania italiana tiveram que mudar a certidão.

Tudo o que Ana sabe foi contado por alguém. Documentos conseguem comprovar algumas versões. Outras se tornaram verdade pela repetição entre as gerações da família.

O que se conta é que o bisavô dela, Antônio Robazza, foi morto no porto quando estava embarcando com a família para o Brasil. Viviam na região de Génova. Pelos conflitos políticos no país, decidiram tentar uma vida melhor no Brasil. Antônio seria contrário a Giuseppe Garibaldi que, com uma legião de seguidores, buscava unificar a Itália.

No Porto, sua mulher, Anna Michelin Robazza, já havia subido no navio com os quatro filhos: Annibale, Giovanni, Marieta e Vincenzo. Antônio teria voltado para uma resolver uma questão e foi assassinado. Ela, então, seguiu viagem sozinha com os filhos e teve que se casar com um homem solteiro no navio para conseguir desembarcar.

Ana Lúcia acredita que, por isso, não encontrou registros da chegada da bisavó em nenhum lugar. Supõe que ela tenha mudado o sobrenome para desembarcar com segurança. Ela, então, não sabe quando a bisavó desembarcou. Estima que tenha sido no final do século XIX.

Entre os filhos que vieram da Itália estava o avô de Ana Lúcia, Anni-

bale Bonaventura Robazza. A família se fixou em Santa Rosa do Viterbo, onde ele conheceu a esposa, Santa Bonin, e se casou em julho de 1906.

Santa também veio da Itália com seus pais, aos 13 anos, em 1897. Desembarcaram no porto de Santos em 14 de novembro, no navio Arno. Vivia em Treviso, Veneto, cidade que continuou viva nas histórias que ela contava para a neta. Dizia que sua família tinha “posses” na Itália, mas decidiu tentar “nova vida” no Brasil.

Santa e Annibale passaram a viver em São Simão por volta de 1920. A cidade tinha pouquíssimos habitantes, o que fez com que eles se tornassem queridos e respeitados pela vizinhança que viram crescer. Tiveram uma grande serralheria. Annibale, Ana conta, era especialista em telhados e fez móveis para muitas e muitas famílias.

A casa grande no centro da cidade, onde a mãe de Ana Lúcia nasceu, ainda está lá. A neta tenta preservar o local de alguma maneira, brigando com as avarias do tempo.

Luzia Robazzi, mãe de Ana Lúcia, é a caçula de 11 filhos. Seus irmãos, por algum tempo, continuaram com a serralheira dos pais. Depois, porém, foram tomando rumos diferentes. Na grande família há dentistas, advogados, professores.

Luzia foi uma das três filhas a se formar professora. A sala de aula foi o palco para seu encontro com a família Bignelli.

Esse trecho da história também se encerra no nome. Luzia foi chamada a vida toda de Lúcia. O nome foi registrado errado, pela pronúncia italiana que transformava o “ci” de Lúcia em “ti”. No momento do registro, o cartorário optou por Luzia e ela só foi descobrir o equívoco décadas depois, quando um professor lhe disse: “Seu nome é Luzia, não Lúcia”.

Quem iria mudar o nome escolhido e registrado por uma vida toda? Ficou Lúcia na oralidade.

Os Bignelli

Nas histórias que Ana passou a infância a ouvir, tem mais um falecimento com navio como cenário. A bisavó paterna, Angelina Bertochi, embarcou noiva da região de Mântua e desceu viúva no porto de Santos. O noivo ficou doente e eles se casaram mesmo assim, mas ele faleceu antes

mesmo que o casamento fosse consumado.

Em São Simão, cidade onde foi morar, ela conheceu Pedro Bignelli. Ele transportava toras de madeira no Rio Pardo e também havia deixado a Itália. Ana Lúcia não tem muitas informações sobre o bisavô. Está na lista de pendências que ela ainda quer descobrir.

- É um trabalho que não tem fim.

Pedro e Angelina se casaram em São Simão, no dia 2 de janeiro de 1902, e tiveram três filhos. O avô de Ana, Felício Bignelli, nasceu em 1906. Ele foi taxista em Ribeirão Preto, com ponto na esquina da rua Álvares Cabral com a Duque de Caxias, conforme mostra o cartãozinho guardado por Ana.

Se casou com Cláudia Ricci, cujos pais – José Ricci e Maria Giuseppa Ciccone - também vieram da Itália, de Nápoles. Desembarcaram no porto de Santos em 29 de agosto de 1901, no vapor *Attività Savoia*. Ele tinha 28 anos e ela 18. Nos documentos de sua chegada, arquivados pelo Museu da Imigração, consta que José - Giuseppe até então – era agricultor e estava embarcando “por conta do governo do estado”, conforme registro de matrícula.

A história compartilhada entre as gerações conta que, na Itália, José foi amigo de escola do Papa Pio XII e que os dois puderam se reencontrar no Rio de Janeiro na visita do pontífice, ainda cardeal, ao Brasil, em 1934. José já estava com 61 anos.

Casados, Felício e Cláudia passaram a viver em uma casa da rua Tibiricá. E aí a história se cruza com a da Casa da Memória Italiana. A residência dos avós de Ana Lúcia ficava ao lado da morada de Pedro Biagi, que hoje abriga a Casa da Memória.

Ali funcionou a oficina mecânica de Felício por décadas. E ali cresceram os três tios de Ana Lúcia - Milton, Pedro e Jenny - e seu pai, Osvaldo Bignelli.

O tio Pedro fez amizade com Pedro Biagi, seu xará. Subia no muro do vizinho para papearem, quando não estavam juntos no quintal.

Ana acredita que a oficina se estendeu no mesmo lugar até o final da década de 50. Seu pai trabalhou por anos ali, antes de se tornar diretor de escola.

Encontro com amor

Os pais de Ana Lúcia se conheceram na sala de aula. Oswaldo, que ajudava a família na oficina mecânica, só pôde estudar mais velho, quando os irmãos mais novos tinham sido encaminhados.

Lúcia estava iniciando sua carreira como professora e encontrou Oswaldo como aluno. Ele era quatro anos mais novo do que ela. Namoraram por cerca de sete anos e se casaram em 1957: ela aos 31 e ele aos 27.

- Olha como ela era avançada para aqueles tempos!

A filha diz, cheia de orgulho.

Lúcia trabalhou como professora a vida toda. Se especializou em artes, disciplina chamada na época de “trabalhos manuais”. Oswaldo foi terminando os estudos aos poucos. Quando a filha Ana Lúcia já tinha 15 anos ele se formou como advogado.

Ela se lembra de ler os livros que o pai precisava estudar e narrar os escritos com um gravador para que ele pudesse ouvir entre os intervalos da jornada de trabalho.

Além de Ana, a caçula, tiveram também Oswaldo Robazzi Bignelli e outros dois sobrinhos que acolheram como filhos.

- Eles ajudaram muito os sobrinhos. A casa estava sempre cheia. Tiveram dois sobrinhos que perderam a mãe cedo e passaram a morar com a gente. São como irmãos.

Foi por influência desses “irmãos” mais velhos que Ana escolheu seguir pela carreira de dentista, apesar de seu interesse pelo Direito. Seu irmão também foi para a mesma profissão.

Depois que se casou, ela morou por três anos em Porto Velho, antes de voltar para Ribeirão, divorciada, com seus dois filhos. Escolheu viver com a mãe na casa que a família comprou em 1962, no Centro de Ribeirão, quando Ana Lúcia era uma criança de colo.

Seus pais viveram um tempo em Pitangueiras, onde Oswaldo era diretor de uma escola. Quiseram se mudar para Ribeirão para que Ana Lúcia pudesse frequentar boas escolas. Em 1976 passaram a viver na casa que fora comprada anos antes e ainda hoje é morada.

Pelas paredes, a história da família se exhibe em quadros que Lúcia ou Ana pintaram. A mãe passou a herança das artes para a filha. Nas estantes,

louças e bibelôs também feitos pela mãe. Porta-retratos com fotos da família. E um pouco de vazio.

Oswaldo faleceu em 2004, aos 74 anos. Lúcia faleceu em agosto de 2018, aos 91. Para Ana, que era sua companheira, ficaram as boas lembranças, que se transformam em saudade.

- Minha mãe era uma italiana muito brava. E o meu pai mais tranquilo. Os dois eram muito queridos, da mesma forma.

As lembranças de Ana

Ana me recebe com a mesa cheia: bolo de fubá, rosca, suco. Não é de cozinhar, mas é cliente assídua da padaria próxima. Vem lá das avós: se vai receber visita, a casa precisa estar farta e limpa. Sua mãe não tinha economia. Os pratos eram feitos sempre para o dobro de pessoas que compunham a mesa.

- Eu falava: 'Mãe, que exagero!'. E ela respondia: 'Eles comem!'

O avô Aniballe Robazza era de hábitos. Às 5h da manhã, a polenta já estava no fogão. Chamavam os funcionários para tomarem café juntos e a refeição era uma festa de tanta gente: os 11 filhos mais os convidados.

- Era o dia inteiro fazendo pão, polenta, bolos. A gente não parava de comer.

O melhor destino de férias era a casa dos avós, em São Simão. A polenta que sobrava ia para a chapa no outro dia e Ana ainda sente o gostinho da delícia.

A avó Santa foi com quem ela mais teve contato. Era ela quem lhe contava sobre as águas de Treviso, as Dolomitas (cadeia montanhosa dos Alpes) que se via ao longe, o vilarejo que deixou menina e nunca mais pôde ver.

Quando Ana Lúcia esteve lá eram as memórias da avó que pulsavam na mente.

- Foi emocionante poder olhar e ver as coisas que ela falava.

Dona Santa se dava bem com todo mundo. O marido morreu cedo, em 1941, e ela ficou tomando conta da serralheria. Era querida em São Simão e tinha amizade com toda gente.

Se escutava as netas falando da vida de alguém, ia logo interferindo. “Amigado com fé, casado é”, dizia sobre os relacionamentos “falados” para a época.

Ela faleceu em 1968, aos 84 anos, quando Ana tinha 8 anos. Continua viva na história que a neta guarda com tanto carinho.

Da avó Cláudia Ricci, que faleceu quando tinha seis anos, Ana se lembrava apenas dos longos cabelos pretos. Não sossegou até encontrar uma foto que lhe trouxesse mais memórias.

Sabe que ainda tem muitas peças para encaixar nessa grande história. Muitos laços familiares para investigar e datas para descobrir. Tem, então, missão para a vida toda.

- Quero guardar um dinheiro bom e fazer um mochilão na Itália!

Continua fazendo aulas de italiano e criando laços: preparando, de alguma forma, sua viagem pela memória.

Na árvore genealógica enorme que criou da família pela internet já está também a do genro, que é norte-americano.

Ana – ainda bem - é guardiã da história de suas famílias italianas e das outras que está a formar. Laço do passado no presente. Elo entre memória e vida.

- A árvore é uma coisa aberta, nunca acaba.



Felício Bignelli e Cláudia com os filhos Pedro, Oswaldo e Milton



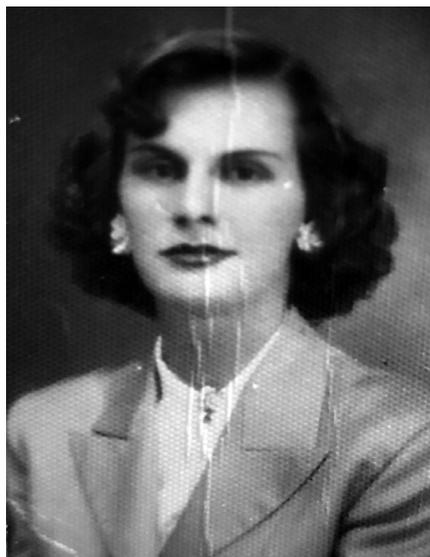
Maria Ciccone e José Ricci: pais de Claudia Ricci



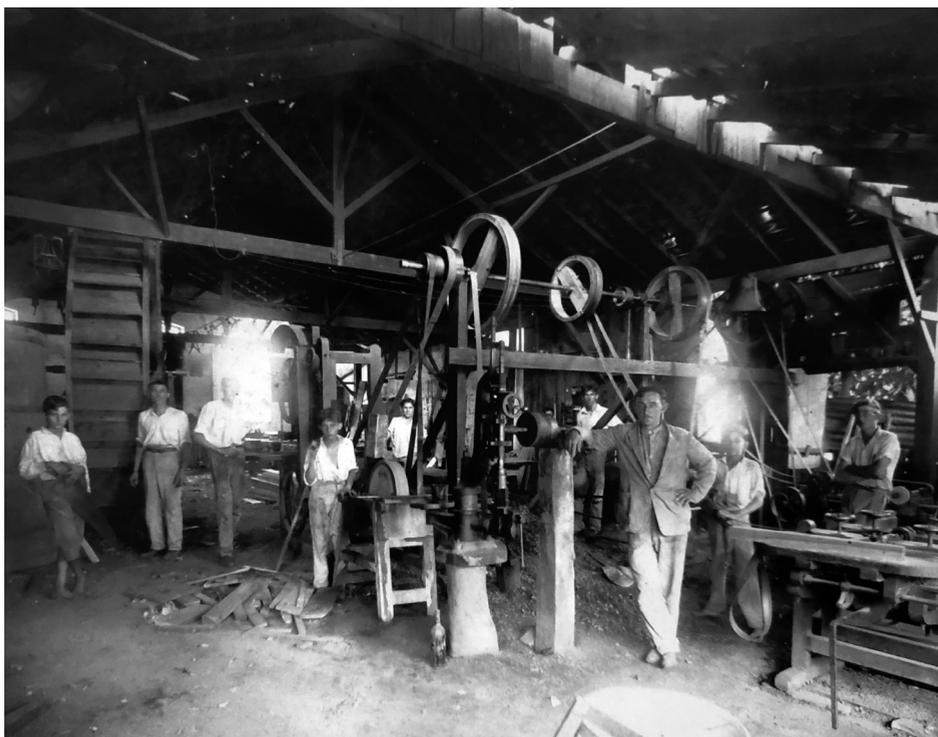
Os filhos de Felício Bignelli e Cláudia na oficina que ficava ao lado da Casa da Memória Italiana: Milton, Pedro e Oswaldo embaixo; Jenny no capô.



*Ana Lúcia Robazzi Bignelli
quando criança*



*A mãe de Ana Lúcia, Luzia Robazzi
Bignelli, chamada de Lúcia*



Serralheria da família Robazzi em São Simão



*Oswaldo e Lúcia Bignelli com
uma sobrinha*



O casamento de Oswaldo e Lúcia



Angelina com os filhos. À direita está Felício Bignelli



Santa e tia Luigia



Cláudia Ricci Bignelli e Felício Bignelli



Os irmãos Pedro, Oswaldo e Jenny Bignelli



Ana Lúcia na casa onde vive e guarda recordações de sua família

Foto de abertura do capítulo:
Casamento de Felício Bignelli e Claudia Ricci

PASQUALIN



*Serralheria Pasqualin
funcionou por 80 anos e se tornou
parte da história de Ribeirão*





cheiro de pão de queijo já havia tomado a casa. A mesa redonda estava posta, na cozinha de azulejos antigos e relógio de madeira. A cada hora, as badaladas lembravam: eis uma casa que guarda histórias e tradições.

A família se reuniu para recordar as memórias, entre bolos e delícias: mesa italiana. Quatro gerações de Pasqualin contando a trajetória que começou quando Antônio deixou a Itália com destino ao Brasil, lá em 1889.

Magdalena Pasqualin é a matriarca: neta de Antônio, tia de Décio Antônio, mãe de quatro filhos, entre eles Mônica e Fátima, que estavam presentes para a entrevista, avó de Mariana. A neta caçula tentava assimilar cada detalhe, costurando as histórias de antepassados que não conheceu, mas já tanto ouvira falar.

- Eu acho muito importante saber o legado que a família deixou.

Cuidar da memória é herança que Mariana, aos 15 anos, já acolheu.

A cada quando, durante a entrevista, um dos cinco se deixava tomar pela emoção e o choro saía fácil. Lendo a matéria de jornal que falava da união entre seu avô e seus tios na administração da empresa, Décio Antônio tropeçou nas palavras e precisou respirar para retomar o fôlego, embargado.

- Família italiana é isso: você viu o jeito que a gente é emotivo?

Justificou e prosseguiu:

- Eles nos deixaram uma história de honestidade. A gente tenta passar isso para os nossos filhos, mas não vamos conseguir da mesma forma que eles nos passaram.

A família Pasqualin ficou conhecida em Ribeirão Preto, região e até em outros estados do Brasil pela oficina de serralheira pioneira em São Paulo no trabalho com ferro e alumínio.

Foram mais de 80 anos em funcionamento, produzindo desde fechaduras, portas e janelas a enormes rodas-gigantes e carrinhos tromba-tromba, que, antes da entrega, eram testados pela criançada da família e da vizinhança, com muita expectativa.

- Se estivesse com defeito, todo mundo se machucava!

Relembrem, entre risos e saudade. Muita saudade, que se manifesta nos detalhes da casa antiga, no Centro de Ribeirão Preto, onde eram rea-

lizadas as festanças, com mesas que mediam metros, fartas de comida caseira. Dona Magdalena Pasqualin foi morar ali em 1950, aos 15 anos, com o pai João, a mãe Leonida e os irmãos. Nunca mais deixou o lar. Mesmo casada, continuou com os pais. Hoje, viúva, aos 84 anos, recusa os pedidos dos filhos para que vá viver em um apartamento.

Ali está o oratório que o avô dela, Antônio, mandou fazer para se casar com a avó, Thereza. Está o quintal que reunia a família numerosa para as fotos e festas, os noivinhos de gesso que participavam de todos os casamentos e bodas, as louças, o relógio badalando e ajudando a recordar. Foi herança que a mãe dela deixou para cada um dos filhos.

- Daqui eu não saio, não.

Magdalena – rodeada pela família - resiste ao tempo, preserva a história.

A chegada

A história que foi transmitida entre as gerações conta que Antônio Pasqualin já era ferreiro lá na Itália, comuna de Lonigo, província de Vicenza. Aos 23 anos, embarcou com destino ao Brasil.

Veio de vapor Fanfula e já desembarcou com o coração capturado. Conheceu Thereza Viola na embarcação. Ela, aos 25 anos, partiu de Veneza, Itália, com o pai Luigi, a mãe Santa, a irmã Giuseppina e o irmão Carlo.

A família acredita que o namoro foi intenso em alto mar. Desembarcaram em fevereiro de 1889 e o primeiro filho, Victório, foi registrado em janeiro de 1890, 11 meses depois. Tempo suficiente para o amor virar casamento.

No momento do desembarque, se separaram, o que hoje gera rumores e risadas.

- Acho que foi para disfarçar!

Diz Décio Antônio.

Thereza desceu no Rio de Janeiro, Bananal, no dia 8 de fevereiro. Antônio desceu em Santos, no dia 9. Deram entrada na Casa do Imigrante, em São Paulo, no mesmo dia 9, entretanto. Na capital recomeçaram a vida. Ele retomou os trabalhos de ferreiro e ela era dona de casa, mas costurava ternos com muito jeito.

- Naquele tempo era difícil um alfaiate.

Explica Magdalena.

Antônio e Thereza tiveram cinco filhos homens.

A família não sabe como e quando o casal decidiu se fixar em Ribeirão. Buscam informações em documentos e registros. João, um dos filhos, foi registrado na cidade em julho de 1897. Ou seja: nessa época, seus pais já moravam no interior. No registro de nascimento consta a fazenda Dumont como endereço de residência.

Há também um registro original da serralheria como empresa com data de 1924. Em matérias antigas de jornais consta que, já em 1917, Antônio abriu sozinho uma pequena oficina, na rua Álvares Cabral, 58, como início da grande serralheria que se daria no futuro.

A serralheira foi registrada no nome de Antônio Pasqualin e dos filhos Victório, Humberto, Luiz, Amadeu e João, que ajudavam o pai na administração.

Antônio faleceu em 1930, aos 65 anos. Desde lá, a serralheira foi passando por transformações. Mudaram para um espaço na rua Saldanha Marinho, antes de adquirirem o primeiro prédio próprio na rua Florêncio de Abreu, numeral 106, entre 1938 e 1939.

Negócio em família.

Os irmãos, aos poucos, foram deixando a sociedade da serralheria por motivos diversos: mudança de ramo e de cidade, o falecimento de Luiz, em 1950.

A partir da década de 50, a empresa passou a ser de João Pasqualin e de seus filhos, netos de Antônio. Entre eles, estava Décio Pasqualin, o pai de Décio Antônio, que participa da entrevista.

João se casou com Leonida Ferrante, que também era descendente de italianos, em 1920. Tiveram seis filhos homens e Magdalena, a caçula, xodó da casa.

Diferente dos irmãos, ela não trabalhava na serralheira. Ajudava a mãe em casa mas, no horário de almoço, para que o pai e os irmãos pudessem fazer um intervalo, ficava por ali atendendo o balcão.

- Um amigo do meu pai dizia que, se ele pudesse, me colocava em uma cristaleira. E era isso mesmo. Para namorar era muito difícil!

Entre os filhos de João, cada um tinha uma responsabilidade na serralheria. Nelson era um ótimo desenhista e impressionava com sua destreza. Com um grampo conseguia abrir cofres e cadeados. A família conta que ele sempre era requisitado para alterar o segredo dos cofres dos bancos, quando o gerente era trocado.

- Ele andava com uma bolsa pesada, cheia de ferramentas. E só aceitava andar de moto com o meu marido.

Quem diz é Fátima, filha de Magdalena, sobrinha de Nelson.

Décio cuidava do escritório. Elcio e Gerson eram mecânicos, Pêrsio e Celso entendiam de serralheria. Trabalho em equipe, que perdurou por décadas.

João faleceu em 1967, aos 70 anos, deixando a administração da empresa para os filhos. Em 1968, a serralheira mudou para a rua Pernambuco, também em prédio próprio.

Nas contas da família as atividades foram encerradas por volta de 2000, quando os filhos, já aposentados, foram se desligando do negócio.

De certa forma, a força de trabalho prosseguiu. Décio Antônio, bisneto de Antônio, que saiu da oficina cerca de cinco anos antes de fechar, continua trabalhando no ramo ainda hoje, com uma empresa que vende materiais para o setor de serralherias.

- Entrou ferrugem e graxa na mão não vai sair mais.
São as palavras dele.

Lembranças compartilhadas

Décio garante:

- Todos da família Pasqualin têm lembranças com a serralheria!

Eles trabalhavam juntos e festejavam juntos. Os filhos de Antônio trabalharam ali, assim como seus netos e bisnetos. Quando meninos, começavam a ajudar, limpando uma peça, cuidando de um balcão. Décio ficou na oficina até a década de 90.

- Com 12, 13 anos eu limpava as peças no sábado, depois que a serralheria fechava, às 12h. A gente tirava as porcas, limpava e deixava para

o avô, João, ver se estava bom para poder pagar. Depois, eu trabalhei com eles na parte administrativa.

As melhores lembranças, entretanto, estão nas brincadeiras. Testar roda gigante e carrinho de bate-bate era o ofício preferido dos pequenos.

Nos jornais da década de 50 e 60, as matérias elogiavam a honestidade dos Pasqualin e mostravam o quanto a empresa era querida. Em uma reportagem de 1976, no jornal “O Concreto”, do ramo de construção, é dito que a serralheira fora eleita como preferida pela população da cidade em “diversos concursos de preferência popular”.

Para a família, tanto crescimento só existiu pelo empenho de Antônio, filhos e netos e pela forma idônea de fazer negócio. Décio conta das vezes em que viu o avô dar exemplos, ajudar quem precisava, sem nenhum alarde.

Uma vez, comprou um bilhete de loteria a pedido do seu cunhado, que morava em outra cidade. O pedido, porém, era para o número 13. Como não tinha, João comprou outro número, que foi premiado. Ligou para o cunhado pedindo que buscasse o prêmio.

- Ele poderia ter ficado quieto! Mas não. Entregou o prêmio para o outro.

Décio conta.

- Minha mãe dizia: ‘O que uma mão dá, a outra não precisa saber’.

Magdalena complementa.

Além da serralheria, Antônio também ajudou a fundar a Sociedade Italiana de Socorros Mútuos que, em 1940, na época da Segunda Guerra, com a determinação da nacionalização de órgãos e entidades, passou a se chamar

Linha do tempo

1889

Antônio Pasqualin chega da Itália no porto de Santos. Conhece Thereza, sua esposa, no vapor Fanfula

1890

Nasce o primeiro filho de Thereza e Antônio, já casados

1897

A família já está vivendo em Ribeirão Preto, onde nasce o filho João

1917

A serralheria começa a funcionar, com uma pequena oficina na rua Álvares Cabral

1930

Antônio falece, deixando a empresa para seus filhos. A serralheira passa a funcionar na rua Saldanha Marinho

Sociedade de Socorros Mútuos de Ribeirão Preto. Existe ainda hoje, com o nome de Associação Unione Italiana de Socorros Mútuos de Ribeirão Preto.

Magdalena relembra que muitos carnavais e festas de casamento eram realizados no prédio da sociedade, na rua Florêncio de Abreu, Centro. João Pasqualin integrou a entidade por toda a vida e, hoje, Magdalena continua sócia.

Na época, ela diz, só homens eram aceitos.

Novos tempos – ainda bem.

As histórias de Magdalena

Magdalena conheceu o homem com quem se casou na praça XV, Centro de Ribeirão Preto, andando em volta da fonte, como era costume de paquera na época. Êlcio Rubens Paschoalini também tinha descendência italiana.

A proximidade de sobrenomes era grande. A família conta, aliás, que muitos dos Pasqualin foram registrados como Paschoalini nos cartórios brasileiros.

- Se puxar lá na Itália é “tutti buona gente”!

Brinca Décio.

Magdalena e Êlcio se casaram em 1956, quando ela tinha 21 anos. O primeiro filho, Guido, nasceu em 58, Êlcio Júnior nasceu em 60, Fátima em 62 e a caçula, Mônica, em 1965. Cresceram na casa da família, na companhia dos avós, que hoje são lembrança.

1938

A oficina conquista prédio próprio, na rua Florêncio de Abreu

1950

A serralheria passa a ser de João Pasqualin e de seus filhos

1967

João falece, deixando a empresa para seus filhos administrarem

1968

A serralheria muda para a rua Pernambuco

2000

Já aposentados, os filhos de João encerram as atividades

- Minha avó Leonida torrava o café na mão. Até não sair fumaça branca a gente não podia parar de mexer. Depois, ela estendia um pano no chão, jogava os grãos e a gente tinha que ficar mexendo até esfriar, para não queimar. Quando chegava visita, o café era moído na hora.

Nas palavras de Fátima.

O macarrão, Mônica conta, era feito artesanalmente.

- Era só farinha e ovos para dar o ponto. A gente ajudava a fazer sábado à noite, abria numa toalha e deixava secando para cozinhar no outro dia.

Ainda hoje, todo domingo tem macarrão na casa de histórias. E outras tradições também. Aprenderam com Antônio e Thereza: 6 de janeiro é dia de comemorar a Befana, figura do folclore italiano, rodeada de mistérios. A lenda fala de uma senhora idosa, que voa em uma vassoura espalhando doces pelas casas.

As crianças da família Pasqualin colocavam meias no pé da cama e a “misteriosa entidade” deixava delícias ao amanhecer.

- A gente escolhia a maior meia!

Conta Mônica e diz que, até hoje, mantém a tradição com seus filhos. Mariana tem 15, mas o mais velho está com 33.

- Ele vem para o Natal e já vai embora com a Befana dele.

Saudade: palavra brasileira

Décio Antônio é o filho mais velho de seu pai e xará. Nasceu em 1948 e, por isso, pôde conviver bastante com o avô, João e a avó Leonida.

- Ele estava bem! Nos vimos no dia anterior. Ele tinha mania de puxar nosso dedão, quando estávamos deitados.

João saiu de casa para resolver questões, teve uma embolia diabética e faleceu na calçada. A família, apegada demais ao patriarca, ainda chora ao contar.

Meses antes, ele havia comemorado os 70 anos. Magdalena fez um bolo com sete dezenas de velinhas. Filhos e netos - 17 netos homens e quatro mulheres - se reuniram para comemorar. Carinho que hoje é saudade.

- Registrar a história é deixar gravado aquilo que a gente recebeu deles.

Décio é quem guarda a memória material da família. Recolhe docu-

mentos, registros, fotos. Conta que demorou 10 anos para tirar sua cidadania italiana, mas conseguiu.

Já foi para a Itália umas seis vezes.

Fez questão de visitar os lugares por onde seu bisavô Antônio passou.

- Quando eu cheguei na porta da igreja onde meu bisavô cresceu, parecia que eu ia desmaiar de tanta emoção. Uma igreja pequenina, na rua de terra...

Magdalena ainda não pôde conhecer a Itália, um sonho que cultivava.

- Não sei se irei realizar nessa vida, mas um dia eu vou!

Do outro lado do oceano, em terra brasileira, vão resgatando raízes e preservando a história que, hoje, é de duas pátrias. Saudade é palavra do Brasil, que dá nome ao amor italiano.

- São lembranças muito boas... eles deixaram um legado.

Magdalena, a matriarca, é quem finaliza.



Foto da Serralheria Pasqualin publicada em um jornal em 1972

Oficina de Serralheria

Irmãos Pasqualin

ESPECIALISTAS EM APARELHOS DE DIVERSÕES E EM PARQUES INFANTIS



O clichê ao lado mostra um belíssimo "Auto-Pista" infantil", de fabricação da grande Firma IRMÃOS PASQUALIN

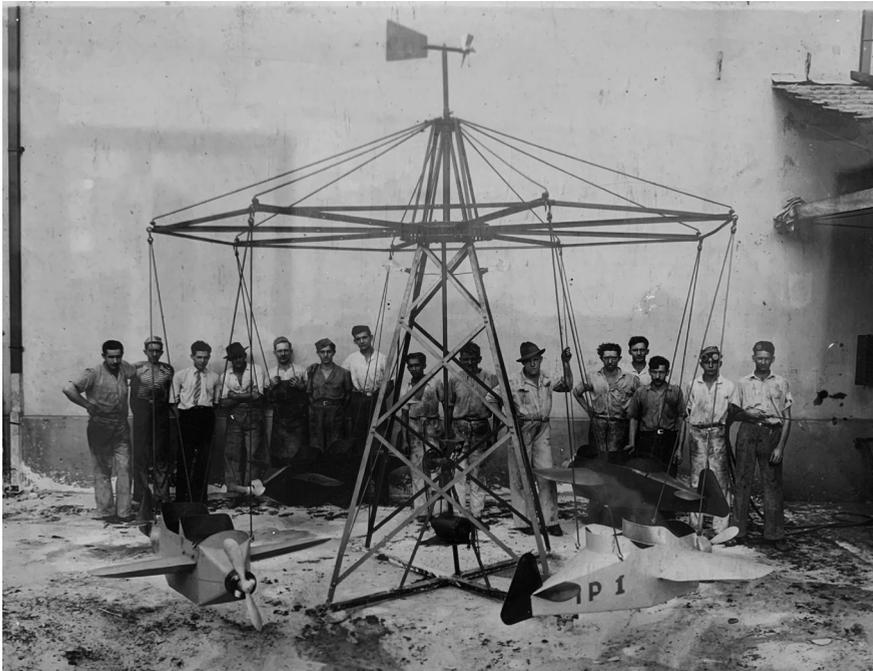
SOLDA AUTOGENIA E ELÉTRICA — ENCARGAM-SE DE FAZER FOGÕES, GRADES, PORTÕES E QUALQUER TRABALHO PERTENCENTE AO RAMO

Caixa Postal, 126 - Rua Florêncio de Abreu, 106 - Fone: 1623

Ribeirão Preto

Estado de São Paulo

Propaganda da serralheria publicada no jornal em 1956



Serralheria Pasqualin na década de 40



Casamento de Magdalena Pasqualin e Elcio em 1956



João Pasqualin e seus seis filhos em 1963



Encontro da família Pasqualin em 1983



*Magdalena com o oratório feito pelo seu avô,
Antônio Pasqualin*

Foto de abertura do capítulo:
Família Pasqualin reunida para contar sua história

SARTORE



*História de Antônio Sartore
com a Dante Alighieri começou
com seu pai Matteo, 80 anos atrás*



fo to em preto e branco emoldurada na parede mostra a primeira sede da Sociedade Dante Alighieri, na rua General Osório, em 1940. Em frente ao portão está Matteo Sartore. Antônio avisa, com a voz orgulhosa: “Esse aí na foto é meu pai!”

A história da família Sartore com a sociedade italiana começou cerca de 80 anos atrás. Matteo e sua esposa vieram da Itália para o Brasil com as filhas pequenas e nenhum dinheiro. Ele trazia na bagagem a tristeza da Primeira Guerra Mundial. Combateu, foi preso pela Alemanha, viveu em um campo de concentração, passou 25 meses longe de casa.

Chegou ao Brasil com essa força e a vontade de recomeçar. Foi funcionário da Dante e morou por um bom tempo em uma casinha que ficava na sede, no Centro de Ribeirão. Depois, se tornou sócio da instituição e permaneceu até falecer, em 1965.

Partiu sem ver o que viria. Décadas depois, seu filho Antônio se tornaria o primeiro cidadão brasileiro, descendente de italianos, a assumir a presidência da sociedade.

Foi preciso persistência para alterar o regimento da instituição, que nasceu em 1903. Até então, somente italianos podiam integrar a diretoria. Mário Perrota, italiano que passou 24 anos na presidência, foi um dos entusiastas da mudança, como diz:

- Daqui 10, 15 anos, ainda terão italianos aqui? É uma triste constatação. Não temos mais italianos jovens dispostos a assumir. Queremos mostrar para as pessoas que é possível fazer a renovação. Tem que pensar no futuro!

No cargo desde 2016, Antônio, 73 anos, inaugura uma nova e necessária fase na trajetória da instituição. Descendente de italianos de muita história, ele tem espaço de sobra no coração. De um lado, a pátria que acolheu sua família. De outro, suas origens bem preservadas.

- Nós queremos criar nos descendentes de italianos esse sentimento de pertencimento, para mostrar que eles têm raízes.

Raízes que foram bem cuidadas pelo seus pais. Matteo e Rosa, que também era de família italiana, mantinham as tradições e o jeito italiano de levar a vida. Na comida, nas festas, nas músicas, na seriedade e rigidez: a Itália sempre esteve presente na casa da grande família.

- Eu sou brasileiro como os outros, mas tenho uma história e não posso ignorar isso. Essa minha herança cultural me transforma no que eu sou.

Seu pai, Matteo, tanto sabia sobre a importância de cuidar da história que começou a escrever um diário de memórias em 1949, aos 53 anos. Para o pesar dos filhos, que guardam os registros como uma grande herança, ele não terminou a obra.

O que escreveu, porém, é suficiente para embasar a história que aqui buscamos resgatar.

*“Não é uma obra literária que pretendo escrever. O que eu quero é deixar escrito para meus filhos a origem de onde veio o seu pai e de modo claro a descendência tanto paterna quanto materna”
(trecho das memórias deixadas por Matteo)*

A Primeira Guerra

A primeira versão do documento, que hoje soma 39 páginas no Word, foi escrita por Matteo à mão, em um caderno. Começou em 1949, em um quarto de hotel em Uberlândia, disposto a registrar seus 53 anos de vida.

Entre muitos detalhes, foi revelando a formação da grande e simples família italiana desde seus bisavós. Contou o que sabia, através do que colheu com seus pais.

Seus filhos digitalizaram suas palavras, registro de toda uma época. Foi através dos escritos que eles puderam conhecer as memórias do pai na guerra.

- Ele não falava disso. Toda guerra é traumática. Ninguém volta são.

A família de Matteo vivia em Villa Estense, província de Pádova. De origem muito simples, trabalhando na lavoura, seus avós criaram os filhos com muitas dificuldades e seu pai, Albano, herdou a rotina amarga: perdeu a mãe muito criança e o pai aos 16 anos.

Os pais de Matteo tiveram 10 filhos, mas cinco morreram ainda muito pequenos, por doenças diversas. Ele tinha um irmão gêmeo, que faleceu aos nove meses de idade.

Ainda criança, aprendeu o ofício de sapateiro. Em seus registros, conta que andava oito quilômetros todos os dias para ir à cidade trabalhar, antes de ganhar uma bicicleta do pai.

A comida de todo dia era polenta: o único que tinha.

“Eles faziam a polenta com a semente da palha que se fabrica a vassoura. A vocês, queridos, deixo a imaginar que vida de amargura não foi para estes chefes de família. Mas todas essas misérias e este sofrimento não foram capazes de vencer a férrea vontade destes dois irmãos (seu pai e seu tio). Eles trabalharam e venceram.”

Quando foi chamado para a Primeira Guerra Mundial, entre 1915 e 1916, Matteo tinha 19 anos e já estava noivo de Elisa Munaro, que conheceu em sua cidade. Conta que integrou a *Guardia di Finanza*. Um corpo especial, exigia que os alistados soubessem ler e escrever, o que ele havia aprendido nos poucos anos em que pôde ir para a escola, frequentando apenas o primário.

Viu amigos serem mutilados e mortos, viveu – e sobreviveu - aos horrores da guerra. Passou dias andando sem parar, entre as derrocadas, em busca de amparo.

“O trem parou e o drama da realidade era presente. Foi um momento de pânico. Velhos, mulheres e crianças em desespero por ouvir o sibilar das balas das metralhadoras. Nós, soldados já acostumados ao perigo, não ligávamos muito. Um oficial que fazia parte do nosso grupo de fuga, dentro daquela miscelânea de soldados, pedia a nós para termos muita calma, não respondermos ao fogo inimigo, para poupar a vida dos civis”

Preso pelos alemães, teve que andar por 36 horas para chegar a uma cidade, pegar um trem e ser levado ao campo de concentração. Passou seis dias e seis noites neste vagão, que era usado para transportar animais.

Conta que durante essa caminhada sua mão congelou. Teve um problema que durou meses, se transformou em uma infecção e quase foi preciso amputar o braço. Antônio relembra que o pai ficou com dedos da mão imobilizados, como seqüela desse episódio. Trabalhou anos como sapateiro ainda assim.

“A comida eram 200 gramas de pão por dia e abria-se o carro a cada 24 horas. Ali não havia privada, nem água, mas, como tudo tem o seu fim, também este suplício acabou e, se a memória não me falha, chegamos ao campo de concentração no dia 18 de novembro de 1917”

Matteo passou 25 meses sem ver sua família, sob comando dos alemães. Quando a guerra acabou, em 1918, ainda teve que provar para o governo italiano que nada tinha a ver com o comunismo, por causa de uma confusão ocorrida em um campo de concentração onde sequer esteve.

“Este foi um dia que nunca esquecerei. O capitão comandante do campo chamou os intérpretes e comunicou-nos que a guerra tinha acabado e que nós éramos livres para ir aonde nós quiséssemos, mas logo advertiu que, se nós ficássemos, o campo se responsabilizaria por nossa sorte e, quem quisesse ir embora por conta própria, o que acontecesse era por risco próprio.”

Ele fala das cartas diárias que escrevia para os pais e a noiva. Da saudade. Da apreensão dos dias em que não pôde escrever. E, claro, da volta para casa.

“A quem ler deixo imaginar a alegria que invadiu o meu coração quando embarquei para rever, depois de 25 meses, a minha mãe e a minha noiva. O trem corria na noite fria do mês de janeiro. Era mais ou menos 8 horas da manhã quando cheguei na estação de Monselice, porque o trem não parava em Santa Leonor. De Monselice a minha casa eram mais ou menos 10 km conhecidos de estrada. Comecei a andar, procurando sempre encurtar o caminho. Quando cheguei era mais ou menos 10 horas da manhã. As crianças viram que chegava um soldado e correram a dar o aviso.”

“Chorei sim. Chorei porque para mim era um sonho voltar a ver a minha mãe, minha família, a minha noiva, depois de ter visto a morte milhares de vezes, depois de tanto perigo, depois de tantos sofrimentos, finalmente terminava o meu calvário e chorei de alegria.”

O encontro com a noiva é lembrado como cena de filme. E a fala inicial, de que não pretendia escrever um romance, nesse trecho se desfaz.

“Ela me vê e para no meio da sala, sem proferir uma palavra. Eu a olho e, como duas estátuas, ficamos firmes um defronte ao outro

olhando sem saber o que dizer. Mas a senhora Ida interrompe a nossa emoção e com palavras maternais diz: “Abracem-se, beijem-se, isto eu admito em minha presença”. Foi um abraço e um beijo não de dois enamorados, mas de duas almas que profundamente se amavam. Oh! Como é belo depois de tanto tempo de separação forçada, depois de tanto sofrimento e perigo, depois que minha noiva verteu rios de lágrimas. Até que enfim, naquele momento tinha fim toda a apreensão e só nos esperava o dia de poder unir nossas almas ao mesmo destino de alegria ou de dor.”

Embarcando para o Brasil

A vinda para o Brasil foi permeada de muito sonho. Matteo conta em seus registros que receberam na Itália um senhor de Bonfim Paulista.

“Este senhor contava as grandezas desta terra, que aqui todos faziam fortuna e que a vida era muito fácil. Nós, iludidos com tanta fortuna, de comum acordo tomamos a decisão de vir para o Brasil”.

Antônio mostra a reprodução de uma propaganda veiculada na época chamando os italianos a virem para o Brasil. A imagem faz parte do acervo da Dante Alighieri.

Iludida com essa ideia de prosperidade, a família Sartore começou a planejar a viagem.

Matteo e Elisa se casaram em 1920, quando ele encerrou os serviços militares, e passaram a viver com a família dele. Em 1923, com duas filhas pequenas, decidiram partir para o Brasil, na companhia da irmã dele, do cunhado e dos dois sobrinhos, também crianças.

Embarcaram no Vapor Formosa em 19 de dezembro de 1923 e chegaram ao Rio de Janeiro em 7 de janeiro de 1924.

Ele relata que não tiveram autorização para desembarcar no porto. Muitos passageiros morreram na travessia e havia a suspeita de sarampo. Suas filhas e sobrinhos também estavam com a suspeita da doença e a família ficou 15 dias internada para tratamento em um hospital.

Depois da internação, quando já estavam de alta, as meninas contraíram de fato a doença e a família passou por mais um período de apreensão,

entre a viagem do Rio de Janeiro para Bonfim Paulista. Enfim chegaram. Enfim as crianças ficaram bem.

Passaram pouco tempo na fazenda, entretanto. O cunhado era pedreiro e Matteo sapateiro. Não se adaptaram ao trabalho no campo e logo perceberam que as condições não eram como as prometidas.

Em suas memórias, Matteo conta que os italianos tinham que contrair dívidas com o dono da fazenda, o que fazia com que trabalhassem muito e fossem obrigados a continuar na propriedade. Mesmo sem dívidas, ele teve dificuldades para deixar o local, sofrendo pressões do “patrão”.

Partiram para Ribeirão Preto e foram viver em uma casa alugada no antigo “Barracão”, que hoje é o bairro Ipiranga. Ali ele abriu uma sapataria, com dinheiro emprestado.

Com as contas muito apertadas, no entanto, pediu auxílio ao Consulado Italiano e, por volta de 1930, foi convidado para trabalhar na instituição, que na época funcionava no mesmo prédio da Sociedade Dante Alighieri.

Antônio conta que seu pai era uma espécie de zelador do local e passou a morar na Dante, no espaço onde havia o campo de bocha, a cantina, as atividades de lazer.

“Mas o destino é cruel”, Matteo escreve. Sua esposa Elisa ficou doente e faleceu por volta de 1931, aos 35 anos, deixando as duas filhas pequenas.

“Qual a minha dor a quem ler deixo imaginar. O enterro foi uma grande manifestação de afeto, amigos de todas as classes sociais, a acompanhei até a cova e antes que seu corpo fosse sepultado me inclinei e disse: ‘Adeus cara Elisa, que Deus te dê a paz eterna, porque a merece’”.

Dois anos depois, Matteo se casou com Rosa Brochetti, descendente de italianos que viviam na Vila Tibério. Passaram toda a vida juntos. A família cresceu, sempre nos Campos Elíseos. Tiveram nove filhos, entre eles Antônio, o terceiro mais novo.

A Segunda Guerra

A Sociedade Dante Alighieri foi fundada em 1903, com o nome de “*Società di Mutuo Soccorso e Beneficenza Pátria e Lavoro*”, por iniciativa de

um italiano, Girolamo Ippolito, e união de outros muitos. Em 1910, foi transformada em Dante Alighieri.

Resistiu às interferências da guerra e hoje continua vencendo os desafios para se manter atuante. São 180 associados e Antônio acredita que deveria ser mais.

- Cerca de 30% da população de Ribeirão Preto é descendente de italianos. São 200 mil pessoas! Estão faltando italianos aqui, não é?

A Segunda Guerra Mundial se fez presente para Matteo, mesmo vivendo no Brasil, com filhos nascidos aqui. Ele trabalhava no Consulado, junto à Sociedade Dante Alighieri, quando a guerra estourou, em 1939. As relações diplomáticas com o Brasil foram cortadas, o prédio onde funcionava a instituição foi confiscado e as atividades foram interrompidas.

Os bailes tão famosos pararam, o campo de bocha e a cantina que abrigavam as atividades “*doppo lavoro*” também deixaram de existir. Matteo e a esposa, com seis filhos, precisaram encontrar um novo trabalho.

Ele abriu um bar, na praça Santo Antônio, Campos Elíseos, mas logo percebeu que esse não era seu negócio. Se tornou, então, representante comercial, vendendo máquinas e acessórios para marcenaria.

Antônio acredita que o pai começou a escrever suas memórias em uma das muitas viagens de trabalho que fazia e que chegavam a durar 25 dias.

Foi também em uma dessas viagens que ele teve um infarto, em 1953, aos 57 anos. Impossibilitado de trabalhar, coube então aos filhos cuidarem da casa.

Antônio

Antônio herdou a força de trabalho do pai. Atuou como representante comercial a vida toda. Começou a trabalhar aos 14 anos, por volta de 1960. Matteo deu o ultimato: “Esse menino precisa aprender a fazer alguma coisa!”. Arrumou-lhe um emprego em uma loja de roupas infantis no Centro de Ribeirão, no período do contraturno escolar.

Depois de um ano, ele passou a trabalhar em outra empresa, de produtos veterinários, onde se tornou vendedor.

Como representante comercial atuou com tudo quanto é tipo de produtos: agrícolas, fogão, máquinas de costura.

- A minha geração pegou as duas pontas: cuidou dos pais e dos filhos. Se casou e teve duas filhas gêmeas, repetindo a hereditariedade de seu pai. Hoje, é avô coruja de duas netas e avisa que a terceira está a caminho.

Conta que, após o falecimento de seu pai, em 1965, a família se afastou um pouco da Dante Aligheri. A sociedade foi reaberta e pôde retomar o seu prédio em meados dos anos 50. Os bailes e atividades retornaram! Matteo foi tesoureiro da instituição até 1964, um ano antes de falecer.

Foi sua filha, Marilena Sartore, quem se reaproximou da sociedade primeiro, nos anos 90. Chegou pela vontade de aprender italiano e foi ficando, revendo as raízes. Logo se associou e foi convidada para participar da diretoria.

Antônio, então, passou a ajudar a irmã a organizar eventos, cuidar de uma coisa aqui, outra acolá. No começo dos anos 2000, a sociedade começou a intensificar suas comemorações: festa da Befana, Semana da Cultura Italiana, e os irmãos Sartore sempre presentes.

Por volta de 2005/2006, Antônio também se associou. Ele está presente desde a organização do primeiro Festitália, em 2005, e participou do crescimento do evento, em 2010. Hoje, o encontro que promove a cultura italiana recebe cerca de 20 mil pessoas anualmente, no Morro do São Bento. É a maior festa promovida pela Dante.

Em 2016, Antônio foi eleito presidente da instituição, com o apoio do presidente de duas décadas, Mário.

- Quanto tempo mais eu aguento? Nós queremos ver gente nova aqui! Novas ideias!

Por isso, o investimento nos eventos que promovem a cultura e a abertura da diretoria para os descendentes. Para Antônio, a importância da Dante está na preservação da memória.

Memória que Antônio conhece e guarda.

- É manter vivo o espírito de italianidade.

Segue fazendo a sua parte. Mostra os documentos e fotos, registros e mais registros, e diz:

- Nossa vontade é transformar tudo isso em um museu. Guardar a história.

Ali, preservando a cultura italiana em suas muitas formas, Antônio vai construindo o amanhã. Quer que suas netas também possam conhecer a história dos antepassados e preservar as tradições que eles trouxeram nos

vapores pelo oceano. Quer que a história de Matteo, Elisa, Rosa continue sendo contada.

- Eu gosto de conhecer o passado para entender o presente e imaginar o futuro. Nós somos uma soma do nosso passado com o nosso presente.

Na parede, a foto emoldurada do pai relembra que a história de hoje começou bem antes, com muita força italiana.



Família de Matteo na Itália, antes da partida para o Brasil



Matteo quando serviu na Primeira Guerra Mundial



*Tilde e Noemi: filhas de Matteo e
Elisa, que nasceram na Itália*



Matteo e sua primeira esposa, Elisa

n. 8

Société Générale de Transports Maritimes à Vapeur
UFFICIO PASSEGGERI
 GENOVA - Via Billo - Salita S. Brigida, 2 - GENOVA

Piroscalo francese FORMOSA

Stazza netta Tonn. 2876 - Velocità alle prove miglia. 14 8 all'ora

BIGLIETTO DI III. CLASSE

St.	Nome	Età	Passi e Reini	Caricati
1	Scartore Matteo	24	1/1	1/1
2	figlio	2	1/1	1/1
3	figlia	2	1/1	1/1

La durata del viaggio sarà attestata da un giornale, per ogni nave, e da un giornale di partenza. Il documento, emesso, è valido fino al 19 DIC 1923.

RIO JANEIRO toccando gli scali di **MARSIGLIA**
Dakar
 (Barcelona Almeria-Malaga eventuali.)

Prezzo del viaggio (compreso gli scali toccati) circa L. 1700
 Punt. R. 8/10 a Lit. 1700 Lit. 1700

DESTINA VERSAMENTI

TOTALE Lit. 1700

19 DIC 1923
 S. P. N. 24-9-924
 Il Mandatario
Spironelli

N. /


IL SINDACO
DEL COMUNE DI VILLA ESTENSE

CERTIFICA

che *Scartore Matteo*
 figlio di *Albano* d'anni 24
 nato a *Villa Estense*
 dal 1919
 tenne sempre buona condotta sotto ogni riguardo.

Rilasciato su carta libera
 per comprovato merito e per
 uso di lavoro

31-10-1923

IL SINDACO


Documentação da participação de Matteo na Primeira Guerra Mundial



Matteo e sua segunda esposa, Rosa Brochetti



Matteo em frente ao prédio da Sociedade Dante Alighieri, na rua General Osório, por volta de 1940



Missa realizada na Dante na década de 60



Noite Napolitana realizada na Dante em 1966



Baile de Carnaval realizado na Dante em 1970



Os irmãos Sartore, filhos de Matteo, em ordem de nascimento



Antônio à frente da pintura feita por Bassano Vaccarini em homenagem aos imigrantes italianos no salão da Dante, que hoje abriga o restaurante Tempero Brasileiro



Antônio Sartore, atual presidente da Dante, com Mário Perrota, que foi presidente por 24 anos

Foto de abertura do capítulo:
Antônio e a pintura de Dante que dá boas-vindas a quem chega na Sociedade

FASCINO



Dora escreveu livro para guardar história de afeto da família. Fascino e seu famoso pão





coração da cidade é a vista diária de Doracy. Da sacada, ela contempla a região central de Ribeirão Preto: a Catedral, as praças, as ruas que tanto conhece. Sempre por ali, é memória das tantas mudanças que ocorreram em seus 90 anos de trajetória.

- Minha vida foi aqui, no Centro. Não tem lugar melhor.

Ela cresceu na rua Américo Brasiliense com a Cerqueira César, rodeada pela grande família italiana. A “Padaria e Pastificio Sul América”, de seus avós maternos Amália e Francesco Fascino, ficou conhecida e querida na cidade e na região.

Os avós e seus filhos administravam todo o negócio, cada um com sua função. Doracy também ajudava. Encantada pela família, observava tudo, atenta. Memórias que hoje trazem saudade.

- Eu cresci com eles e fui mesclando minha vida com a deles. Foram a cepa de onde brotam os ramos. Sempre senti profunda admiração pelos meus avós.

O apartamento onde vive hoje, com seu irmão mais velho, na rua Tibiriçá, é repleto de lembranças: móveis, fotografias, registros. Vez em quando, o cheirinho de pão toma conta do espaço. Aprendeu a receita – que é segredo de família. E continua cozinhando. A fermentação natural, que faz o pão levar 12 horas para ficar pronto, continua a mesma.

Há sabores que nunca voltam, porém.

- Eu faço, mas, veja bem, não é igual. O forno não é igual, a farinha. O que diferencia uma receita são os ingredientes e a maneira como a pessoa faz. Meu pão é bom, mas não é igual ao do meu avô.

O forno elétrico é bem diferente do que o seu avô usava, à lenha - buscada com muita força pelos filhos. A casa já não está cheia de gente, se reunindo em volta da mesa. O pão, o Centro, a rotina, a família: tudo foi sendo modificado. Para Dora, então, fez-se necessário guardar a saudade. Registrar a história.

- Essas vidas não podem ser perdidas, porque são únicas. Há vidas semelhantes, mas nunca iguais.

Começou em 2000 e levou 17 anos para terminar sua obra.

O livro “O que você conta? O que conto eu?” tem sua tia caçula, Ignez,

como personagem principal. Escolhida por sua alegria e memória impecável, atrelada a seu dom para contar boas histórias.

Dora reuniu as lembranças que passou a vida a escutar e, ao longo dos anos, foi registrando as conversas que tinha com a tia.

Antes de dormir, depois do lanche da noite - tradição diária - ela se sentava para colher as memórias de Ignez.

Sempre no tempo da tia, respeitando sua emoção e sua vontade, Dora teceu a história ponto a ponto, com carinho e cuidado. Os mesmos ingredientes que colocou na trajetória que escreveu com sua família. Esteve ao lado dos avós, da mãe e das tias em todos os momentos, até o capítulo final. Entre as memórias que transforma em palavras, lá está Dora acompanhando Ignez na reinauguração do Theatro Pedro II, nos aniversários, no dia a dia.

O resultado foi um livro repleto de recordações e uma vida repleta de afeto. Um olhar sobre uma época e seus costumes, sobre o Centro vibrante de bailes e passeios na Praça XV ao som da banda no coreto, com lojas sofisticadas e teatros. Um livro que guarda, acima de tudo, os laços de amor da família Fascino, pelo olhar de Doracy, que tanto se orgulha de sua obra.

- Eu não sou escritora. Decidi escrever por amor a minha família. O amor leva a muitas coisas, quando é bem dirigido. Foi mais uma celebração à vida do que propriamente um livro de histórias.

“Numa tarde de verão de um dia qualquer do início do novo milênio, olho para minha tia cochilando sentada na sua poltrona favorita; a cabeça levemente inclinada repousa sobre a mão direita, enquanto o braço esquerdo descansa no outro lado da cadeira. À frente da cadeira está o seu andador. Vejo que os anos transcorreram sem que eu desse conta... Ela envelhecia.”
(trecho do livro “O que você conta? O que conto eu?”)

A chegada e os pães

Assim como colheu os relatos de Ignez, agora sou eu quem pede que Dora recorde a história. Me sento na sua frente, disposta a escutar suas memórias, como ela fizera antes. Ela, então, vai costurando os retalhos de toda uma trajetória.

- Está tudo no livro!

Repete várias vezes ao longo da conversa, como se quisesse ressaltar que a história que aqui se conta já fora bem registrada pelas suas palavras de afeto. Rememoramos, então.

Os avós maternos vieram da Itália. Viviam em Nápoles, mas “quis o destino”, como ela diz, que viessem se encontrar no Brasil.

- Ele chegou aqui com um sonho de realização, como todo imigrante. Nesse sonho, o imigrante traz a força do trabalho e a força da esperança.

Francesco Antônio Fascino foi fruto de um amor proibido nunca revelado. Ainda bebê, foi colocado na “roda” de um convento e criado pelas freiras, recebendo educação de muita qualidade.

Chegou ao Brasil com 14 anos, em 1890, trazido por um casal. Não contou à família o motivo da viagem ou outros detalhes. Aprendeu o ofício de padeiro, que lhe acompanhou a vida toda, trabalhando em São Paulo.

Amália Andriola - sobrenome que no Brasil passou a ser registrado como Andreolli - chegou em 1894, casada. Veio com o marido, um filho pequeno e grávida do segundo. O esposo morreu logo após, porém, por motivos que ela também nunca revelou.

Amália e Francesco se conheceram no Brás, reduto para os imigrantes em São Paulo. Ela, viúva, não podia frequentar as festas, mas espiava pelas frestas do salão. Em uma dessas espiadelas viu Francesco e se apaixonaram.

- Ela deve ter sido muito bonita! Era uma mulher viúva, com dois filhos. Eu acredito que foi sua beleza que chamou a atenção nesse começo.

Ela aos 20 anos e ele aos 21, se casaram em 13 de novembro de 1897, já em Ribeirão Preto, onde há anos vivia o irmão de Amália, importante comerciante.

Por volta de 1910, entretanto, a família retornou a São Paulo, onde abriram a primeira padaria própria e onde nasceu Ignez, a caçula de sete filhos, em 1912.

Com a recessão trazida pela Primeira Guerra Mundial e as dificuldades do pós-guerra, Francesco e Amália decidiram voltar a viver em Ribeirão pouco depois. Abriram a primeira padaria no bairro Campos Elíseos, avenida da Saudade, depois passaram para o Centro, na rua Saldanha Marinho e, com o sucesso do trabalho, conseguiram adquirir um terreno próprio na rua Américo Brasiliense com a Cerqueira César, por volta de 1920.

Ali moram as maiores lembranças de Dora. Em seu livro, ela e Ignez relembram os quase 900 m² do imóvel em detalhes e também as transformações pelas quais a casa foi passando com a expansão do negócio. A família ia perdendo seus espaços para que a padaria e depois o pastifício pudessem crescer. As massas produzidas, a partir de 1929, passaram a ser distribuídas também para as cidades do entorno e foi preciso expandir o local de trabalho.

Os Fascino também tiveram outras filiais da padaria pela cidade. Os negócios prosperaram e a família viveu décadas de “bonança”, nas palavras de Dora.

A padaria foi pioneira no serviço de delivery, ela conta orgulhosa. Começaram com uma carroça e logo seu avô adaptou um carro, com rodas ainda em madeira, para agilizar os envios.

- Ele foi o primeiro a fazer entrega domiciliar!

Ainda hoje, o pão de seu avô é lembrado com saudade em forma de água na boca. O mais tradicional era o “pão de peito”. Ela explica que ele levava esse nome por ser muito grande.

- Tinha que encostar no peito para cortar!

A receita, garante, já não é segredo de família como antigamente.

- Hoje você coloca no Google e consegue tudo!

Mas o gosto nunca foi o mesmo.

- Muita gente ainda fala isso: que saudade do pão do Fascino!

A padaria foi fechada na década de 50, após o falecimento dos avós e de um dos tios, muito atuante no negócio. A grande casa vive apenas nas memórias e nas palavras do livro.

“Estas imagens estão impregnadas de louvor, agradecimentos, petições, alegrias e dores, pois ao entardecer minha avó e filhos rezavam o terço, recitando numa mistura de palavras em italiano e português. Dentro de mim, ainda ouço a voz de minha avó ressoando: Pater noster, qui e èn cielo... Amália sempre foi a mãe protetora do legado espiritual da família. Era devota de ‘Nossa Senhora de Achiropita’. Nos dias atuais estas imagens têm lugar especial entre nós e recebem agradecimentos e petições; através delas nossos pensamentos nos unem a Deus e a sua mãe Maria.”

Memórias felizes

O combinado com a tia Ignez para a escrita do livro foi de que só falariam sobre os momentos felizes. Assim Dora também inicia nossa conversa.

- Na nossa casa não focalizamos tristezas. A gente conta a vida, porque é transformação. Tristeza é estagnação. Você fica parado no tempo e no espaço.

Escolhe as melhores palavras:

- A vida de uma pessoa é aquilo que ela se lembra.

Começamos pelo seu nome. No livro, duas assinaturas: a oficial e a que a vida trouxe. Doracy Castelli é o sobrenome do pai, com quem ela conta que não teve contato e nem tem lembranças. Pronto: paramos aí. Não falamos de tristeza!

Dora Fascino é o nome pelo qual ficou conhecida.

- A sociedade escolheu e me batizou assim porque eu cresci com meus avós maternos, minhas tias, minha mãe. Passei a ser Fascino.

Dora, sua mãe e seus dois irmãos voltaram para a casa do avô quando ela era ainda muito pequena. Os avós tiveram cinco filhas mulheres e dois homens. A maioria trabalhou na padaria e deu seguimento ao negócio quando os pais faleceram.

- A família nos criou. Tive três tias-mães. Elas eram pessoas distintas. Cada uma com uma sua personalidade.

Em suas lembranças, a tia Ignez era a mais extrovertida e dançante. Tia Olga era “uma doçura, força de trabalho espetacular”. Tia Irma era “forte e decidida”. E a tia Donata acabou se distanciando do núcleo familiar após o casamento. Sua mãe, Alvina, filha mais velha, era o braço direito dos pais.

Os netos também ajudavam. Dora e seu irmão Oswaldo estavam sempre por ali. Ela ajudava a embalar e ele chegou a fazer as compras para o estabelecimento no período da guerra, em que os ingredientes eram fracionados e cada pessoa só podia comprar um único pão.

- Havia filas enormes em frente à padaria. Todos entravam na fila, sem distinção.

São algumas das muitas lembranças que povoam sua mente e foram compartilhadas no livro.

Dora não seguiu a carreira da panificação. Estudou e se formou profes-

sora. Trabalhou por 37 anos em sala de aula, se dedicando ao Ensino Fundamental e Infantil.

Começou no Colégio Santa Úrsula, trabalhou também no Otoniel Mota, ingressou como professora no Estado, fez extensa carreira e garante:

- Ainda estou em forma para lecionar. Mas a vida tem que se renovar. Eu não posso ficar ocupando o lugar de outro, que vai contribuir mais do que eu. A gente nunca sabe o que o outro ser humano vai oferecer.

Ela foi casada, não teve filhos e avisa que esse é outro assunto sobre o qual prefere não falar. A alegria, bem avisou, é a tônica da conversa. O sobrinho Paulo, de quem fala a entrevista toda, foi como filho desde sempre. A felicidade está retomada.

- A vida não é feita de tristezas. Todo mundo pode ter tristezas, mas a vida não é isso. Tristeza só traz sofrimentos.

Viveu a maior parte de sua trajetória ao lado da família materna. Morou com os avós, as tias e tios, a mãe, e foi vendo cada um cumprir seu tempo por aqui. Hoje, vive com o irmão Oswaldo, de 93 anos. Os dois cuidam da casa sozinhos. Ela pinta, borda e faz questão de dizer que continua cozinhando diariamente, por um único motivo:

- O prazer de cozinhar!

A trajetória é lembrada com gratidão.

- Não tenho do que me queixar. Estou nessa idade, com minha lucidez e minha vontade de contribuir para a mudança. Isso me faz viva!

A costura do livro

A primeira fagulha de ideia do livro surgiu durante a aula de italiano, que Dora começou duas décadas atrás e continua ainda hoje. O professor pediu que a turma escrevesse um texto e ela escolheu seu avô como personagem. A obra foi elogiada e fez nascer a vontade de continuar escrevendo.

- As pessoas passam pela rua da padaria e não sabem o que aconteceu. A família Fascino se diluiu, não tem herdeiros. Agora, o nome ficou preservado de uma forma muito bonita.

Dora morava com suas tias e passara a vida toda ouvindo as histórias que elas contavam. Convidou Ignez a contar novamente, agora sob seus registros. E começaram!

No livro, ela reproduz as conversas, inclusive com as pausas. Quando começaram a tia já estava com 88 anos. Foi preciso, então, respeitar seu tempo e suas emoções. Também precisou respeitar o seu próprio tempo. Depois que a tia faleceu, Dora ficou anos sem conseguir escrever. Tudo foi feito com calma, ao longo de 17 anos, após o jornal terminar na TV.

Nesse período, suas tias foram homenageadas e entrevistadas. Na reinauguração do Theatro Pedro II, em 1996, rememoraram como fora a primeira inauguração, em 1930. Estiveram lá, afinal. Eram memória viva, história pulsante.

“Vestida com elegância e discrição comparece à festividade. O tecido de veludo cor de vinho da sua roupa realçava a sua pele clara rosada e os cabelos nevados e muitos a reconhecem: alguns são amigos da família, outros que a viram na TV e estranhos que perguntavam:

— Quem é a senhorinha tão elegante e festejada?”

As festas de família também foram inspiração para a escrita. Relembravam a época em que se reuniam no espaço da padaria, tamanho o número de pessoas. Filhos, noras, netos: a cada ano, chegava um novo integrante para a enorme mesa, sempre farta.

A culinária tem espaço de muitas páginas porque continua tendo um grande espaço na vida. Para Dora, a cozinha é memória afetiva, saudade que se alivia com ingredientes. Continua mantendo tradições como o bolo de papos de anjo, que é obrigatório em todos os aniversários.

- Esse bolo que a gente faz nada mais é do que uma lembrança do passado.

Doces da época também não faltam, assim como o pão. As sopas da mãe ninguém nunca fez igual, ela garante.

- São receitas afetivas. Essas coisas fazem parte da vida!

Entre todas as filhas, Ignez era a única que não cozinhava. Dizia para Dora que não teve aptidão para as tarefas domésticas. Italiana de raiz, tinha o coração dividido de amores.

- No jogo de futebol, se jogasse Brasil e Itália ela batia palmas para os dois.

Uma pausa mais longa se fez necessária. Tia Ignez caiu, quebrou o fêmur e faleceu na mesma noite, em maio de 2003. Menos de dois meses depois, tia Irma foi se unir à irmã.

- Elas foram muito unidas em vida. Não ficariam longe...

Dora, que é só alegria, deixou a tristeza tomar conta. E não foi sem razão.

Passou a vida ao lado das tias. Ficou a lembrança e a herança maior.

- O valor principal que eles deixaram foi o amor familiar, a unidade, os valores de justiça. Essas foram as riquezas deixadas.

Olhando para si, ela vê muito de sua tia Ignez, de suas raízes italianas.

- Ela era comunicativa, e eu sou. Gostava de histórias e eu também.

O principal aprendizado, entretanto, foi o que lhe fez espantar a tristeza e seguir.

- A vida não foi sempre bonança. Teve altos e baixos. Mas o enfrentamento do problema foi o dom maior. Encarar e não chorar. Aprender que perdeu, tudo bem. Ganha amanhã!

Dora conseguiu finalizar o livro em 2017. No lançamento, na Casa da Memória Italiana, esteve com gente querida das antigas, com mais e mais lembranças a compartilhar.

O coração, então, ficou tranquilo.

- Eu cumpri a promessa que fiz de que deixaria registrada a passagem da família para sempre. O livro não se perde e as pessoas não morrem porque vivem no coração.

Missão e trajetória cumpridas com afeto: o principal ingrediente de qualquer receita.

“Encerra-se assim, a trajetória da família, sob a visão da filha caçula Ignez, através das suas lembranças curtidas e vividas, na certeza de que nunca se perde o que se ama, pois continuam vivos nas nossas mentes, nos nossos corações e nas nossas palavras.”



Fachada da Padaria Sul América, localizada na rua Américo Brasiliense com a Cerqueira César, Centro de Ribeirão Preto



Arquivo pessoal da família publicado no livro "O que você conta? O que conto eu?"

Ignez e sua sobrinha Doracy em 2003



Doracy segurando o livro que escreveu para registrar a história de sua família

Foto de abertura do capítulo:
Doracy mostra as fotos de seus avós Francesco Antônio Fascino e Amália Andreolli Fascino

SPOSITO



*Arte de Elson Sposito tem
raízes nas heranças
da família italiana*



Um senhor de bicicleta vendia caminhõezinhos de madeira em uma carrocinha acoplada. Passava pela rua e instigava a imaginação de um Elson ainda menino: “Um dia vou conseguir fazer isso”.

O caminho foi extenso até que o artista, enfim, alçasse voo. Elson Sposito fez Zootecnia, trabalhou com avicultura, empreendeu na área de autopeças: escreveu trajetória extensa e, então, se encontrou nas artes plásticas. Experiências que amadureceram a pessoa e o artista, que já pulsava gerações antes.

- Quando alguém elogia o meu trabalho é o trabalho deles que está elogiando também: dos meus pais, meus avós. Estou dando continuidade ao que eles começaram. Ficou tudo lá, incubado.

Na escola, ainda menino, recebeu elogios dos professores por uma releitura do Abaporu, de Tarsila do Amaral. Não era de surpreender. O trabalho de Elson, que arranca suspiros de todas as idades, tem raízes na família italiana, que fez arte de todo tipo.

Seus avós paternos tiveram uma encadernadora de livros na rua Sete de Setembro, Centro de Ribeirão. Costuravam à mão as capas duras, que resistem ao tempo e ajudam a aliviar a saudade. Seu pai pintava telas, que hoje estão expostas nas paredes da casa do filho. Só não pôde seguir com a arte porque precisava, junto com a esposa, manter a família.

Um de seus tios abriu uma fábrica de bonecas, Urubatan, na Vila Tibério. Seu pai produzia as fôrmas e sua mãe costurava os vestidos, fazia os cabelos, a maquiagem e, também restaurava peças.

- Os dois eram artistas!

Em meio à conversa, ele mostra um novelo feito com pedacinhos de barbante. É uma das heranças que guarda de seu avô materno, Vicente Aloí. A recessão que vivera na Itália fez com que, a vida toda, aproveitasse o máximo das coisas. Guardava, então, os pedacinhos de barbante que amarravam as embalagens caso precisasse, um dia, reutilizar.

Hoje, ninguém usa os fios desse novelo. É lembrança da origem, relíquia. Elson faz sua arte com material reciclado. Sua história é um emaranhado de fios outros, valores que recebeu em novelos, telas, bonecas, exemplo.

- Isso tudo tem uma importância na minha formação... até mais do que uma aula acadêmica.

São mais de cinco mil peças produzidas com arame reutilizado, papelão, materiais que poderiam ir para o lixo e ganham bela destinação. Ganha prêmios, expõe Brasil afora, tem esculturas espalhadas pelo mundo. Tudo feito com um artigo principal:

- É a emoção. Se não tiver, não sai do jeito que eu quero. Emoção é esse sentimento de lembranças, das raízes.

Crianças soltando pipas, brincando no parque, correndo. Bailarinas em poses. Um elefante de duas patas, que parece ter quatro. Cenas do cotidiano, lembranças da infância, nostalgia em forma de arte.

Da Calábria para o Brasil

São muitas histórias dentro da mesma trajetória. A cada nova fase, Elson avisa: “Aí, comece uma nova história”. Nosso início está na vinda ao Brasil, na chegada cheia de esperança.

- Não tem muita informação documental. O que sabemos é de ouvir os pais, os avós. O que a gente achou mais importante fica gravado na memória.

História oral, patrimônio que não tem forma.

Tanto a família materna quanto a paterna vivia na região da Calábria.

O avô materno, Vicente Aloi, nasceu em Cosenza e deixou a Itália por volta de 1915, como desertor da guerra.

Contava que estava servindo ao governo e fora escalado para o combate. No porto, prestes a embarcar, soube que havia um navio partindo para o Brasil. Conseguiu entrar na embarcação e nunca mais pôde voltar para seu país. Se fixou em Ribeirão Preto, onde trabalhava vendendo verduras de casa em casa.

A avó materna, Francisca Ritano, nasceu em Catanzaro, outra comuna da Calábria. Perdeu o pai muito cedo. Sua mãe se casou de novo e veio para o Brasil. Ela, ainda menina, permaneceu na Itália, na companhia do avô. Só após o falecimento dele é que pôde, já moça, vir ao encontro da mãe e, então, conhecer os irmãos, nascidos na nova terra.

Conheceu Vicente no Brasil. Se casaram e tiveram cinco filhos. A mãe

de Elson, Anna, foi a terceira. Nasceu em 1930. Era conhecida por todos como “Nenê”.

Nas lembranças que Elson tem da avó estão os muitos pratos caprichados. Ainda guarda o cilindro que ela usava para fazer a massa de macarrão e o moedor de café, sempre preparado na hora.

- Ela fazia muita comida italiana! Tinha um prazer tão grande em cozinhar! Bolos, pastéis, peixes. A casa era muito perto do Mercado Municipal, no Centro. Ela comprava muita coisa, fazia e distribuía para a família toda. Era para todo mundo.

Também se lembra da história que a avó sempre contava. Lá em Cantanzaro, estava com uma amiga indo levar marmita para os avós e pais, que trabalhavam no campo, quando foi abordada por um homem. As estradas eram muito vazias e ela dizia que o homem estava cavando um buraco. Pretendia violentá-las. Foram salvas por uma pessoa desconhecida, que apareceu de repente. A história marcou a trajetória da avó e foi replicada para filhos e netos. Elson também faz sua parte, compartilhando-a.

Na família paterna, o bisavô, Salvatore Sposito, e a bisavó, Rosa, não deixaram muitas informações sobre a partida da Itália. Elson sabe apenas que eram todos da região da Calábria.

Em Ribeirão, abriram um armazém na rua São José com a Prudente de Moraes, Centro. O tempo não permitiu que Elson convivesse muito com seus *bisnonnos*. A lembrança que tem é de ter ido, ainda menino, visitar o bisavô, já doente, na casa que ficava junto ao armazém.

- Tinha muito bacalhau pendurado, latas. Ele estava deitado na cama, tossindo muito. Morreu logo depois.

Seus avós, José Spósito e Maria Locatti, também de família italiana, tiveram a encadernadora de livros, na rua Sete de Setembro, por décadas.

Faziam exemplares para seminaristas, padres, toda gente letrada.

- Esse pessoal lia muito e queria conservar os livros bem. O meu avô fazia as capas duras e a avó fazia as costuras.

O primeiro livro que Elson leu, cujo exemplar ainda está conservado em sua casa, foi “Urupês”, de Monteiro Lobato, encadernado à mão pelos avós.

Tiveram três filhos. Seu pai, Francisco, foi o do meio. Assim como Anna, nasceu em 1930.

Se encontraram quase duas décadas depois.

Bonecas feitas com arte

Anna e Francisco se conheceram na praça Sete de Setembro. Vivendo no Centro de Ribeirão, passeavam sempre por ali. O casamento foi em 1950 e, a partir daí, “começa uma nova história”, como diz Elson.

Recém-casados, foram convidados pelo irmão de Anna, Domingos Aloí, para trabalharem na fábrica de bonecas que ele estava abrindo, em Jardinópolis. Passaram a viver na pequena cidade e começaram o trabalho na fabricação dos brinquedos.

Por volta de 1955, ano em que Elson nasceu, transferiram a fábrica para Ribeirão Preto, na rua Santos Dumont, Vila Tibério. O negócio cresceu. Chegaram a ter 30 funcionários, a maioria mulheres. Nesse início, quase todo o processo era feito à mão.

Seu pai moldava a escultura da boneca para as fôrmas de ferro fundido onde, depois, ia a modelagem de serragem e cola. O corpinho era feito de pano.

Uma das bonecas costuradas por sua mãe, dona Nenê, ficou famosa entre jovens adultas e era até difícil dar conta da demanda. Se chamava “Dorminhoca” e tinha um zíper na barriga, onde as mulheres colocavam, por exemplo, lingerie.

- Minha mãe contava que eles chegaram a vender mais de duas mil bonecas em um ano! Ela começava a trabalhar de madrugada.

Conforme a busca pelos brinquedos foi crescendo, o negócio foi se transformando. Passaram a comprar outros produtos para revender. Se adaptavam às festividades, com itens especiais para o Natal, Páscoa, Dia dos Namorados, Dia das Mães. Logo vieram também os importados.

Elson crescia ali, entre os brinquedos, na companhia dos primos e, depois, do irmão Nilson, cinco anos mais novo. Testavam os produtos, preenchiam a infância de novidade.

- Eu me lembro de quando chegou o primeiro autorama da Estrela, em 1972. O Fittipaldi tinha sido campeão. Foi uma alegria!

A diversão extrapolava os muros da fábrica, com a criançada da vizinhança na rua.

- As esculturas do brincar que eu faço hoje trazem essas brincadeiras. Bola, pião, pular do alto da escada. Eram brincadeiras sadias.

Trajatória, extensa

A infância foi farta do brincar, do convívio, da troca. Viviam em uma casa de quintal enorme, na Vila Tibério. Tinham jabuticabeiras, goiabeiras, galinhas e o cachorro Chaveiro.

Em uma véspera de Natal, o cachorro foi doado. Elson ainda se emociona para contar. Seus avós construíram uma casinha no quintal dos filhos, para estarem todos juntos, e algumas mudanças foram necessárias. Cortaram o pé de jabuticaba e doaram o cachorro, da raça policial, companheiro fiel de Elson.

- Marcou. Até hoje eu não esqueci.

Infância sempre lembrada. Lembranças transformadas em arte. Algumas delas, feitas de muita tristeza.

Um acontecimento marcou a história da família. Seu irmão, Nilson, faleceu em 1977, aos 16 anos, por um erro médico durante atendimento no hospital. Elson já estava com 21.

A comoção tomou conta da cidade. Os amigos organizaram passeatas, a família tentou superar a dor.

- Minha mãe nunca mais foi a mesma.

Elson tenta segurar a emoção ao falar. Tarefa difícil de conseguir.

Conheceu sua esposa, Elisabete de Carvalho, a Bete, de família portuguesa, quando os dois ainda eram adolescentes. Ela era irmã de um grande amigo dele, o que, no começo, causou alvoroço. Hoje, história para contar entre risadas.

Da mesma turma, estavam sempre juntos nas saídas, festas, cinema, cantorias nas praças. Nos momentos bons e ruins: ela também relembra a morte do cunhado com tristeza.

O namoro dura ainda hoje. Os dois são companheiros na arte e na vida. Na década de 70, ele fez Zootecnia na Unesp de Jaboticabal e ela Letras, na Unesp de Araraquara.

Formados, se casaram em 1979. A fábrica havia acabado de fechar as portas, por volta de 1977. A concorrência se intensificou, vieram os Shoppings e o negócio de tantos anos não aguentou. Hoje, o espaço é um local de eventos da família, preservando o nome Urubatan como memória.

Bete e Elson começaram a vida a dois, passo a passo. Ela dava aulas, ele trabalhou em avicultura, mas o negócio acabou fechando. Foi, então, de um emprego a outro até começar a trabalhar para a autopeças do tio, em 1983. A família precisou se mudar para Araçatuba, onde ficava a loja. Os três filhos vieram em escadinha: 1980, 1982 e 1984.

Viveram lá até 1995, quando voltaram para Ribeirão. Elson montou sua própria autopeças, que deu certo por um tempo, mas não era o que lhe realizava.

Vendeu em 2006, seguindo recomendações médicas:

- Meu médico falou: 'Ou você vende, ou fecha, ou vai morrer.' Não era para mim.

Sincero, confiava na sinceridade alheia e acabou levando alguns tropeços. Quando decidiu vender, já sabia para onde ir.

Arte como herança

A esposa, Bete, foi quem deu o impulso. Trabalhando como professora, ela não se limitava aos livros para ensinar. Gostava de inovar. A escola tinha concursos de arte e, então, ela tinha espaço para criar.

Imaginava uma boca grandona dos Rolling Stones cobrindo toda a sala e Elson confeccionava, com uma língua de tapete por um onde o público passava por toda sala. Pensava em uma fonte de palavras e o marido fazia acontecer. Os alunos entrando pelo cano? O artista tornava a expressão popular realidade. Bete conta:

- Todo mundo me perguntava se ele era artista. Eu imaginava e ele executava.

Usava todo tipo de material para as obras. Caixas, vidros, coisas que ia pegando no autopeças. Quando Bete se aposentou, logo depois que venderam a loja, Elson ficou perdido.

- Eu fiquei sem chão! Era muito gostoso de fazer!

Começou, então, a produzir peças em casa. Foi buscar lá atrás, nas memórias, as raízes para criar uma técnica própria. Arames reaproveitados, com silicone e cores, dão forma às mais diversas figuras.

Também confecciona esculturas com papelão, manequins e tudo o

que encontra e vê potencial artístico. A Vênus do século 21, uma manequim toda encapada de jornal, que tinha como base um cesto cheio de lixos, passou por diversos locais da cidade.

O empurrão que tornou seu trabalho conhecido foi em um show do Chico Anísio, aqui em Ribeirão Preto. Quis expressar sua admiração pelo artista transformando um de seus personagens, Pantaleão, em escultura aramada.

Chico adorou! E Ribeirão Preto também! Naquele mesmo ano, 2010, Elson foi contratado para confeccionar 200 peças, entregues de presente para os mais diversos artistas e autores que passaram pela Feira Nacional do Livro de Ribeirão.

Lutando contra o tempo, trabalhando dia e noite, com o apoio de toda a família, conseguiu entregar a encomenda. E não parou mais. Vieram outras, e outras, e outras.

Há quatro anos, passou a produzir peças baseadas nas obras de Portinari, que são expostas no museu de Brodowski. A infância pulsou ainda mais intensa.

- Brincar é um resgate. É transmitir o resgate das memórias para pessoas adultas.

Está sempre participando de encontros com a criançada de escolas, que se surpreendem: “Nós vamos conhecer um artista vivo?”

Ali, entre gente miúda, vê brotar sementes, como a menina que se encantou ao saber que seu avô, que é um catador de recicláveis, estava fazendo algo muito bom pelo meio ambiente. “Eu posso ser artista também?”, perguntou empolgada.

Em outubro de 2019, Brodowski se tornou cidade-irmã de Chiampo, na Itália, onde nasceu o pai de Portinari. Os italianos foram presenteados com obras de Elson. E lá foram elas cruzar o oceano, de volta às origens.

- Estamos muito ligados!

Aos 65 anos, o artista não pensa em parar: verbo que não conhece. Nos momentos de descanso, à noitinha, no sofá, arruma sempre um jeito de fazer alguma coisa.

Tem confeccionado estandartes de santos. Mastros coloridos, feitos com um pouquinho de um monte de coisas que ele vai coletando: fitas, medalhas, panos, grãos de café que, com arame, também se transformam em joaninha.

- Eu não tenho como expressar o que a arte é para mim. É tão importante que, se eu tiver qualquer preocupação de rotina, se torna mínima. É como se eu tomasse um remédio para tirar a dor. Um remédio desses: não tem terapia melhor!

Entre todas as artes, a que mais gosta nasce com destino certo. Os netos Lara, Theo e Elis ganham prédios, foguetes, caminhões, navios que o avô confecciona. Passam as tardes entretidos com os brinquedos feitos pela mão do avô, com um toque dos bisavós e tataravós.

Nenhuma outra peça industrializada é mais querida.

- É o trabalho que eu mais tenho prazer em fazer, por causa da alegria que eles ficam. É maior do que qualquer encomenda com valor financeiro.

Conta orgulhoso que o pequeno Theo, 5 anos, já faz desenhos com noção de perspectiva. Pede, inclusive, que o avô siga seus “projetos” na confecção dos brinquedos.

Herança que continua a ser passada, de mão em mão. Conhecimento que não se aprende em livros ou teorias. O afeto, que tem raízes lá atrás, é o grande professor.



Pai de Elson ao lado de uma das telas que pintou, acompanhado por um sobrinho



*A avó materna de Elson, Francisca
Ritano*



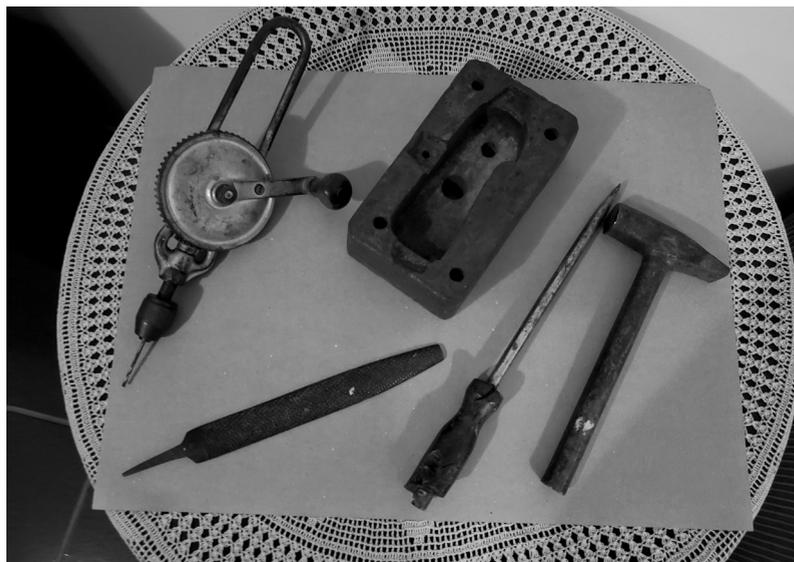
*A avó, Maria Locatti Sposito, ao lado do filho
José Luiz*



Mãe de Elson, Anna, que era chamada de Nenê



Casamento de Francisco e Anna, pais de Elson



Instrumentos que eram utilizados na fábrica de bonecas Urubatan



Heranças de família guardadas, entre elas uma maquininha usada pela avó de Elson para fazer macarrão



Elson ainda bebê



Francisco e Anna com os filhos Nilson e Elson na praia, em 1967



Elson e a esposa Bete na sala de casa. Na parede, as telas pintadas pelo pai de Elson, Francisco Sposito



Elson Sposito com suas obras

Foto de abertura do capítulo:
Família Sposito no Brasil por volta de 1937

SPEDICATO



*Vincenzo Spedicato: coração
dividido entre a Itália
e o Brasil*



 história de fé foi compartilhada pelos filhos e netos. Depois de combater na Primeira Guerra Mundial, o avô paterno de Vincenzo Spedicato viu seus cinco filhos partirem para a Segunda Guerra.

Fez uma promessa: se visse todos eles voltando, poderia ficar cego. E ficou. Perdeu a visão pouco depois que seus meninos retornaram para casa, fisicamente bem. As marcas psicológicas de uma guerra, ele bem sabia, não vão embora.

Partir para o Brasil foi decisão justificada pela tristeza do pós-guerra que pairou nas memórias de sua família italiana. Vincenzo Antônio Spedicato, neto, filho e sobrinho de combatentes, não quis o serviço militar também em sua trajetória.

- Eu tinha aversão. Nasci no pós-guerra. Achei uma solução para não perder dois anos com isso que eu tanto abominava.

Um amigo lhe contou que, para não precisar servir à Marinha da Itália, ele poderia prestar serviços técnicos em países em desenvolvimento, como uma permuta. Não teve dúvidas. Em poucos meses, encontrou uma forma de colocar a ideia em prática.

O pai, Giuseppe Vittorio Spedicato, talvez por perceber do que escapava o filho, deu apoio. A mãe, Chiara Vetere Spedicato, se entristeceu. Palpite de mãe não se engana. O dito vale no Brasil, na Itália ou em qualquer parte do mundo.

- Ela sentiu que eu não iria voltar.

Talvez, percebesse que, além do horror à guerra, outro sentimento também pulsava dentro do Vincenzo de 20 anos.

- Minha cidade, apesar de cheia de histórias, era pequena, com poucas oportunidades. Eu queria um lugar onde pudesse realizar meus sonhos, que eram grandes. Minha vontade de vencer superou todos os percalços. Eu sempre tive em mente que queria ter uma indústria.

Em 1968, então, ele deixou Veglie, província de Lecce, na Itália, dizendo que iria voltar. Mas o palpite da mãe estava mais certo. No Brasil, realizou sonhos, constituiu família, construiu sua indústria com atuação mundial.

Na foto, posa com um globo terrestre nas mãos: retrato de um italiano que partiu em busca de conquistar o mundo. Começou com cinco funcionários e hoje são 1,5 mil. Aos 71 anos, quer continuar com seu propósito.

- Quando você percebeu que deu certo? Que você conseguiu realizar o que queria?

Pergunto, e a resposta vem rápida:

- Não percebi ainda. Eu olho e penso: 'O que eu fiz?'. Se eu pensar nisso, estou chegando no fim. Agora, eu estou no meio.

Família de histórias

Para conseguir amenizar a saudade de casa, que nunca foi embora, Vincenzo precisou criar estratégias. Comer macarrão todos os dias é uma delas. Foi promessa feita lá na infância.

- Minha mãe queria que eu comesse legumes, verduras, e eu só queria macarrão. Pensava: 'Quando crescer, vou comer macarrão todo dia'. Faz pouco tempo me dei conta de que estou cumprindo essa promessa.

Também é apaixonado pela música italiana, que lhe foi apresentada pelo avô, e, nos últimos 15 anos, consegue visitar a Itália anualmente. No começo, as viagens eram espaçadas.

Conta, tentando conter a emoção, que sua mãe faleceu dois anos após sua partida, aos 49 anos. Depois disso, teve certeza de que não voltaria mais.

- Quando o cordão umbilical foi cortado, as agruras de deixar a família, todos esses sentimentos se transformaram em vontade de vencer.

Era o único filho homem de pai e mãe, que tiveram também três meninas. Depois, o pai se casou novamente e teve outros dois filhos.

Giuseppe Spedicato era agricultor, na pequena Veglie, que hoje tem entre 14 e 15 mil habitantes. Seguiu os caminhos de seus pais, Vincenzo Spedicato e Luigia Bisconti.

Os avós maternos, Vincenzo Vetere e Addolorata Potí, eram artesãos, com uma fábrica de sapatos.

De raiz muito católica, a rotina de domingo da família era a missa.

Vincenzo conta que, com esse contato na igreja, pôde aprender o latim.

Nasceu em 10 de dezembro de 1948. E faz um adendo:

- É o dia, mês e ano da Declaração Universal dos Direitos Humanos. Uma das maiores conquistas da humanidade. Nunca houve tão significativa evolução do ser humano na conquista da civilidade.

Entre as lembranças da família, não pode passar pela guerra sem notas. Seu pai integrou o exército de Mussolini. Contava que, já no final da Segunda Guerra, os ânimos entre soldados italianos e alemães ficaram acirrados. Apesar de serem aliados no começo, alguns soldados italianos foram presos em campos de concentração da Alemanha.

Enquanto jovem, preferia silenciar suas lembranças. Só na velhice compartilhou com os filhos um pouco do que lhe afligia. No campo, era ordenado a levar prisioneiros para o “banho”, sem saber se voltariam ou se seriam mortos.

Um dia, se deram conta de que estavam sozinhos ali. Os guardas alemães haviam ido embora. Com medo e sem saber o que estava acontecendo, empreenderam fuga a pé. Foram caminhando da Alemanha até a Itália, escondidos durante o dia e andando à noite. Só souberam que a guerra havia acabado quando, finalmente, chegaram ao destino.

Giuseppe foi presidente de uma associação que prestava apoio aos combatentes e suas famílias. Na casa de Vincenzo, havia latas de mantimentos que o pai distribuía. Já grandinho, ele foi compreender que se tratava do Plano Marshall, iniciativa dos EUA para reconstrução dos países aliados no pós-guerra.

Seu pai distribuía mantimentos para famílias que foram para a guerra. Muitos dos homens das casas não haviam retornado. Todas essas vivências falavam alto dentro do Vincenzo jovem.

- Por isso, quando eu vim para o Brasil o meu pai falou: ‘Vai’. Com a guerra, ele se tornou um homem do mundo.

Vincenzo conta que sempre foi muito estudioso. Entrou na escola aos cinco anos e, aos 21, quando partiu, já estava formado em Engenharia Elétrica.

- Eu nunca havia pensado em morar em outro lugar. Mas sentia que meu mundo lá era muito pequeno. Acabei mudando de cidade, de país e de continente.

Chegou com emprego em uma empresa de telefonia. Viajava o Brasil todo, no tempo em que o telefone ainda era de manivela nas cidades do

interior. Esteve em Orlândia para implantar o sistema de telefonia da empresa, e se encantou.

- É como se estivesse replicando minha cidade lá na Itália. Em cada rosto daqui, vejo um amigo de lá.

Havia encontrado o lugar perfeito para implantar o sonho. E se apressou em começar. Pediu demissão e, em 1973, fundou sua própria empresa: Intelli (Indústria de Terminais Elétricos), com cinco funcionários.

Nesse começo, produzia terminais elétricos, luvas de emenda e conectores. Hoje, possui portfólio com quase 10 mil produtos para os setores de transmissão e distribuição de energia, sistemas de aterramento e de transmissão de dados.

Foi por volta da década de 70 seu primeiro casamento, que lhe trouxe dois filhos, Renzo e Chiara. Nesse começo, dividia os turnos. Na metade do período cuidava da empresa recém-aberta e na outra parte do dia prestava consultoria para telefonia. Era preciso manter as contas.

A empresa foi crescendo, expandindo territórios para além da pequena Orlândia. Em 1990, passou a atuar também na produção de bimetálicos, que consiste na utilização de dois metais diferentes na produção do mesmo fio, combinando as propriedades dos materiais puros de maneira otimizada, segundo a necessidade dos clientes.

Hoje, 47 anos depois, o grupo possui um complexo fabril com quatro unidades na cidade de Orlândia, uma fábrica em Campinas e outra em Três Lagoas (MS) e exporta para 60 países.

- A sorte só ajuda o audacioso. O cara que não faz nada nunca vai ter sorte.

Compartilha a frase que ouviu na história das conquistas do Império Romano, em latim: *“Audaces fortuna juvat”*.

Futsal: paixão brasileira

Foi encantamento ao primeiro gol. Logo quando chegou no Brasil, Vincenzo se encantou pelo futsal. Mas fez uma ressalva: “Esse esporte deveria estar na Itália, que é frio. Não nesse calor, jogando em ambiente fechado”.

Não levou o futsal para lá, mas tomou o esporte como uma paixão brasileira.

Procura estar sempre envolvido na comunidade das cidades onde vive. Enquanto morou em Orlândia, participou de associações, entidades na cidade. Depois que se mudou para Ribeirão Preto, após o segundo casamento, em 1989, manteve a mesma conduta por lá.

Do segundo matrimônio, com Márcia Prudente Correa, sua atual esposa, vieram os filhos Marina, Lorenzo e Fiorella.

O esporte, assim, está entre um dos legados que se orgulha em deixar. Criou o time de futsal de Orlândia. Como presidente e financiador, viu a equipe conquistar prêmios e se tornar conhecida Brasil afora.

Foi tema de reportagens no meio esportivo por uma característica peculiar. Tinha lugar cativo no banco de reservas, para estar perto dos jogadores. Era registrado como massagista, apesar de nenhuma vocação para a função. Uma maneira de manter-se ali: pertinho do campo, sentindo o cheirinho da bola balançando as redes.

- O que eu faço aqui em Orlândia é para retribuir à cidade o que ela me deu ao me acolher.

Também encontra uma forma de estar conectado com sua terra natal e com Ribeirão Preto, onde mora há três décadas, com caminho de ida e volta diário para Orlândia.

Há 18 anos, foi nomeado vice-cônsul da Itália na região. Comprou uma casa em Ribeirão e transformou em consultado. Em 2007, realizou ópera no Theatro Pedro II para comemorar a ponte entre Itália e Brasil, com homenagem à sua mãe, Chiara.

- Eu devolvi tanto para a sociedade aqui, então tenho que devolver também para a minha pátria, que me deu o natalício.

Coração dividido

Em toda entrevista, uma pergunta Vincenzo se negou a responder. Garantiu que essa resposta vai levar consigo, quando partir dessa terra. Quando jogam Brasil e Itália, para quem vai a torcida do coração?

- Eu já sou campeão por antecipação. Se ganhar o Brasil, sou campeão. Se ganhar a Itália, também sou. Mesmo que exista uma preferência, vou esconder até o meu túmulo. Quem você honra? A mãe nativa ou a mãe que te adotou?

Tem dupla cidadania, buscando honrar as duas pátrias do coração. E ensina esse amor para os filhos, brasileiros de nascença e italianos em raízes. Entende a importância de se preservar a história.

- Ninguém pode olhar para frente sem olhar para trás. A vida é uma corrente. Se você perder algum elo, se perde.

Vice-presidente da Casa da Memória Italiana, participou da fundação da instituição.

- O homem tem memória curta. Um monumento é lembrar de alguma coisa que aconteceu. Se não houver o monumento, o homem perde a história, um elo de sua vida, e perderá a si próprio.

Na sua sala, lá na empresa, honrarias, homenagens, quadros e fotos se multiplicam pelas paredes. Reconhecimento pela trajetória.

O pai conta, cheio de orgulho, que seus quatro filhos estão trabalhando na empresa. A caçula, ele espera, logo há de vir. Assim como os netos. E por aí vai.

- Hoje eu não tenho mais o direito de vender. Não tenho o direito de vida e de morte sobre a empresa. Quantos trabalhadores estão aqui? Penso em perpetuar as coisas através dos netos. Tenho que ensinar a voar para ter sucessão. Não é simplesmente deixar patrimônio.

Os filhos estão ali, mas ele continua trabalhando. Na empresa, a seriedade é pilar. Diferente da postura descontraída de casa.

- Não pode confundir seriedade com tristeza. Você sai para a vida e tem que desempenhar papéis.

As pessoas próximas até falam: por que não diminuir um pouco o ritmo? Nesse assunto, Vincenzo é italiano teimoso. Não tem conversa.

- Estou com 71 anos, mas me sinto como alguém de 30. Vou me esforçar para ver onde vou chegar. A vida é isso para mim: uma missão. Quanto mais você faz, mais tem que trabalhar para cuidar do que construiu.

Segue trabalhando e garante: tem ainda muita história para escrever.



*Chiara Vetere e Giuseppe Spedicato:
pais de Vincenzo*



*Ópera realizada por Vincenzo no Theatro
Pedro II para comemorar a ponte entre
Itália e Brasil, com homenagem à sua
mãe, Chiara*



*Giuseppe Spedicato, pai de
Vincenzo*



Vincenzo na Itália, pouco antes de embarcar para o Brasil, por volta dos 21 anos



Vincenzo e suas irmãs Luigina, Maria e Ada



Vincenzo e a esposa Márcia



Família Spedicato: Vincenzo rodeado pela esposa, filhos e netos



Vincenzo e seu pai, Giuseppe

Foto de abertura do capítulo:

Vincenzo Spedicato: coração dividido entre a Itália e o Brasil



CICIARELLI



*Marcelo Ciciarelli:
Medicina e música na
história da família italiana*



Ma profissão, há heranças de família. Marcelo Ciciarelli, neurologista, seguiu os caminhos do pai. No hobby preferido, mais raízes de outrora. Fez curso de culinária e reúne a família à mesa para as delícias da cozinha, como faziam seus avós e seus pais.

A descendência italiana é presente na história e na rotina do médico. Só faltaram os dons musicais, diz, entre risos. Nessa área, deixou o talento para o avô, músico consagrado em São Simão e Ribeirão Preto, e para o pai, que tocava piano. Aprendeu a apreciar e a bem ouvir, não há dúvidas. Trilha sonora para os momentos de gastronomia.

Busca, em tempos atuais, resgatar a história da família, tão bem guardada pelas tias em recortes de jornais organizados em álbuns e outros registros.

- A família é a parte mais fundamental da sociedade. A célula mais importante. Conseguir que a família esteja unida, em harmonia, faz com que a sociedade seja melhor. Se todas tivessem essa característica, teríamos um mundo melhor.

Música que veio da Itália.

São dezenas de recortes de jornais e homenagens para Ovídio Ciciarelli. “Maestro Ciciarelli, um nome de que devemos nos orgulhar. Merece nosso culto, nossas homenagens, nossa saudade”, escreveu em um recorte de jornal sem data Altino Bondessan, escritor, poeta, compositor, músico, jornalista e advogado nascido em São Simão, que se tornou expoente do cenário cultural de São José dos Campos.

Ovídio fez história na música. Os jornais falam em mais de 400 composições, algumas premiadas, e outras que ficaram na memória de muita gente. Trajetória bonita, eternizada na Banda Municipal de São Simão, batizada em 1987 com seu nome.

O sobrenome sinaliza. A história desse maestro nasce lá na Itália. O avô de Marcelo deixou Cosenza, comuna San Pietro in Amantea, na Itália, por volta dos dois anos de vida, em 1904. Partiu com os pais, Pascoale e

Maria Guido, e os irmãos.

Se fixaram em São Simão, e Marcelo não tem muitas informações sobre essa transição ou o passado na Itália. Sabe que ali, na cidadezinha da região de Ribeirão Preto, o avô cresceu e se tornou querido.

Aos oito anos, Ovídio já tocava em bandas da cidade. No jornal “O trabalho”, de 1987, seu dom é exaltado como polivalência: “Executava com brilhantismo, e sobretudo inspiração, todos os instrumentos excetuando-se o violino”.

As reportagens também enalteciam seu sucesso rápido. Aos 18 anos começou a compor e aos 20 já era maestro de uma banda conhecida em toda região: Giuseppe Verdi. O nome, inspirado em um grande compositor da Itália, sinalizava a forte influência da cultura italiana na pequena cidadezinha.

Ovídio tocou também na Orquestra Brasil, na época do cinema mudo. As bandas acompanhavam o desenrolar do filme, dando trilha sonora às imagens. Maestro Ovídio estava lá.

Foi professor de música em instituições diversas, onde ocupou também cargos de gestão. Entre as composições que ficaram para a história está o hino “Marchai Paulistas”, que compôs na Revolução de 1932 para os voluntários de São Simão.

Em julho de 1921 se casou com Ophélia Ribeiro, fluminense, de Barra Mansa, que foi morar no interior de São Paulo. Marcelo acredita que os avós se conheceram na pequena cidade. Tiveram cinco filhos. O caçula, Francisco de Assis, pai de Marcelo, nasceu em 1935, quando a família já vivia em Ribeirão Preto.

Se mudaram para a cidade maior, mas Ovídio continuou a deixar escancarado seu apego por São Simão. Foi músico da Orquestra Sinfônica de Ribeirão e continuou dando aulas de música na cidade. “Dedicou toda a sua vida à família, ao magistério e principalmente à música, que constituía a própria razão de sua existência”, diz o mesmo jornal “O trabalho”.

Em vida, manifestou à família o desejo de ser sepultado em São Simão. Faleceu em 15 de novembro de 1946, aos 54 anos de idade, por um câncer no pulmão. Marcelo não chegou a conhecê-lo. “Naquela cidade veio a falecer, ainda em plena jornada, quando muito se esperava ainda de sua capacidade musical”, lamentou o mesmo Altino Bondesan, em outro artigo, de 1988.

Em 1987, a banda municipal recebeu seu nome, em homenagem. No

decreto que institui o batismo, os argumentos vão de suas “incontáveis composições, algumas românticas, outras inflamadas, exortando em seus companheiros o sentimento de patriotismo” até a eternidade de sua paixão: “46 anos após seu passamento, quando se fala em música em São Simão o primeiro nome lembrado é o do Maestro Ovídio Ciciarelli”, conforme consta no documento daquela data.

A história do italiano, que se radicou brasileiro, foi e ainda é orgulho para a família. Os recortes colados cuidadosamente e guardados pelas filhas bem o demonstram.

- Ele foi muito conhecido e querido!

Nas palavras de Marcelo.

A Medicina do pai

Quando Ovídio faleceu, Francisco, caçula de cinco irmãos que se tornaria pai de Marcelo, tinha apenas 11 anos. Na trajetória voltada à Medicina, houve, então, uma dose alta de esforço.

Francisco de Assis Ciciarelli se formou na Universidade de Medicina de Ribeirão Preto, da USP (Universidade de São Paulo) e, conforme o filho conta, cheio de orgulho, foi o primeiro residente em neurologia da cidade.

- Os professores dele fundaram a residência e ele foi o primeiro.

Se formou em Medicina em 1961 e, em 1962, se casou com Rosa Maria Cedrinho, que era de Serrana, se formou professora em Ribeirão Preto e lecionou até se aposentar.

Tiveram cinco filhos: Marcelo, Maurício, Andréa, Marcos e Luciano. Família grande, esforço redobrado. Marcelo conta que, no final da década de 60, seu pai precisou interromper a residência em neurologia em alguns momentos, para intensificar os plantões como clínico geral e manter a família, junto com a esposa, sempre em sala de aula.

Foi por esse motivo também que ele não pôde se dedicar à carreira acadêmica. Atendeu em Ribeirão e cidades da região. Além do consultório particular, atuou pelo INAMPS (Instituto Nacional de Assistência Medicina da Previdência Social).

Como hobby, herdou a musicalidade de seu pai. Tocava piano e era

um conhecedor de música clássica. Nas lembranças do filho, Francisco era um homem estudioso, que conversava sobre tudo e lia muito. Continuou trabalhando até o ano passado, quando faleceu aos 84 anos por uma infecção pulmonar.

- Ele era muito inteligente. Uma pessoa inspiradora mesmo.

A Medicina do filho

A Medicina foi uma escolha quase natural, porque Marcelo não se lembra de pensar em outra opção. De menino, gostava de operar as lagentas que encontrava pela casa. Fazia suas cirurgias ali, pensando no futuro.

Aos domingos, a família saía para comer pizza e, se o pai tinha que passar no hospital por algum motivo, o filho o acompanhava.

Puxando os fios da família, descobriu que o bisavô, pai de Ophélia, Napoleão Ribeiro, também era médico. Raízes que pulsam.

- A Medicina era o exemplo de casa. O que eu via me atraía muito: tratar, curar.

Quando entrou na Universidade de Vassouras (RJ), em 1981, tentou não gostar de neurologia. Esforço vão.

- Eu pensava: não vou fazer só porque meu pai é neuro. Mas foi bastante natural. Não teve como fugir.

Se encantou logo. E seguiu os caminhos de Francisco. Fez residência em São Paulo, em 1988, terminou em 1990 e voltou para Ribeirão Preto. Chegou a trabalhar junto com o pai, no mesmo consultório, por 10 anos. Depois, foi seguindo seus caminhos.

Cursou o Mestrado e o Doutorado na USP de Ribeirão Preto e, complementando um trajeto que o pai não pôde traçar, seguiu pela carreira acadêmica. É professor titular em neurologia na Barão de Mauá. Sua especialidade é cefaleia, área que o pai também gostava.

- A dor de cabeça é incapacitante. Impacta em todos os domínios da vida da pessoa. Os resultados mostram que 80% apresentam melhora com tratamento. É muita satisfação poder aliviar essa dor e melhorar a qualidade de vida.

Tempo que reúne

Quando não está no consultório e na faculdade, o melhor lugar para Marcelo é a cozinha. Há uns cinco anos fez curso de chef para aprimorar ainda mais o hobby, que tem raiz lá na Itália.

- É uma herança italiana muito forte. Normalmente, cozinho pratos italianos. Desde as carnes, até as massas, risotos.

A tradição de se reunir à mesa vem de dois lados. Se casou com Daniela Coselli, filha de italiano, que também trouxe suas heranças e costumes.

Aos sábados o almoço é, impreterivelmente, na casa da mãe de Marcelo. No domingo, se reúnem na casa dos pais de Daniela, com o mesmo rigor impreterível.

Os três filhos de Marcelo e Daniela estão sempre com eles, assim como os outros nove sobrinhos, que somam os 12 netos de Rosa Maria e Francisco Ciciarelli.

- Quando cozinha, você tem que ficar concentrado no que faz e esquece de tudo. Eu gosto de comer bem, de comida boa. E é um ato que reúne a família: você cozinhando, todo mundo em volta. É um lugar de confraternização.

Marcelo assume o fogão.

- A gente vai para almoçar e fica até à noite. Famílias unidas criam uma sociedade melhor. O italiano tem muito disso! E a gente tenta passar isso para os filhos, tanto que eles estão sempre participando. Meus pais tiveram essa virtude, de conseguir essa união.

Há um elo perdido com a família italiana. Depois que os bisavós deixaram a Itália, o contato nunca foi restabelecido. Viajou para a Itália algumas vezes, mas não retomou os laços com os Ciciarelli que ficaram por lá. Também perdeu o contato com os irmãos de seu avô, Ovídio, que se espalharam pela região de São Simão.

Marcelo lamenta. Por outro lado, há motivos para comemorar. A união com seus irmãos é firme, celebrada aos sábados, vivida na rotina.

- Somos muito unidos. Minha mãe faz 81 anos neste 2020 e está sempre com os filhos e netos.

Entre os netos de Francisco e Rosa Maria, um seguiu pela psiquiatria e outras duas estão cursando psicologia. Sobrinhos de Marcelo, que herdaram de duas gerações o encantamento pela mente humana. E seguem pela terceira.

- Somos muito ligados a esse lado neuropsíquico.

Depois que o pai faleceu, Marcelo busca dar continuidade à história da família, resgatar os registros guardados pelas tias. Retomar os fios dessas memórias. Seu irmão é um dos guardiões das lembranças. Já tem bastante coisa, busca ainda outras.

O principal, não lhe falta.

- É fundamental ter a história da família. A família é a parte mais importante da sociedade.

Tem sua convicção. A história nunca para. É sempre tempo para retomá-la!



Ovídio Ciciarelli



*Batuta utilizada pelo
maestro Ovídio Ciciarelli*

Marchai, Paulistas!

MARÇA CANÇÃO
dos Voluntários Simenenses

Embalsamem de novo a cruzada!
Paulista de novo de glória!
Esperamos pela futura república,
Que o Brasil quer e não aceita!
Os Simenenses lutam bravemente,
Do Simão até ao rio Paraíba,
Poderemos libertar São Paulo,
Para a honra do nome Brasil!

Nos braços fortes de nós,
O dia de Luz e de liberdade,
Do Brasil, do Brasil, do Brasil,
Do Brasil, do Brasil, do Brasil!
Partidários e soldados,
Do Brasil, do Brasil, do Brasil,
Do Brasil, do Brasil, do Brasil,
Do Brasil, do Brasil, do Brasil!

Marchai, Paulistas!
Temos a vitória! Lá!
Marchai, Simenenses!
Marchai, Simenenses!

Embalsamem de novo!
Viva o nome que de nós!
Marchamos ao lado do nome Brasil,
Marchamos ao lado do nome Brasil!
Marchamos! Para a guerra,
Para a honra do Brasil!
A cruzada que São Paulo sempre!
É de nós e com nome e vitória!

Musica de
Ovidio Ciciarelli

Letra do Prof.
Octavio Medici



(PROPRIEDADE RESERVADA)

MARÇAI PAULISTAS!
(Marcha dos Voluntários Simenenses)
Música de Ovidio Ciciarelli
Letra do Prof. Octavio Medici



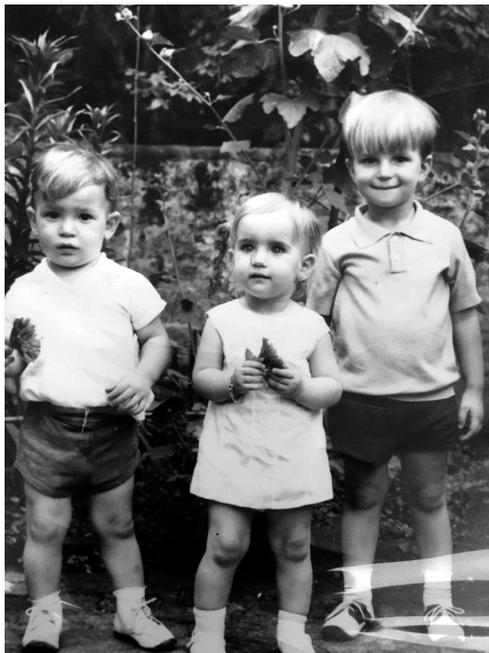
FANTASIA
Marcha Simenense

Partitura musical para piano e voz com letras em português.

*Partitura e letra do hino “Marchai Paulistas”,
que Ovidio Ciciarelli compôs na Revolução de
1932 para os voluntários de São Simão*



Dr. Francisco e Rosa Ciciarelli, pais de Marcelo



*Marcelo Ciciarelli e os irmãos Andréa
e Maurício*



*Dr. Francisco Ciciarelli com os irmãos José
Roberto e Maria Aparecida*



*Francisco Ciciarelli, o filho Marcelo Ciciarelli
e o neto, Leonardo Ciciarelli Pereira Lima: três
gerações de médicos*



Rosa Maria Ciciarelli com filhos, noras e genro

Foto de abertura do capítulo:
Dr. Marcelo Ciciarelli: Medicina e música na história da família italiana

